U.PORTO

FACULDADE DE DESPORTO
UNIVERSIDADE DO PORTO

Percursos alternativos – o *parkour* enquanto fenómeno (sub)cultural

Monografia realizada no âmbito da disciplina de Seminário do 5º ano da licenciatura em Desporto e Educação Física, na área de Recreação e Lazer, da Faculdade de Desporto da Universidade do Porto

Orientador: Prof. Doutora Ana Luísa Teixeira Nunes Pereira

Rui Gonçalves de Carvalho

Porto, 2007

Provas de Licenciatura
Carvalho, R. (2007). *Percursos alternativos – o parkour enquanto fenómeno (sub)cultural.* Porto: R. Carvalho. Dissertação de Licenciatura apresentada à Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.

Palavras-chave: PARKOUR; FREE RUNNIG; SUBCULTURA; DESPORTOS ALTERNATIVOS URBANOS

AGRADECIMENTOS

À Professora Ana Luísa, pela disponibilidade demonstrada desde o início, pela paciência, pelos valiosos conselhos e sugestões, pelas palavras de incentivo, nunca esquecendo todas as vírgulas e acentos que, certamente, tornarão a leitura deste trabalho mais agradável.

À minha mãe, por todo o apoio, e por ser tão organizada e metódica, características que me influenciaram (embora nem sempre consiga demonstrá-lo), e que tanto me ajudaram ao longo deste trabalho.

Ao meu pai, pelas palavras de incentivo, por ter sido uma das grandes influências no meu gosto pelo desporto, e mais importante ainda, pelo meu gosto por percursos alternativos.

Ao meu irmão Tiago, por me ter dado a conhecer a L12. Sem a tua sugestão possivelmente teria partido para outro tema.

À Paula, pela boa disposição, pelas palavras de incentivo nos momentos mais "polémicos" e pelas valiosas sugestões bibliográficas.

À L12, pela abertura com que me receberam, por me terem feito sentir "em casa" desde o primeiro momento, pelo interesse demonstrado no trabalho, pela amizade, e por terem transformado por completo a minha visão do espaço que nos rodeia.

À Li, pela paciência pela compreensão, por estares sempre presente, pelo teu apoio, pelo teu exemplo, por me fazeres querer ir sempre um pouco mais além, e acima de tudo, pelo amor. Foi um ano difícil. Obrigado por me aturares.

... a todos que, de alguma forma, tenham contribuído para uma das experiencias mais enriquecedoras que tive até hoje. A todos, muito obrigado.

Índice

Agradecimentos	III
Resumo	IX
Abstract	XI
Résumé	XIII
1 – INTRODUÇÃO	15
2 – REVISÃO DE LITERATURA	23
2.1 - Significado do termo cultura	25
2.2 - Significado do termo subcultura	27
2.3 - As subculturas	30
2.3.1 – Ideologia	31
2.3.2 - Resistência social	37
2.3.3 - Construção da Identidade	42
2.3.4 - Simbologia e Estética	46
2.4 - Estado da arte	53
2.5 - Desportos Alternativos no Âmbito das Subculturas Urbanas Contemporâneas	56
2.5.1 - A Apropriação do Espaço Urbano	56
2.5.2 - Desportos Alternativos Urbanos	60
2.5.2.1 - O *Skate*	61
2.5.2.2 - O *inline skating*	63
2.5.2.3 - O *bmx Freestyle*	64
2.5.3 - O Parkour	66
2.5.3.1 - A breve história	68
2.5.3.2 - O conceito	67
2.5.3.3 - Progredindo através da cidade	68
2.5.3.4 - Percorrendo o mundo	71
2.5.3.5 - O panorama nacional	72
3- CAMPO METODOLÓGICO	75

3.1 - A construção do quadro teórico 78

3.2 - O Grupo de Estudo 79

3.3 - O *Corpus* de Estudo 79

3.4 - Processo de recolha de dados 80

3.4.1 - A pesquisa no terreno/observação participante 80

3.4.2 - As entrevistas 85

3.4.2.1 - A construção das entrevistas 86

3.4.2.2 - A realização das entrevistas 89

3.5 - A análise de conteúdo 90

3.5.1- Construção das categorias de análise 91

3.5.2 - As categorias 93

3.5.2.1- A Ideologia 94

3.5.2.2 - A resistência social 94

3.5.2.3- Dinâmica de grupo e construção da identidade 95

3.5.2.4 - Simbologia e estética 95

3.5.2.5 - A independência face ao fenómeno global 96

3.5.2.6 - A relação com o espaço de prática 96

4 – APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS 99

4.1 - Análise das categorias 101

4.1.1 – Ideologia 101

4.1.1.1 - A influência musical 101

4.1.1.2 - A relação com as artes marciais 103

4.1.1.3 - A competição no parkour 105

4.1.1.4 - Parkour ou Free Running? 108

4.2 - Resistência social 110

4.3 - Dinâmica de grupo e construção de identidade 115

4.4 - Simbologia e estética 121

4.5 - Independência face ao fenómeno global 126

4.6 - Relação com o espaço envolvente 128

4.7 - Relação entre as categorias 133

5- CONCLUSÕES 137

6- REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 147

ANEXOS – SISTEMA CATEGORIAL CLVII

Índice de Imagens

Fig.1 – Cat leap 69

Fig.2 – Turn vault 69

Fig.3 – Wall run 69

Fig.4 – Monkey vault 70

Fig.5 - Kong 70

Fig.6 – Tic tac 70

Resumo

À medida que a literatura relacionada com a sociologia do desporto vai crescendo, permanece a necessidade da existência de tentativas de compreensão da cultura e motivações dos participantes dos desportos alternativos. O facto de, do ponto de vista sociológico, o parkour se apresentar como uma página em branco foi o incentivo para iniciar um estudo a este nível, constituindo esta lacuna o principal factor que traçou o rumo do trabalho. Através da representação etnográfica de um segmento (a L12) do fenómeno que é o parkour, propusemo-nos analisar um grupo de praticantes de um desporto alternativo urbano e a sua relação com o meio envolvente para tentar entender se se constituem, ou não, como parte de uma subcultura. Para tal, recorremos à observação participante como meio privilegiado de obter a informação que necessitávamos. Como meio complementar surgiram as entrevistas semi-estruturadas que permitiram aprofundar o conhecimento obtido a partir da observação participante. Os dados obtidos foram sujeitos à análise de conteúdo, a partir da qual se constituiu o sistema categorial composto pelas seguintes categorias: Ideologia; resistência social, dinâmica de grupo e construção de identidade; simbologia e estética; independência face ao fenómeno global; relação com o espaço de prática. Como principais conclusões, podemos dizer, então, que este, mais que um desporto, é um fenómeno, que apesar da sua curta história já se encontra imbuído de uma carácter muito próprio, através do qual está a mudar a forma como cada vez mais jovens vivem o espaço urbano, e a relação com a restante sociedade. Nele encontrámos presente uma identidade própria; um carácter de resistência social que se manifesta especialmente na luta por um espaço de expressão; uma dinâmica de grupo com normas e valores próprios que condicionam o percurso de construção de uma identidade dentro do grupo; uma estética relacionada, por um lado, com a forma como o espaço é explorado, e por outro, com a funcionalidade do vestuário; um afastamento face à evolução do panorama global do parkour e, por fim, uma nova forma de relação com o espaço urbano.

Palavras-chave: Parkour; Free-Running; Subcultura; Desportos Alternativos Urbanos.

Abstract

While sports sociology related literature is growing, the need to understand the culture and motivations of the alternative sports participants remains to be unatended. The fact that, from the sociological point of view, parkour is still a blanc page was the reason that lead us to initiate this study, being this gap the main factor that oriented our path.

Through the ethnographic representation of a segment (the L12) of the parkour phenomenon, we proposed to analyse a group of urban alternative sports participants and their relation with the environmnet to try and understand, if they are, or not, a part of a subculture. Methodologicaly speaking we decided to use the participant observation as a means to obtain the information we needed. So that the data could become more complete we decided to use semi-structured entreviews to complete the data from the participant-observation. Then the data collected where submited to the process of content analysis, froam wich was build the system of the following categories: ideology; social resistence; group dynamics and construction of identity; aesthetics and symbology; independence towards the global phenomenon; relation with the space of practice. At the end of this journey, we conclude that, more than a sport, parkour is a phenomenon, that regardless it's shot history, has by now it's own character, though wich is changing the way youth live the urban space and relates to the rest of the society. In it we found a unique ideology; a goup dynamics with it's rules and conducts that affect the construction of an identity within the group; an aesthetic connected to the way it explores the space of practice on one hand, and with functionality of the clothes worn, on the other; a sense of independence towards the evolution of the global scene, and, at last; a new way of relating to urban space.

Key-words: Parkour; Free-Runnning; Subculture; Urban Alternative Sports.

Résumé

Au fur et à mesure que la littérature rapportée avec la sociologie du sport va en grandir, reste la nécessité de l'existence de tentatives de compréhension de la culture et motivations dês participants des sports alternatifs. Le fait de, du point de vue sociologique, le parkour se présenter comme une page vide a été l'incitation pour initier une étude à ce niveau, constituant cette lacune le principal facteur qui a tracé l'itinéraire du travail. À travers la representation ethnographique d'un segment (à L12) du phénomène qui est le parkour, nous nous sommes proposés analyser un groupe de praticiens d'un sport alternatif urbain et sa relation avec le moyen enveloppant pour d'essayer de comprendre s'ils se constituent, ou non, comme partie d'une subculture. Pour tel, nous faisons appel à l'observation participant comme moitié privilégié d'obtenir les informations que nous avions besoin. Comme moyen complémentaire sont apparues les entrevues semi-structurés qui ont permis d'approfondir la connaissance obtenue à partir de l'observation participant. Les données obtenues ont été soumis à l'analyse de contenu, a partir de qui s'est constitué le système catégoriel composé des suivantes catégories: idéologie; résistance sociale; dynamique de groupe et de construction d'identité; symbologie et esthétique ; indépendance face au phénomène global; relation avec l'espace de pratique. Comme principales conclusions, nous pouvons dire que le parkour, plus qu'un sport, est un phénomène, qui malgré de sien court histoire déjà se trouve imbu d'un caractère propre, à travers lequel est en train de changer la forme comme jeunes vivent l'espace urbain, et la relation avec la restante société. Dans lui nous avons trouvé présents une identité propre; un caractère de résistance sociale que si manifeste surtout dans la lutte pour un espace d'expression; une dynamique de groupe avec des normes et des valeurs propres qui conditionnent le parcours de construction d'une identité à l'intérieur du groupe ; une esthétique rapportée, avec la forme comme l'espace est explorée, et avec la fonctionalité du vêtement; un éloignement face à l'évolution du panorama global et, finalement, une nouvelle forme de relation avec l'espace urbain.

Mots-clé: PARKOUR; FREE-RUNNING; SUBCULTURE; SPORTS ALTERNATIFS URBAINS.

1 – INTRODUÇÃO

1 - INTRODUÇÃO

As actividades populares culturais, incluindo o desporto são, normalmente analisadas como um meio de reprodução das normas e valores culturais dominantes. O desporto tem sido visto, essencialmente, como mantendo a posição dos grupos dominantes através do reforço e reprodução, das relações sociais típicas do capitalismo (Beal, 1995). Mais recentemente, o desporto começou também a ser visto como um fenómeno onde valores e normas dominantes são desafiados através de formas desportivas alternativas. À medida que a literatura relacionada com a sociologia do desporto vai crescendo, permanece a necessidade da existência de tentativas de compreensão da cultura e motivações dos participantes dos desportos alternativos. Mais ainda, para criar uma compreensão geral da sociologia do desporto devemos, em primeiro lugar, desenvolver uma compreensão dos desportos individuais baseada na visão na perspectiva do próprio participante Butts (2001).

Actualmente assistimos ao aumento de popularidade de um novo desporto, que parece estar a quebrar barreiras, ao nível da sua representação nos meios de comunicação. Dificilmente encontramos um desporto que possa ser enquadrado em séries juvenis, artigos sobre cultura urbana, *videoclips* musicais, videojogos e até mesmo no cinema. De repente, o parkour parece estar em todo o lado, mas a sua popularidade não significa necessariamente que seja compreendido, mesmo quando falamos em áreas como as ciências do desporto. Através da representação etnográfica de um segmento (a L12) do fenómeno que é o parkour, este trabalho adquire importância nos seguintes pontos-chave: providencia um estudo de caso de uma actividade com uma crescente popularidade, embora pouco estudada a nível sociológico; permitirá uma futura comparação com vários grupos que, entretanto surjam, possibilitando uma análise à forma como o fenómeno está a evoluir; evidencia a importância da observação participante na compreensão dos desportos alternativos enquanto subculturas. Assim, estamos contribuir, quanto ao parkour, para dar resposta à necessidade de compreensão das motivações dos participantes dos desportos alternativos, apontada por Butts. Neste sentido estamos também a responder ao apelo de Hull (1976), segundo o qual, na

sociologia do desporto são necessários estudos que enfatizem a estrutura social e cultural do fenómeno em questão; que examinem pequenos grupos como sistemas micro-sociais; e que se centrem em grupos reais. Uma forma de retirar o desporto do laboratório e corresponder às necessidades apontadas será, então, através do estudo de grupos desportivos como subculturas.

Apesar de inicialmente existir a intenção de realizar um estudo no âmbito dos desportos alternativos enquanto subculturas, não foi simples a tarefa de direccionar o trabalho num sentido específico. No entanto, ao fim de algum tempo de pesquisa acerca do que já tinha sido feito neste âmbito encontrámos uma lacuna na compreensão deste recente fenómeno desportivo, que é o parkour. Assim, tínhamos encontrado um rumo e, acima de tudo, superado uma das fases mais importantes, e por vezes, desgastantes deste trabalho.

Para conseguir traçar esse rumo seguimos as indicações de Quivy e Campenhoudt (1998), de modo a enunciar o projecto de investigação sob a forma de uma pergunta de partida, tentando exprimir de forma exacta o que procuramos elucidar.

Neste sentido, o facto de, do ponto de vista sociológico, o parkour se apresentar como uma página em branco foi o incentivo para iniciar um estudo a este nível, constituindo esta lacuna o tema que traçou o rumo do trabalho. A questão que foi posta inicialmente foi a seguinte: Que características permitem falar de um desporto enquanto subcultura e de que forma poderão estas manifestar-se no parkour?

O objectivo era, então, analisar um grupo de praticantes de um desporto alternativo urbano e a sua relação com o meio envolvente para tentar entender se se constituem, ou não, como parte de uma subcultura. Esta análise foi necessariamente realizada à luz da cultura urbana, visto que, de acordo com Lopes (1999), estes espaços, com a sua "teatralidade", constituem-se como objecto de especial ritualização como forma de apropriação por parte de todos.

Com a ideia de que o ser humano é dotado da capacidade de simbolização e, portanto, capaz de dotar de sentido as suas acções, procurámos realizar uma análise cultural de um grupo de praticantes de parkour com vista a compreender melhor este desporto e a sua relação com o espaço envolvente.

Para o estudo do parkour como fenómeno subcultural, havia ainda que decidir qual a metodologia que mais se adequaria aos objectivos traçados. Em primeiro lugar passámos à construção de um modelo de análise que, segundo Quivy e Campenhoudt (1998), constituísse a charneira entre a problemática fixada pelo investigador, por um lado, e o seu trabalho de elucidação sobre um campo de análise forçosamente restrito e preciso, por outro.

Sendo este um trabalho que lida com conceitos como o de cultura e subcultura, a tarefa de os definir de forma clara e precisa revelou-se essencial para o início desta fase. Traçámos, assim, um caminho partindo da definição destes conceitos de forma a desvendar as características próprias que elevaram determinados desportos ao estatuto de subculturas. No entanto, mais do que descrever cada subcultura, foi necessário encontrar categorias *a priori* que regessem o processo de exploração das características de cada caso. Assim, os resultados da pesquisa realizada foram analisados de acordo com quatro categorias, a ideologia, a resistência/acomodação social, as normas e o processo de construção de identidade e, por fim, relativamente à simbologia. No seguimento lógico desta tarefa, analisámos, posteriormente, com mais detalhe os desportos alternativos urbanos, já que esta se mostrou a categoria onde o parkour melhor se insere.

Sem conhecermos o parkour seria também difícil realizar as tarefas que se seguiam. Pesquisámos, então, no sentido de analisar o máximo de informação possível no que diz respeito a este desporto. As fontes foram essencialmente os *sites* dos principais grupos nacionais e internacionais, bem como alguns artigos presentes em algumas publicações.

Em termos metodológicos decidimos seguir o caminho apontado por autores como Boutin, Goyette e Lessard-Hébert (1999), Burgess (2001) ou Butts (2001), no sentido de utilizar a observação participante como meio privilegiado de obter a informação que necessitávamos. Das vantagens apontadas por estes autores, relativamente a este método salientaram-se, a possibilidade de obter informações mais ricas sobre a vida social, o facto de permitirem o registo dos dados na linguagem corrente dos elementos do grupo, a possibilidade de recolher dados sobre a interacção social na situação em que ocorrem e não em situações artificiais que poderiam modificar as condutas dos

sujeitos observados, e por fim, a liberdade dada ao observador para se deslocar para onde a investigação seja relevante.

Ainda relativamente à recolha de dados, a observação foi feita de acordo com aquilo que Boutin, Goyette e Lessard-Hébert (1999) denominam de observação activa por oposição a um tipo de observação mais passiva na qual os dados são registados durante a observação. Desta forma, o comportamento durante os treinos foi semelhante ao dos restantes elementos o que permitiu, não só a observação do seu comportamento, mas também experimentar sensações que não são facilmente descritíveis e serão, certamente, impossíveis de adivinhar através da simples observação.

O grupo de estudo constituiu-se por jovens, entre os 15 e os 17 anos, praticantes de parkour, não havendo, no entanto, um número fixo de elementos na equipa. Como referência existiu apenas o nome, Legião 12 (L12), que diz respeito ao número de elementos existentes na altura em que decidiram baptizar o grupo. Quanto ao *corpus* de estudo, este foi constituído pelo diário de campo e respectivos registos de observação, assim como os documentos resultantes da transcrição das entrevistas. Para melhor compreender o parkour serviram ainda como elementos para a análise, os *sites* nacionais e internacionais dos principais grupos de parkour, e vários artigos publicados em revistas e jornais.

Durante o processo de observação participante algumas das categorias foram facilmente observadas durante os treinos, mas outras permaneceram algo escondidas por já estarem presentes de forma implícita na forma como os vários elementos se relacionavam entre si e com o meio envolvente. Assim, foi necessário recorrer a outro método para complementar os dados recolhidos.

Autores como Burgess (2001), Beal (1995) ou Butts (2001) referiram as entrevistas semi-estruturadas como forma de aprofundar o conhecimento obtido a partir da observação participante. O facto de a entrevista semi-estruturada permitir a existência de um esquema, fez com que esta se revelasse a melhor escolha para os objectivos deste trabalho (Cannell e Kahn, 1957).

No sentido de se proceder à desmontagem de um discurso e produção de um novo, através de um método de localização e atribuição de traços de significação, foi necessário proceder à análise de conteúdo (Vala, 1986). A

eficácia deste processo analítico, quando se trata de analisar o tipo de dados recolhidos neste trabalho, foi confirmada por vários outros autores (Bardin, 1977; Quivy e Campenhoudt, 1998; Burgess, 1997).

Após este processo passámos à apresentação e discussão dos resultados, que nos permitiu atingir aqueles que eram os objectivos traçados para este trabalho:

- Entender quais as características que permitem falar de um desporto enquanto subcutura.
- Analisar o parkour no contexto das subculturas urbanas.
- Identificar as características subculturais que possam ser manifestadas pelo parkour.

2 – REVISÃO DE LITERATURA

2 – REVISÃO DE LITERATURA

2.1 - Significado do termo cultura

A complexa relação entre os diferentes níveis de formação social é reproduzida na experiência de grupos dominantes e subordinados e esta experiência, por sua vez, encontra a sua forma expressiva na cultura e subcultura (Hebdige, 1979). É com esta afirmação de Hebdige que partimos para clarificação dos termos cultura e subcultura. Visto que este trabalho se debruça sobre os aspectos que podem dar ao Parkour a denominação de subcultura, a necessidade de, antes de mais, esclarecer tanto o conceito de subcultura como o próprio conceito de cultura, surge de forma quase espontânea. Estes dois conceitos mostraram-se de melhor compreensão através da análise de investigações realizadas no âmbito de subculturas específicas. Isto, porque não parece existir uma grande variedade de material específico acerca destes dois conceitos, que parecem já ter uma definição mais ou menos consolidada, permitindo partir para trabalhos concretos sem a necessidade de uma pesquisa aprofundada sobre o que cada termo significa.

No entanto, para este trabalho, surgiu a necessidade de esclarecer estes dois conceitos sem os quais não poderíamos realizar a tarefa que se apresentava.

À primeira vista, a palavra subcultura remete-nos para um mundo de mistério. Tal como Hebdige (1979) constata, sugere secretismos, juramentos maçonicos, um submundo. Também invoca o maior e menos difícil conceito de cultura. Uma das primeiras tentativas de definir cultura foi realizada por Taylor (1871), segundo o qual, a cultura é o complexo que inclui conhecimento, crenças, arte, moral, leis, costumes e outras aptidões e hábitos adquiridos pelo homem como membro da sociedade. Esta é uma definição que permitiu alicerçar a construção da noção de cultura por outros autores em trabalhos bem mais recentes, tais como Fernandes (1999), o que demonstra a importância do trabalho realizado por este autor no âmbito da cultura.

Após a percepção do que é a cultura, facilmente se chega à conclusão que não existe uma cultura única partilhada por todos os seres humanos. Na verdade, o complexo de que Taylor fala varia enquanto que nos deslocamos

por todo o mundo, variando as formas de comportamento aceites à medida que as diferentes culturas são observadas e analisadas.

Cultura é um conceito oblíquo. Dispersa por séculos de utilização, esta palavra adquiriu um grande número de significados, tanto diferentes como contraditórios.

Utilizada como termo científico, refere-se tanto a um processo (desenvolvimento artificial de microorganismos), como a um produto (organismos desta forma produzidos). Giddens (2002) refere que a palavra cultura é utilizada no quotidiano quando nos referimos às "coisas mais elevadas do espírito", tais como a arte, a literatura, a música ou a pintura. No entanto, quando usado em Sociologia, o termo abrange um maior número de factores que se relacionam com "os modos de vida dos membros de uma sociedade, ou de grupos pertencentes a essa sociedade; inclui o modo como se vestem, as suas formas de casamento e família, os seus padrões de trabalhos, cerimónias religiosas e actividades de lazer" (Giddens, 2002, p.36). Este conceito de cultura reporta-nos imediatamente para a própria noção de sociedade. Apesar de poderem ser definidos separadamente, é muito importante não nos esquecermos da grande interrelação entre os dois. Como aponta Giddens (2002, p.36), "as culturas não podem existir sem as sociedades. Mas, do mesmo modo, nenhuma sociedade pode existir sem cultura. Sem cultura não seríamos humanos sequer, no sentido em que habitualmente usamos o termo". Pode-se depreender, assim, que a cultura é a totalidade de padrões aprendidos e desenvolvidos pelo ser humano.

Tal como Guidens, Barthes (1972) associava o termo cultura a algo mais abrangente tentando demonstrar como todas as, aparentemente espontâneas, formas e rituais das sociedades burguesas contemporâneas são parte da sua cultura. Segundo o autor, toda a França tinha adoptado uma ideologia anónima, a sua imprensa, filmes, teatro, literatura, rituais, justiça, diplomacia, conversas, comentários, sobre o clima, tudo na vida quotidiana estava dependente da representação que a burguesia impunha acerca das relações entre o homem e o mundo. A noção de cultura estende-se, assim, para lá da livraria, da sala de concertos, de teatro, para se emaranhar na vida quotidiana.

De facto, a cultura, ao não se esgotar nas necessidades materiais, confere à vida humana uma intencionalidade para além dos padrões

comportamentais básicos ligados à sobrevivência de uma espécie. Ou, nas palavras de Fernandes (1999, p.10), "dá finalidade à existência, permitindo ao homem, através das suas representações, descobrir-se como ser individual e social e unificar os seus anseios pessoais em projectos colectivos". São precisamente as representações e os símbolos utilizados pelo ser humano o centro das atenções quando analisamos manifestações culturais. Para tal, é necessário identificar correctamente o que observar. É necessário entender, como a ponta Fernandes (1999, p.19), "como se concebe e suporta o trabalho, se gasta o lazer, se utiliza o saber, se sonha e se actua (...)".

A cultura encerra em si toda a ideologia de uma sociedade, que, ao confundir-se na vida quotidiana deixa de estar reduzida a um conjunto de pontos de vista de ordem política. Neste sentido, Hebdige (1979) afirma que a mesma natureza artificial, e núcleo ideológico podem ser encontrados em coisas tão díspares como a prática desportiva, um livro, um filme... em todas as acções humanas no contexto de uma sociedade.

Esta ideologia é incluída no quotidiano, na maioria das vezes, de forma inconsciente.Esta natureza inconsciente pode ser observada na forma como materiais desprovidos de qualquer significado dão lugar às construções onde inconscientemente se projectam valores. Hebdige (1979) dá como exemplo a arquitectura de uma Faculdade, que varia consoante o curso que é leccionado, bem como, na forma como os espaços são organizados, salientando a diferença entre professores, alunos e funcionários.

2.2 - Significado do termo subcultura

Com uma ideia mais clara acerca do conceito de cultura, surge a necessidade de clarificar o que se entende por subcultura, tentando, tal como anteriormente, formar uma imagem global e esclarecedora partindo daquilo que, sobre a temática, já foi reflectido e escrito. De acordo com Crosset e Beal (1997), o prefixo *sub* em subcultura significa um nível de análise realizado abaixo do nível macro. Do conceito abrangente de cultura depreende-se, então, a existência de várias culturas e de diferentes níveis existentes em cada cultura. É entre estes níveis que se encontra a subcultura. Neste sentido, esta assume a forma de um qualquer grupo que, no contexto da sociedade geral,

apresenta interesses que variam dos apresentados pela cultura dominante. A cultura dominante é socialmente determinada através de negociações levadas a cabo, não por indivíduos, mas por subgrupos sociais, ou subculturas. No sentido de compreender a forma como novos grupos surgem, a sua busca de novos significados para os vários objectos comuns e o seu poder de redefinição de algo na cultura dominante, vários autores de áreas como a antropologia, a sociologia ou os estudos culturais, realizaram diversos estudos na área da subcultura.

Desta forma, no sentido de esclarecer o conceito de subcultura, Hebdige (1979) apoiou-se no trabalho de Mark Abrams (1959) que concluiu que, contrariamente ao pensamento que prevalecia na altura, a presença de classes juvenis podia ser verificada nas várias formas como os jovens se relacionavam entre si e com a sociedade envolvente. O autor observou que os tipos de lazer disponibilizados à juventude variavam de acordo com as contradições e divisões intrínsecas a uma determinada classe da sociedade, contribuindo, desta forma, para uma melhor compreensão da relação entre as práticas de lazer e o estatuto sócio-económico.

As definições de subcultura abrangem, no entanto, vários outros pontos essenciais para além do estatuto sócio-econímica. Na sua maioria, centram-se na ideia de padrões distintos de comportamentos e credos que diferenciam um grupo, de uma cultura mais ampla, da qual fazem parte. Apontam-se como meios de distinção, a idade dos seus integrantes, a sua raça, etnia, classe e/ou género, sendo as qualidades que determinam uma subcultura como distinta de ordem estética, religiosa, ocupacional, política, sexual, ou por combinação destes factores.

Giddens (2002, p.710) confirma este conjunto de pressupostos de uma forma igualmente breve afirmando que se trata de "valores e normas que se distinguem dos dominantes, tidos por um grupo numa sociedade vasta".

Numa aproximação mais aprofundada ao tema, Milton Yinger (1960) refere subcultura como meio de entender o sistema normativo pelo qual determinados grupos demonstram as formas pelas quais diferem do mundo social do qual são parte, tais como, a língua, valores, religião, dieta ou estilo de vida. O ensaio deste autor teve, segundo Crosset e Beal (1997), a intenção de descrever a relação de grupos particulares com a restante sociedade.

A importância deste trabalho reside na distinção feita entre subcultura, papel social e contracultura, sendo, portanto, importante dedicar alguma atenção a estas três noções.

A subcultura diferencia-se do papel social, porque este conceito está relacionado com as normas e expectativas de uma cultura mais abrangente, espelhando a forma como cada individuo se comporta de acordo com o papel social que lhe é atribuído em cada momento do seu quotidiano. As normas subculturais são pensadas como forças separadoras pelos outros membros da sociedade, demonstrando, assim, a relação de grupos particulares com a sociedade em geral.

Posteriormente, Yinger faz a distinção entre o conceito de subcultura e contracultura, tentando clarificar ainda mais o conceito de subcultura. Como contracultura, o autor define os grupos em que os sistemas normativos contêm como elementos principais aqueles que entram em conflito com a cultura dominante. Assim, o que distingue a contracultura da subcultura é o grau de oposição em relação aos valores e normas dominantes.

Nesta perspectiva, Bracke (1985) refere que, apesar dos valores e normas partilhados por uma subcultura diferirem dos da cultura dominante, não são forçosamente de oposição ou desligados dos da sociedade em geral, existindo em interacção, influenciando e sendo influenciados pelos valores dominantes. A subcultura assume-se também, segundo Hebdige (1979), como a solução encontrada entre duas necessidades contraditórias: a necessidade de criar e expressar autonomia e diferença em relação aos pais e a necessidade de manter as identificações parentais. O autor refere ainda, como exemplo, que o estilo e as imagens usados por grupos juvenis das "classes trabalhadoras" promovem uma definição opositora à realidade, tornando-se uma área na qual grupos de pessoas desafiam os significados dominantes atribuídos aos produtos culturais. Em termos gerais, a subcultura também surge como resposta a situações históricas específicas, formuladas através de atmosferas ideológicas próprias. Assim se explica o facto de uma mesma subcultura, os teddy boys[1], por exemplo, ter tido dois grandes períodos, os

[1] Serão alvo de descrição mais adiante.

anos 50 e os anos 70. Apesar de serem em muitos aspectos diferentes devido à diferença de épocas.

No entanto, apesar de controverso, o estilo é facilmente copiado e traduzido para o contexto da sociedade em geral, espelhando, assim, a permeabilidade tanto das subculturas como do meio cultural mais abrangente em que se inserem. Em última análise, as subculturas, apesar de terem valores e símbolos diferentes e opositores, acabam por ter um impacto social, político ou económico reduzido, ao verem as suas normas e valores adaptados à sociedade geral.

No decurso da sua procura pelo significado de subcultura, Hebdige (1979) acaba por se questionar se tal conceito pode ser considerado arte. O autor responde à sua questão afirmando que a pergunta é um pouco descontextualizada já que as subculturas, não são culturais neste sentido, e os estilos que as caracterizam não podem ser adequadamente classificados como arte de "alto nível". Em vez disso, manifestam a cultura num sentido mais amplo, como sistemas de comunicação, formas de expressão e representação. Neste sentido, podem ser classificadas como arte, mas movendo-se em contextos particulares; não como objectos intemporais, julgados pelos imutáveis critérios da estética tradicional, mas como apropriações subversivas, "roubos", como movimento.

As subculturas são, como tal, formas expressivas, mas o que expressam é, em última instância, a tensão entre aqueles que têm poder e aqueles condenados a posições subordinadas e vidas de "segunda classe". Esta tensão é figurativamente expressada sob a forma de estilo cultural.

2.3 - As subculturas

Tendo clarificado a nível conceptual o que é a subcultura, torna-se necessário aprofundar o conhecimento relativamente a este tema. A revisão crítica da literatura é, assim, uma forma de poder identificar mais eficazmente as várias subculturas, as suas características e os elementos comuns que estas incluem. Desta maneira, será possível encontrar os elementos necessários para verificar se o Parkour se constitui ou não como um grupo distinto com o seu conjunto próprio de características.

A pesquisa realizada revelou uma variedade de trabalhos elaborados no âmbito das subculturas urbanas. A grande maioria destes trabalhos procurava descrever e analisar algum aspecto específico de uma subcultura. De todos os aspectos abordados foi possível encontrar quatro grandes temas no estudo das subculturas: a ideologia, a resistência social, a construção da identidade e a simbologia e estética. Desta forma, o modelo teórico será orientado por este tipo de organização, procedendo à análise dos elementos que constituem as fundações de cada um dos temas. O objectivo será providenciar um modelo que permita observar, de uma forma eficaz, as várias características que dão a cada subcultura a sua identidade particular.

2.3.1 - Ideologia

Este percurso pelo mundo das subculturas será iniciado pela análise da ideologia própria das várias subculturas. Um dos denominadores comuns é a existência de um conjunto de princípios, objectivos, motivos ou influências que permitem o surgimento de uma ideologia específica. Em muitos casos, essa ideologia está enraizada com as noções de resistência social. Em outras, apesar de presente, a resistência assume um papel menos preponderante. Assim, é importante o conhecimento dos elementos, que para além da resistência social constituem a ideologia de uma subcultura. Um trabalho importante relativamente à forma como a ideologia de várias subculturas se foi formando, tanto numa próxima relação, como opondo-se a outras subculturas com ideais antagónicos, foi o realizado por Dick Hebdige (1979). O autor traça o percurso das subculturas até ao aparecimento do punk[2], descrevendo a forma como umas subculturas sucederam outras e como todas se relacionam em algum ponto, sendo a ideologia de cada subcultura, o resultado da negociação com os valores que envolviam um determinado grupo. A música é sempre contemplada como o motor das subculturas apresentadas, em especial a música negra, que parece ter sido um dos grandes impulsionadores do surgimento das primeiras subculturas.

A música negra reflecte a sua tentativa de libertação. Através dela os emigrantes vindos de Africa e da Índia para a Inglaterra tornavam-se livres,

[2] Será alvo de descrição mais adiante.

longe das convenções sociais que os tiranizavam, e mesmo aprisionados num ambiente de ruas perigosas, e pobreza, conseguiam expressar-se, surgindo vencedores na demanda pelo espaço de expressão. Neste sentido, torna-se importante tentar compreender o percurso que as relações entre as comunidades emigrantes e as comunidades locais seguiram na Inglaterra, local onde algumas das subculturas de maior destaque tiveram uma grande expressão.

Desta forma, o autor descreve o referido percurso desde o surgimento daquelas que são apontadas como as primeiras subculturas urbanas até ao aparecimento do punk nos anos 1970. Assim, o processo de análise inicia-se com as subculturas Beatnick e Hipster. Estas partilham o mesmo fundo cultural, as mesmas raízes culturais negras, no entanto, seguem caminhos diferentes.

Hebdige (1979) descreve os indivíduos das duas subculturas da seguinte forma. Hipster era aquele sujeito tipicamente de classe baixa, vestido de forma espalhafatosa, com um ar "*cool*[3]", distinguindo-se dos restantes grosseiros que o rodeavam no gueto. A ostentação reflectia o desejo de subir na vida, e conseguir o melhor que ela tem para oferecer. Por outro lado, Beat, de Beatnick, era a denominação dada ao estudante universitário tipicamente de classe média que, cansado da cultura citadina herdada, desejava lugares distantes e exóticos, onde poderia viver como o "povo", escrever, ler, fumar e meditar.

Enquanto o movimento beat surgiu de uma cultura letrada, que demonstrava interesse na cultura avant-garde (pintura abstracta; poesia, existencialismo francês) e era caracterizada por uma ideologia cosmopolita e tolerante, o movimento teddy boy, que surge na mesma época, era marcadamente proletário e xenófobo.

Os teddy boys sobrepunham dois estilos diferentes, os ritmos negros e blues, e o estilo aristocrático branco. No entanto, apesar de terem influências marcadamente negras, quanto ao estilo musical, envolviam-se frequentemente em confrontos com comunidades emigrantes de outras raças.

Influenciados pela subcultura teddy boy, surgem mais tarde os Mods, os quais o autor aponta como sendo os primeiros de um conjunto de subculturas

[3] Palavra inglesa que se refere a uma atitude descontraída.

de jovens de classes trabalhadoras que cresceram em contacto directo com as comunidades imigrantes e responderam de forma positiva à sua presença.

Eles pareciam apenas um pouco mais espertos, mais atentos (graças às anfetaminas). Havia algo na forma como se moviam que os adultos não conseguiam perceber. Pormenores que se escondiam (marca de cigarros, penteado), tornavam-nos estranhamente deslocados tanto no trabalho, como na escola.

A sua afinidade com a comunidade negra facilmente se reproduziu no seu estilo. São uma subcultura marcadamente do tempo de lazer, vivendo entre as folhas do calendário comercial, sendo o trabalho visto como uma forma de proporcionar melhor lazer. Nestes tempos de lazer o seu verdadeiro trabalho ganhava forma: "scooters a polir, discos a comprar, roupa a passar a engomar, cabelo a lavar e secar".

A subcutura Mod acabou por se dividir. Os mais extravagantes envolvidos no panorama r&b[4] tornaram-se hippies[5]. Os mods mais duros (botas pesadas, jeans, cabelo curto) afastaram-se do rock em direcção ao ska[6], rocksteady[7] e reggae[8].

Os skinheads são originários deste último grupo. No entanto, a convivência interracial, presente na subcultura skinhead não duraria muito. Segundo Hebdige (1979), a aliança entre a juventude branca e negra era

---

[4] Rithm and blues ou R&B foi um termo comercial introduzido no Estados Unidos no final de 1940 pela Revista Billboard. De certo modo, hoje o rótulo *rhythm and blues* aplica-se actualmente, nos EUA, a qualquer forma de música pop com artistas negros. Foi fortemente influenciado pelo *jazz*, particularmente pela chamada *jump music* (um *jazz* com predomínio de saxofone e pouca presença de guitarras) assim como pelo *gospel*. O termo caiu em desuso nos anos 60, e foi substituído por *soul* e *Motown*, porém ressurgiu nos últimos anos para designar a música negra norte-americana abrangendo o pop, fortemente influenciado pelo hip-hop, pelo funk, e pelo soul. Neste contexto, só a abreviatura R&B é usada, e não a expressão completa (www.allmusic.com).

[5] Os hippies eram parte do que se convencionou chamar movimento de contracultura dos anos 60. Adoptavam um modo de vida comunitário ou estilo de vida nómada, negavam o nacionalismo e a Guerra do Vietname, abraçavam aspectos de religiões como o budismo, hinduismo, e/ou as religiões das culturas nativas norte-americanas e estavam em desacordo com valores tradicionais da classe média americana.

[6] Ska é um estilo musical jamaicano que surgiu no princípio dos anos 1950. Foi um precursor, na Jamaica, do rocksteady e mais tarde do reggae.

[7] Rocksteady era um estilo de música popular jamaicana que se diferenciava do ska nos anos 1960. Posto de forma simples, rocksteady é como o ska com metade da velocidade, com o trombone substituído pelo piano e pelo baixo proeminente. Os compositores são mais voltados a temas sociais e com uma maior consciência política, e há um foco maior na harmonia.

[8] O Reggae foi desenvolvido na Jamaica. Original da década de 1960, divide-se em dois subgéneros, o "roots reggae" (o reggae original) e o "dancehall reggae", que é originário da década de 1970. O reggae é constantemente associado ao movimento rastafari, que, de facto, influenciou muitos dos músicos apologistas do estilo reggae nas décadas de 1970 e 1980.

precária. Quando o reggae se tornou demasiado preocupado com a sua "negritude", começou a apelar cada vez menos aos skinheads, que cada mais vez eram afastados devido ao conteúdo das músicas que se iam centrando prioritariamente nos problemas próprios dos emigrantes. Estavam a ser afastados das subculturas que os fizeram nascer, e que agora se viravam para os problemas específicos da sua comunidade e repudiavam o homem branco, responsável pela degradação da sua vida.

Nesta sequência de eventos, não passou muito tempo até que se juntassem a outros residentes brancos para atacarem os residentes imigrantes, dando, assim, origem à xenofobia que a partir daí os caracterizou.

Em seguida, Hebdige (1979) apresenta o Glam Rock como uma síntese de duas subculturas desaparecidas ou em vias de desaparecimento – skinhead e underground[9]. Afastando-se das influências da música negra, este estilo musical acabou por afastar do seu repertório a sonoridade r&b e soul[10].

Um dos grandes impulsionadores deste estilo musical foi David Bowie[11]. A sua posição em nada se relacionava com ideologias políticas, ou se revestia de algum significado contra cultural. Não só estava desinteressado nestes assuntos, como toda a estética por si criada parecia evitar e afastar-se do mundo real. A sua mensagem era a fuga de classe, de sexo, de personalidade, em direcção a um passado fantasioso ou a um futuro de ficção científica.

A meio da década de 1970, os fans de glam rock estavam divididos em duas facções. Uma constituída por adolescentes mais novos que seguiam as novas bandas mais comerciais. Outra, constituída por adolescentes mais conscientes que ficaram devotos de artistas mais esotéricos (Bowie, Lou Reed,

---

[9] O movimento underground está relacionado com a cultura vanguardista da época. Como exemplo deste movimento, pode-se referir os Velvet Underground que foram uma banda de vanguarda na década de 1960, caracterizados por um estilo experimental, pouco comercial para a época. A banda tinha como mentor intelectual (e, mais importante, financiador) o artista plástico Andy Warhol, que se dizia cansado da pintura e promovia incursões por outros campos artísticos como a música e o cinema.

[10] O *Soul* é um género de música que nasceu do rhythm and blues e do gospel durante o final dos anos 1950 e início dos 1960, entre os negros norte-americanos. A música *soul* normalmente apresenta cantores individuais acompanhados por uma banda tradicionalmente composta de uma secção rítmica e de metais. (www.allmusic.com)

[11] David Bowie é um músico e actor conhecido pelo seu trabalho nos anos 1970 e 1980, e pela sua influência no mundo da música, mais especificamente no rock. Ficou também conhecido pela sua apresentação exuberante e performance que levava à confusão quanto ao seu género. (www.allmusic.com)

Roxy Music), cujo elitismo e pretensiosismo relativamente à arte, evitaram que este movimento se alargasse às massas.

A estética punk, formulada no espaço existente entre artistas e público, pode ser interpretada, de acordo com o mesmo autor, como uma tentativa de expor as contradições implícitas no glam rock. A sua ideologia mais "terrena", mais proletária, ia directamente de encontro à ideologia glam. Contudo, tal não impediu que trocassem influências. O punk afirmava-se como porta-voz de uma juventude negligenciada. No entanto, fazia-o na linguagem estilizada do glam.

Desta forma, redireccionaram-se para o reggae e estilos semelhantes que o glam tinha originalmente excluído. Hebdige (1979) analisa, assim, as várias subculturas que se foram sucedendo, descrevendo as relações entre as comunidades emigrantes e, por conseguinte, a música negra, e as comunidades residentes, na forma como estas interpretaram e fizeram nascer os vários estilos que o autor descreve. Um bom exemplo desta troca de influências, é a importante influência negra na subcultura punk, que surge através do reggae. Este dava ao punk uma forma tangível à sua alienação, carregando, com a convicção necessária, o intervencionismo político, que era ausente da música "branca" da época. Assim, não se poderia deixar de fazer também uma breve análise a esta subcultura, tendo por base o trabalho de Hebdige.

O Reggae tem uma ligação muito próxima com a religião, sendo a bíblia uma força central determinante na consciência tanto do reggae como da música da Índia Ocidental. A religião Rastafari interpretava na bíblia a queda da Babilónia (sociedade opressora branca), através da subida ao trono da Etiópia de Haile Sellassie, trazendo esperança de justiça para a raça negra.

Esta profunda subversão da religião do homem-branco, que coloca deus no trono da Etiópia tornou-se especialmente apeladora nas comunidades da Índia Ocidental, guetos de Kingston e comunidades Britânicas. As dreads[12],

[12] O Dreadlock é uma forma de se manter os cabelos que se tornou mundialmente famosa com o movimento rastafari, consiste em aglomerados cilíndricos de cabelo que aparentam "cordas" pendendo do topo da cabeça. Os dreadlocks também podem ser chamados de Locks, ou simplesmente Dreads (www.urbandictionary.com).

a"ganja[13]", o sentimento messiânico, a sua retórica, os seus ritmos: Tudo pode ser atribuído à influência rastafari.

Esta aliança improvável entre Glam rock[14]; american proto-punk[15]; london pub-rock[16]; r&b; Reggae e Americam soul conseguiu através do punk um igualmente eclético estilo, reproduzindo o mesmo tipo de cacofonia a nível visual.

A sucessão de formas culturais "brancas" pode ser lida como uma série de profundas adaptações estruturais que simbolicamente aceitaram ou repeliram a comunidade negra. É no campo da estética, da dança, vestuário, música, em toda a retórica do estilo que, segundo Hebdige (1979), é possível encontrar o diálogo entre negro e branco, mais subtilmente presente. Muitos músicos brancos juntaram-se a negros na produção musical, ou pediram emprestada (alguns dirão roubado) a sua sonoridade, traduzindo-a, e transferindo-a para um contexto diferente.

Muitas dessas transferências sofreram nesse processo uma acomodação. Assim, se alguns estilos musicais aproveitaram as características subversivas da música negra, outros, sofrendo um processo de acomodação para poderem ser aceites pela sociedade, permitiram apenas a persistência da sonoridade.

---

[13] Ganja, palavra de origem hindu, usada pela nação Rastafari, principalmente na Jamaica, para a versão feminina da Cannabis Sativa. Cannabis sativa é uma planta herbácea da família das Canabiáceas (Cannabaceae), amplamente cultivada em muitas partes do mundo. A sua resina tem propriedades estupefacientes, sendo as sensações causadas semelhantes às produzidas pelo ópio (www.ganja.com).

[14] Glam Rock é um estilo musical nascido no final dos anos 60 e popularizado no início dos anos 70. Foi principalmente um fenómeno inglês difundido em meados de 1971 e 1973. Nos EUA, o Glam rock teve um menor impacto e foi apenas divulgado por fãs de música nas cidades de Nova Iorque e Los Angeles. É caracterizado por trajes e performances com muitas cabeleiras, purpurinas, saltos altos, batons, lantejoulas, e trajes eléctricos dos cantores. Eram os tempos da androginia e do glamour e as suas músicas agitadas de rock n' roll esbanjavam energia sexual.

[15] É uma vertente do Hard Rock com composições bem simples que dariam futuramente origem ao Punk; bandas notáveis desse estilo são The Stooges, The Velvet Underground e o MC5.

[16] Pub rock foi um movimento musical surgido em meados do final dos anos 70, centrado principalmente no norte de Londres e no sudeste de Essex, particularmente em Canvey Island e em Southend on Sea. O pub rock foi em grande parte uma reacção à música popular daquela época, que tendia a ser dominada pelo rock progressivo e pelas bandas superproduzidas da Costa Oeste norte-americana. Muitos viam tal música como inacessível e inalcançável, enquanto o pub rock era mais sobre "voltar às raízes", sendo baseado em apresentações ao vivo em pequenos pubs e clubes, tocando um despretensioso rock pesado influenciado por rhythm and blues.

É, desta forma, possível entender a importância da existência de um sistema ideológico que sustente e una os elementos de uma subcultura. É a partir desta ideologia que os restantes aspectos se desenvolvem, sejam estes relacionados com a simbologia e estética, a resistência social ou qualquer outra das categorias que nos permitem analisar uma subcultura.

2.3.2 - Resistência social

Em muitos casos, como já referido, intimamente ligada à ideologia está a noção de resistência social. Esta é a forma através da qual os elementos de uma subcultura revelam, em muitos casos, as suas diferenças relativamente à cultura dominante. Esta atitude pode adquirir uma grande importância, na medida em que desafia o conjunto de valores ditados pela sociedade onde se inserem. Reforçando esta ideia, Hebdige (1979) afirma que a simbiose na qual ideologia e ordem social, produção e reprodução, estão ligadas não é fixa nem está garantida. O consenso pode ser desafiado, e a resistência aos grupos dominantes não pode ser menosprezada.

Neste sentido, um dos aspectos mais apresentados nos estudos realizados no âmbito das subculturas é o da resistência social. Esta apresenta-se de várias formas, consoante o grupo em estudo. Relativamente aos estudos realizados junto de praticantes de desportos alternativos, a resistência assume, por vezes, a forma de renúncia à competição formal. Exemplo disso é um estudo realizado junto de uma comunidade de skaters, por Beal (1995) que aponta a criação de formas alternativas de normas e relações que enfatizem a papel do participante, como uma forma de resistência na subcultura do skateboarding. Estas formas passam pelo papel activo do participante no controlo da sua actividade física, assim como pela organização de eventos de participação livre como oposição aos eventos da alta competição.

Os sujeitos observados no estudo referido definiam o skate como uma forma de vida e não como uma via de profissionalização. Desta forma, a sua relação com os produtos comerciais relacionados com o desporto era prudentemente negociada. Por um lado, resignavam-se com o facto de terem que comprar o material comercial que representa os valores elitistas que tentam repudiar, visto que dificilmente o conseguiriam construir sozinhos. Por outro, a primeira acção, após a compra desse material, era apagar qualquer

símbolo ou representação de uma determinada marca. Para isso, faziam os seus próprios autocolantes e colavam-nos sobre os logótipos das empresas fabricantes. Desta forma, pelo menos, quanto aos produtos comerciais era feita uma censura às marcas, demonstrando claramente a resistência a uma tentativa de massificação de um produto.

Ainda relativamente ao consumo de produtos, nomeadamente meios de divulgação como revistas ou vídeos, Beal (2003) aponta, num outro estudo realizado junto de windsurfers e skaters, a importância dos media, e a resistência apresentada por estas subculturas face às formas hegemónicas de representação da sua actividade. Em "Keeping it real", para windsurfers e skaters, o legítimo e o autêntico é o que se centra na própria actividade, sendo valorizadas as fotos e artigos que retratam o sujeito em acção. A resistência é realizada através da renúncia à publicidade centrada em artigos não essenciais à prática da actividade, assim como à entrada de marcas mais generalistas no mercado da actividade em questão, já que as marcas especializadas poucas questões levantam. A resistência, neste contexto, não se apresenta tanto como uma luta contra a cultura hegemónica dominante, mas sim localizada ao nível do quotidiano, nos espaços onde os media especializados lutam por uma correcta representação do espírito da actividade.

Voltando a Beal (1995), os próprios valores da subcultura podem agir como forma de resistência, ao eliminarem qualquer grande objectivo final a atingir com a prática do skate. A prática desta actividade é encarada como uma forma de lazer e, como tal, as atitudes competitivas são desencorajadas. Os valores do skateboarding apelam à prática livre sem regras, treinadores ou árbitros, incentivando os skaters a criarem as suas próprias manobras e o seu próprio processo de treino. Obviamente, comportamentos deste género opõem-se claramente àqueles observados no skate de elite, enfatizando, uma vez mais, a resistência criada por estes grupos de skaters amadores aos valores dominantes.

Como exemplo de um sistema de competição alternativo e opositor ao sistema de elite, a autora refere uma competição organizada pela associação de skateboard do Colorado, que assumiu várias formas de resistência ao sistema de competição formal.

A maioria dos skaters presentes não estava realmente a competir, mas a aproveitar a ocasião para experimentar novos espaços e conhecer novas pessoas, tornando a atmosfera geral do evento muito pouco competitiva. O comportamento das pessoas presentes incluía o incentivo aos colegas em prova e o constante convívio. Mesmo em prova, os skaters demonstravam pouca preocupação e preparação, já que era visível que não tinham nada preparado para fazer nos dois minutos que lhes eram concedidos. Preferiam aproveitar o espaço para desfrutarem o mais possível. Assim, face a esta constatação, é previsível a não receptividade à competitividade e ao exibicionismo. Isto porque, "*we don't skate against somebody, we skate with them*" (Beal, 1995, p.262). Beal conclui, desta forma, que apesar do impacto social do skate não trazer transformações imediatas, o seu significado encontra-se no facto de estes participantes agirem de acordo com os seus próprios interesses, criando e experimentando formas alternativas de relacionamento com o desporto, que vão de encontro às suas necessidades.

Num outro estudo, Humpreys (1997) mostra-nos a forma como o snowboard partiu da marginalização, sendo posteriormente a sua prática adaptada aos valores da cultura hegemónica, sem nunca perder totalmente a essência da prática inicial. Neste estudo é demonstrado o percurso inicial do snowboard, que é simultaneamente o percurso da sua marginalização, já que desde cedo viu a sua história interligada à do skate. A principal razão para a sua marginalização, e consequente fonte de resistência social, foi a associação com um dos movimentos contra-culturais mais controversos da época, o punk. Estavam, assim, criadas as bases da resistência social sustentada tanto pelo snowboard, como pelo skate durante os anos 1970.

No início dos anos 1980, com a formação da NSA (*National Skateboarding Association*), fundada pela associação de rapazes escuteiros da América, o skate viu associado à sua prática uma imagem positiva que, combinada com uma disponibilidade económica que permitiu o aumento das pequenas empresas de material especializado, abriu as portas ao crescimento do skate e consequentemente do snowboard, segundo os valores competitivos do desporto corporativo. Assim, exposto ao mundo comercial, o snowboard tornou-se mais popular, surgindo rapidamente as competições internacionais de cariz formal, devido à pressão dos patrocinadores.

É desta forma que o snowboard passa pelo processo de transformação requerido pelos valores da cultura hegemónica, tornando-se globalmente aceite, tendo inclusivamente, hoje em dia, a presença garantida nos Jogos Olímpicos de Inverno.

No entanto, tal como Humphreys sublinha, o Capitalismo permitiu aos snowboarders a vivência da sua actividade sem perder o sentido de procura do eterno hedonismo. Isto, porque ao adoptarem o sistema de profissionalização do skate, puderam seguir praticando a actividade que gostam sem a obrigatoriedade de participar ou ganhar competições, bastando, para isso, fazer vídeos ou sessões fotográficas da sua prática. Por outro lado, existem sempre responsabilidades que devem assumir perante os patrocinadores, mas é opinião do autor que, de forma global, mesmo intensamente comercializado e adaptado, o snowboard mantém a sua base ideológica, conservando ainda as mesmas ligações com as outras subculturas que lhe deram as bases da sua resistência aos valores hegemónicos, tais como o skate, o punk ou o grunge.

Um diferente tipo de resistência social característico de uma subcultura é apresentado por Atkinson (2002). O autor centra-se na subcultura "straightedge", de forma a demonstrar um tipo específico de resistência social. Esta subcultura, derivada do punk, tem por base a ideia de que se, em primeiro lugar, controlarmos o nosso corpo, renunciando aos excessos associados à juventude, poderemos colectivamente estimular a mudança social. Os straightedgers encontram, como forma de representar a sua resistência social, o uso do corpo tatuado. Assim, este meio é usado como forma de chamar a atenção para as suas mensagens de purificação corporal. Contrariamente a outras subculturas, cuja resistência social está direccionada para as desigualdades sociais, resultantes da exploração ou marginalização, os straightedgers têm como objectivo distanciar-se da cultura hegemónica profana que comete todo o tipo de excessos desrespeitando o corpo. Este é, assim, um tipo de resistência social que não tenta seguir um comportamento contrário ao imposto pela cultura hegemónica, mas leva ao extremo o conservadorismo da sua educação, renunciando ao excesso de comodidades trazido pela estabilidade económica da classe média Canadiana.

Numa análise à resistência social de cariz social e política, Haupt (1996) remete-nos para o rap, um estilo musical que se enquadra na cultura hip hop.

Nesta perspectiva, uma subcultura representa o ruído em oposição ao som, tal como o ruído interfere no som, esta interfere na sequência ordeira que vai desde a realidade dos eventos até à sua representação nos media, sendo portanto um mecanismo de desordem semântica. O hip hop pode desafiar os valores hegemónicos na sua tentativa de conquista de espaço público como forma de auto-representação. O autor aponta o exemplo do filme de Spike Lee "*Do the right thing*", no qual o realizador aplica uma variedade de estilos musicais, de forma a desenvolver o tema da resistência social no decorrer do filme. Ainda mencionando o mesmo filme, Haupt afirma o uso da música "*Fight the power*", dos Public Enemy[17], como um exemplo perfeito de como o rap pode ter um cariz interventivo de resistência social, na busca de um lugar onde a comunidade negra dos Estados Unidos seja representada.

A resistência social apresenta também um reverso da medalha, isto é, surge muitas vezes acompanhada de processos de acomodação social, sem os quais, dificilmente, alguma subcultura seria aceite pela cultura dominante. Referindo-se à forma como a sociedade lida com as subculturas, Hebdige (1979) afirma que os jovens que escolhem a integração numa subcultura são simultaneamente devolvidos quando representados nos media, ao local onde o senso comum os coloca (como desajustados certamente, mas também na família, no trabalho, etc.). É neste contínuo processo de recuperação que a ordem é restabelecida e a subcultura incorporada como um espectáculo divergente no seio da cultura dominante, como os Outros, como o Inimigo.

O processo de recuperação assume, assim, duas formas:

- A conversão de símbolos subculturais em materiais de consumo em massa;
- A catalogação e redefinição de comportamento desviante pelos grupos dominantes.

Primeiro, os Outros podem ser tornados triviais, naturalizados, domesticados. Aqui, a diferença é simplesmente negada, os Outros, tornam-se os Mesmos. Alternativamente, os Outros, podem ser transformados em algo exótico mas insignificante, puramente um objecto, um espectáculo.

Referindo-se ainda a processos de acomodação, o autor chama a atenção para o facto de ser difícil manter uma absoluta distinção entre

[17] Banda de rap.

exploração comercial e criatividade/originalidade, mesmo sendo estas duas categorias marcadamente opostas no sistema de valores de muitas subculturas. De facto, é frequente ver produtos originalmente concebidos como uma forma de originalidade dentro de uma subcultura, que posteriormente são assimilados pela cultura dominante como mais um bem de consumo. Assim, os estilos culturais juvenis podem começar por lançar desafios simbólicos, mas têm que inevitavelmente estabelecer novos conjuntos de normas; através da criação de comodidades, novas indústrias, ou recuperando antigas. É desta forma que restaurantes macrobióticos, lojas de artesanato, e mercados de artigos usados, característicos da era hippie, foram facilmente convertidos em lojas punk e de discos (Hebdige, 1979).

Como se percebe, as subculturas quebram as regras através do reposicionamento, da recontextualização do consumo, subvertem o uso convencional dos objectos e investigam novas funções. Demonstram, assim, à sociedade envolvente uma nova forma de encarar as práticas quotidianas.

Hebdige acrescenta, no mesmo estudo, que é através de rituais distintos de consumo, de estilo, que a subcultura revela a sua identidade secreta e comunica os seus significados escondidos. É basicamente através da forma como utilizam as comodidades, que marcam a diferença em relação às formações culturais mais ortodoxas.

Os estudos anteriormente mencionados tiveram como propósito demonstrar a capacidade de resistência social de várias subculturas. Sendo este um fenómeno observado em toda a revisão de literatura realizada, é portanto de uma grande importância a constatação da existência, não só de resistência social em várias subculturas, mas também das várias formas que esta resistência pode assumir, devendo-se, por isso, estar atento a todos os indícios de resistência aos valores da cultura dominante.

2.3.3 - Construção da Identidade

Os estudos em que existe uma metodologia centrada na observação participante incidem frequentemente na construção da identidade no seio de um grupo e nas normas pelas quais se rege esse grupo. Isto acontece porque, segundo Hébert, Goyette e Boutin (1975), na observação participante o

investigador pode compreender o mundo social do interior, pois partilha a condição humana dos indivíduos que observa.

O processo de construção da identidade é criado através de uma rede complexa de símbolos, conhecimentos e atitudes que vão no sentido de consolidar a posição de um indivíduo num determinado contexto. Esta consolidação dá-se muitas vezes através da aceitação de um conjunto de normas e/ou rituais de iniciação que, sendo respeitados, permitem ao indivíduo obter o estatuto de membro.

É neste contexto que surge a necessidade de aprofundar o tema da construção da identidade. Para tal, é necessário compreender o que é a identidade social e qual o seu papel na consolidação de um grupo. Neste sentido, a teoria da identidade social de Tajvel e Turner (1979) ajuda a esclarecer a forma como um indivíduo constrói a sua identidade como membro de um determinado grupo. Segundo esta teoria, uma pessoa não possui apenas um "eu", mas vários que correspondem aos papéis desempenhados em cada grupo onde se insere. Um indivíduo tem identidades sociais múltiplas, sendo a sua identidade social um auto conceito que deriva da pertença consciente a vários grupos sociais

A pertença a um grupo cria uma auto-categorização grupal de uma forma que favorece o meio intra-grupal relativamente ao extra-grupal. Turner e Tajvel (1986) afirmam que o simples facto de um indivíduo se auto-categorizar como membro de um certo grupo, é suficiente para que este favorecimento intra-grupal surja.

A importância da exploração deste tema reside no facto de este ser um processo inescapável ao sujeito que pretende ser aceite pelos membros de uma subcultura. Tal como evidencia Hunter (2002), a identidade social refere-se à forma, através da qual, indivíduos e grupos são distinguidos nas suas relações sociais com outros indivíduos e grupos. Subsequentemente, a identidade social é tão necessária ao desenvolvimento de relações sociais, como o inverso. Isto é, as relações sociais e a identidade social são pré-requisitos para a existência de ambas, estando, desta forma, o processo de construção de uma intimamente ligado ao da outra. Só assim se explica a necessidade da construção de uma identidade sólida e segura para que um estatuto estável possa ser atingido dentro do grupo.

O autor chama ainda a atenção para o facto de a identidade social se obter de forma faseada. De facto, os skaters, grupo estudado no trabalho do autor , podem não dominar ainda a actividade de forma a serem reconhecidos como tal, mas existem outros meios que permitem afirmar a intenção de serem reconhecidos como praticantes.

Estas outras formas surgem através do estilo, ou seja, da distinção da sociedade em geral, através do uso de vestuário específico. Desta forma, é permitido aos iniciantes, mesmo sem o domínio técnico, serem reconhecidos como skaters. Contudo, à medida que o tempo passa, e o sujeito se torna mais competente a nível técnico, a importância dada aos símbolos exteriores diminui, já que a competência na actividade ligada à subcultura se assume como o símbolo mais poderoso de definição de uma identidade social.

A importância do estilo é assim confirmada, já que permite a construção de identidades que podem ser expressadas, em parte, pela forma como o corpo é ornamentado.

A competência é também uma forma de construção da identidade na subcultura surfista, tal como demonstra Butts (2001) em "*Good to the last drop*". Nesta actividade, saber surfar é o principal cartão de identidade. Todos os outros meios, tais como o vestuário, o conhecimento dos meios de comunicação especializados, ou a forma de falar perdem importância, já que não são constantes de região para região. O único elemento que mantém a sua importância é a capacidade de dominar as ondas. Assim, no seu percurso, utilizando uma observação participante, o autor constrói também a sua identidade. O trabalho final é uma descrição pormenorizada do processo que leva um iniciante a ser considerado pelos outros participantes como surfista. Neste processo são descritos os códigos e normas de conduta dentro e fora de água, ficando um testemunho, na primeira pessoa, da construção de uma identidade dentro de uma subcultura.

Um outro aspecto que permite verificar o processo de construção de uma identidade e em que nível se encontra essa construção, é o equipamento utilizado pelos praticantes de ski e snowboard. De facto, de acordo com Vaske, Dyar e Timmons (2004), o tipo de equipamento usado, bem como a quantidade de equipamento do qual o praticante é proprietário, varia consoante o nível de especialização.

Em concordância com o que vem sendo dito, Beal (2003) afirma que a autenticidade de uma identidade é influenciada por diversos factores, incluindo o empenhamento, a atitude, o género, a classe e a raça. No entanto, o empenho e a competência na actividade são os factores mais valorizados na construção da identidade.

Um outro aspecto importante na construção da identidade é a capacidade de representar, através de símbolos adequados, uma determinada subcultura. Esta importância assume uma relevância ainda maior quando uma identidade se define pelo uso de símbolos adoptados de forma definitiva. Este é o caso dos straightedgers, cujas tatuagens são usadas como um símbolo exterior de compromisso com aquele estilo de vida. Segundo Akinson (2003), entre as comunidades desta subcultura, o sujeito deve merecer o direito de usar as tatuagens características deste grupo, envolvendo-se profundamente com o seu estilo de vida. As tatuagens surgem, assim, como formas de demonstrar uma identidade, bem como o estatuto dentro do grupo, já que um maior número de tatuagens implica a passagem por uma maior dor. Esta dor requer uma grande resistência e controlo corporal, sendo estes os elementos que estão na base desta subcultura.

A música vem acrescentar um novo elemento ao processo de identificação com uma subcultura. Segundo Contador (2001), referindo-se ao processo de identificação dos jovens negros portugueses, a música surge como uma entidade definidora da identidade, e mesmo no seu uso privado, através do *walkman*, nunca deixa de transparecer para o meio envolvente a identidade assumida, através das manifestações corporais que a acção compreende. As escolhas musicais tornam-se um espelho de uma outra realidade para além da individual. Permitem a construção daquilo que se é e daquilo que se quer ser, demonstrando-se o produto da articulação entre o colectivo e o individual. O estudo de Contador (2001) demonstra o papel da música na construção de uma identidade, cuja localização se encontra bem longe do local onde o corpo habita. Através da música, os jovens negros portugueses relacionam-se com as raízes culturais de uma África que, na maioria dos casos, não os viu nascer, mas que face às dificuldades vividas em Portugal, se mostra acolhedora oferecendo uma sensação de nostalgia por algo que nem sequer tiveram oportunidade de vivenciar.

2.3.4 - Simbologia e Estética

Como já foi referido, a forma como os membros de uma subcultura utilizam o vestuário, a linguagem, e várias outras formas simbólicas, faz com que sejam facilmente identificados como pertencentes a um determinado grupo. Neste sentido, é importante analisar a importância que o poder representativo destes símbolos tem no seio de uma subcultura. Como tal, não é de estranhar que diversos trabalhos tenham sido realizados de forma a tentar entender melhor a função e a proveniência dos símbolos utilizados pelas várias subculturas.

Na perspectiva de que todos os aspectos culturais possuem um valor representativo, todos os fenómenos podem funcionar como símbolos. Neste sentido, Volosinov (1973) afirma que o domínio da ideologia coincide com o dos sinais. Sempre que um sinal está presente, a ideologia também está. Tudo o que é ideológico possui um valor semiótico.

O estilo na subcultura está impregnado de significado. As suas transformações vão contra o que é natural, interrompendo o processo de normalização. Como tal, gestos, movimentos direccionados para um discurso que ofende a maioria silenciosa, desafiam os princípios de unidade e coesão.

É a compreensão do poder semiótico da ideologia, que dá, através da sua aparência, a punks, mods, teds, etc., o ímpeto para a utilização de artifícios genuinamente expressivos, na formação de um estilo verdadeiramente *underground*[18]. Estes movimentos agem como violações simbólicas da ordem social, atraindo atenções, provocando censura.

A utilização de um conjunto estabelecido de vestuário, danças, música, etc., serve para demonstrar a diferença e comunicá-la à restante sociedade. A diferença destes conjuntos simbólicos reside no facto de, contrariamente aos convencionais, se centrarem no indivíduo que as usa atraindo para si toda a atenção. Juntos, objecto e significado, constituem o símbolo e, dentro de qualquer subcultura, estes símbolos são construídos repetidamente, até se tornarem formas características do seu discurso (Clarke 1976 cit, Hebdige 1979).

---

[18] Expressão utilizada para referir aquilo que não faz parte da sociedade e permanece oculto da população geral.

O vestuário, como forma exterior mais imediata de representação de uma subcultura, é descrito por Hunter (2002), num trabalho realizado junto de um grupo de skaters. A autora descreve a forma como a moda e a identidade social se interrelacionam nesta subcultura. Os seus membros são descritos como usando roupa muito relaxada e informal, sob a forma de calças largas, "t-shirts" e "sweat-shirts" com carapuço. Talvez mais importante que a própria forma do vestuário, que assume um carácter mais funcional, serão os símbolos representados no mesmo. Assim, entre os mais frequentes, encontram-se as bandas ou cantores favoritos, denunciando a importância da música, ou o logótipo da marca favorita (normalmente marcas especializadas ou criadas pelos próprios skaters), demonstrando, por um lado, um conhecimento especializado sobre o desporto e, por outro, a rendição aos valores consumistas da sociedade geral. Assim, o vestuário significa a união entre indivíduos do mesmo grupo, significando, simultaneamente, a exclusão em relação a todos os outros grupos.

Nesta subcultura, o próprio equipamento é parte da indumentária e representa um símbolo pelo qual os skaters podem ser reconhecidos. De acordo com Steyn (2004), a tábua do skate é um elemento simbolicamente importante já que em muitos casos se torna uma micro-representação do skater. Ao renunciarem o desenho original e apostarem na personalização[19], os skaters estão a enviar à sociedade em seu redor informações importantes que permitem, por um lado, o afastamento de determinados grupos e, por outro, a aproximação de grupos com afinidades relativas ao que representam os autocolantes (referido em rodapé).

A música é também apontada como parte da subcultura do skate, e influencia a forma como os seus praticantes se vestem. Assim, verificam-se duas grandes vertentes, o Punk e o Hip Hop, sendo que estes dois estilos musicais têm representações diferentes e, como tal, a própria forma de vestir dos skaters influenciados pelo Punk ou pelo Hip Hop é diferente. Nas palavras de um skater, os Punks representam o lado mais maltratado, e o Hip hop o lado mais limpo. Em jeito de conclusão, Hunter (2002) afirma que o vestuário, como

[19] Após comprarem as suas tábuas, estes praticantes, cobriam os logótipos das empresas fabricantes com autocolantes por eles criados, de forma a personalizar o seu skate e torná-lo menos "comercial".

representação de uma subcultura, ultrapassa o mundo do skateboard. Não são apenas os skaters que procuram representar a sua subcultura através do vestuário. Na verdade, isto acontece para qualquer sujeito em interacção com o mundo social.

É na música que podemos encontrar uma maior variedade de formas de representação social através do vestuário. Ao longo dos vários de estilos musicais, o estilo próprio vai-se modificando e assumindo, em alguns casos, formas mais exuberantes, e noutros menos. As formas mais exuberantes apostam, por norma, numa valorização do brilho e limpeza das suas roupas, chamando a atenção através de símbolos e representações que dificilmente escapam ao olhar das restantes pessoas. Já os estilos menos exuberantes têm normalmente uma temática que aposta nas cores escuras ou neutras e nas roupas menos vistosas e por norma mais desgastadas, não significando, no entanto, que sejam menos notados. A menor atenção que a sua roupa pode receber é sempre compensada por outros aspectos, tais como a forma como estilizam o cabelo, ou através dos acessórios usados, que podem ir das correntes e pulseiras com espigões até aos piercings.

Referindo-se ao Grunge[20], Humphreys (1997) descreve a forma como uma subcultura pode fazer-se notar pela representação contrária ao glamour através do uso de roupa em mau estado, calçado velho e aspecto descuidado. Como oposto a este estilo indigente, o autor aponta o hip hop. Nesta subcultura, as calças de vários tamanhos acima, as t-shirts de clubes desportivos, os bonés e as sapatilhas, estão sempre impecavelmente tratados, facto que em conjunto com as cores vivas, não deixa ninguém indiferente.

Ainda no âmbito da música, Hebdige (1979) apresenta, no traçado que constrói acerca das várias subculturas, os vários símbolos que foram caracterizando as diferentes subculturas que abordou. De acordo com o autor, os hipsters, nos anos 1950 demonstravam a necessidade de subir na vida através da ostentação, já os beats, com roupas intencionalmente maltratadas, e sandálias, expressavam uma relação mágica com a pobreza, que constituía,

[20] Grunge (por vezes conhecido como Seattle Sound) é um movimento com raízes na música independente, que se tornou comercialmente bem-sucedido, como sendo uma "ramificação" de hardcore/punk,heavy metal e rock alternativo no final dos anos 1980 e início da década de 1990 (www.allmusic.com).

na sua imaginação, a essência divina, um estado de graça. Esta era uma subcultura nascida de uma identificação romântica com a cultura negra.

Os mods caracterizavam-se pela atenção pormenorizada que davam ao vestuário. Utilizavam fatos aparentemente conservadores em cores respeitáveis. Eram extremamente cuidados. O cabelo era geralmente curto e limpo. Inventaram um estilo que lhes permitia deambulação entre a escola, o trabalho e o lazer sem problemas, mas que escondia tanto quanto revelava.

Agressivamente proletários, puritanos e chauvinistas, os skins apresentam-se de uma forma bem diferente do estilo que lhes deu origem: cabelo muito curto, jeans funcionais, botas *doc marten* polidas.

Toda a sua apresentação deriva de símbolos apropriados da subcultura "rude boy" (delinquentes imigrantes da Índia Ocidental) e da cultura reggae. Esta influência parece, no entanto, ser desvalorizada. Ao reggae foram buscar elementos do vestuário, e o estilo veio dos grupos provenientes da Índia Ocidental.

Como já referido, David Bowie foi um dos grandes impulsionadores do glam rock. Atraiu a juventude em massa, criando uma nova aparência, sexualmente ambígua, em que só os mais extrovertidos se arriscavam a utilizar, e consequentemente a chocar a restante população. O Glam confrontava o chauvinismo (sexual, de classe, territorial), e procurava com mais ou menos entusiasmo, afastar-se, subverter-se ou destroná-lo. Constituíam uma identidade alternativa que comunicava uma diferença patente, eles eram os Outros. (Hebdige, 1979)

David Bowie e o punk nova-iorquino juntaram uma variedade de fontes artísticas reconhecidas da literatura *avant-garde* e cinema *underground*, dando lugar a uma estética conscientemente profana e terminal.

O Punk representa de uma forma muito clara o uso subcultural de modos anárquicos. Tentou, através da perturbação e deformação, reorganizar o significado de vários símbolos. Objectos dos contextos mais sórdidos encontraram lugar na indumentária punk: correntes de lavatórios; alfinetes foram retirados do seu contexto doméstico e usados como piercings em toda a cara; materiais de fraca qualidade (PVC, plástico, etc.), padrões vulgares (imitação de pele de leopardo), e cores berrantes, há muito renunciadas pela indústria da moda, foram recuperados pelos punks e convertidos em

ornamentos. Também as t-shirts e calças demostravam a história da sua própria construção com inúmeros fechos e costuras do lado exterior, explicitamente exibidas.

Os próprios nomes das bandas (*The Unwnated, The Rejects, The Sex-Pistols, The Clash, the Worst*, etc.) e os títulos das músicas, reflectiam a tendência em direcção a uma assunção voluntária de marginalização, que caracteriza o movimento punk. Até mesmo a arte gráfica e tipografia utilizada em discos, revistas, eram construídas de acordo com o estilo subterrâneo e anárquico do punk.

Admitiam abertamente a sua influência cultural negra e caso necessário defendiam as suas ligações culturais através de lutas políticas. Como por exemplo, durante a sua participação na campanha "*Rock against Racism*".

Nenhuma subcultura procurou com maior determinação o afastamento da paisagem tida-como-garantida e normalizada como os Punks. Apesar da sua acentuação proletária, a sua retórica estava assente na ironia. O punk representa, assim, uma adenda ao texto do glam rock, destinada a dar sentido ao estilo extravagante do glam. Esta atitude visava romper com o elitismo típico de artistas de rock anteriores.

As várias indumentárias estilísticas adoptadas pelos punks eram, indubitavelmente, expressão de uma genuína agressão, frustração e ansiedade. Entre a pobreza e a elegância, o punk apresentava-se através das suas t-shirts rasgadas.

A reacção oficial à sucultura punk, particularmente aos Sex Pistols[21] (devido ao uso de linguagem inadequada na televisão e músicas), demonstrou que os preconceitos em relação a esta subcultura estavam bem consolidados na sociedade britânica contemporânea (finais dos anos 1970).

Ainda neste sentido, o Hebdige (1979) referiu o reggae como estilo musical rico em símbolos subculturais. O cabelo e a roupa maltratada são símbolo das contradições materiais que oprimiam e definiam as comunidades da Índia Ocidental (nos anos 1970).

---

[21] Sex Pistols foram uma banda ícone do punk rock, formada em 1975, em Londres. Através das suas músicas polémicas e performances violentas, a banda revolucionou e ideia de rock & roll .

Na viagem entre a origem (Jamaica) e o destino (Inglaterra), o culto rastafari modificou-se até se tornar um estilo. Uma expressiva combinação entre locks, calças com bolsos de lado, e erva, proclamaram inequivocamente a alienação sentida por muitos negros britânicos.

Todos os exemplos referidos confirmaram o facto de podermos encontrar, nos vários estilos musicais, subculturas com símbolos muito próprios, que atraem a atenção para o indivíduo e o situam no seio de uma determinada subcultura.

Partindo agora para outro tipo de representação, é possível verificar que as tatuagens assumem, por vezes, um papel representativo de uma determinada subcultura. De subcultura para subcultura, os motivos das tatuagens vão mudando, assim como a importância que estas adquirem no seio de um grupo. Se em algumas subculturas o uso de tatuagens é mais ou menos facultativo, sendo estas usadas como um meio complementar de afirmação, noutras, são condições essenciais para que o sujeito possa ser identificado como pertencente a um determinado grupo. O caso dos Straightedgers é bem representativo deste fenómeno. Usam roupa rasgada e cristas ou cabelo rapado. Em concordância com os estilos Punk mais tradicionais, no entanto, o uso das tatuagens é algo que os diferencia, já que esta prática se assume como a representação do compromisso com aquele estilo de vida.

Continuando a análise dos diferentes símbolos caracterizadores de uma subcultura, é inevitável observar a forma como a própria linguagem pode ser utilizada como forma de diferenciação, aumentando a distância entre a cultura dominante e as várias subculturas. De facto, as noções relacionadas com a santidade da linguagem prendem-se com ideias de ordem social.

Previsivelmente, as violações dos códigos autorizados e aceites, através dos quais o mundo social é organizado e experiênciado, têm um poder considerável de provocar e incomodar (Hebdige, 1979). É neste sentido que a linguagem se assume como uma forma de assegurar a exclusividade simbólica de uma subcultura.

Se em algumas subculturas a exclusividade da linguagem se demonstra mais nos conhecimentos próprios específicos da actividade associada, noutras, assume contornos mais globais transferindo-se para grande parte do

quotidiano. O caso do Hip Hop é representativo desse alargamento. Como descreve Reese (1998), nesta subcultura a linguagem é transmitida através do Rap, sendo este estilo musical responsável pelo alargamento da linguagem específica do Hip Hop, devido, em parte, à constante procura de rimas. O alargamento trazido pelo Rap não se detém no aumento das palavras criadas especificamente no seio da subcultura. A exportação do estilo musical acarretou também uma exportação da linguagem, sendo frequente encontrar, noutros países, rappers com pouco domínio da língua inglesa, mas com um domínio perfeito da linguagem específica do Hip Hop. Assim, para além do estilo, o Hip Hop tem na linguagem mais um meio de representação quase unificado pelo mundo inteiro.

Todos os elementos simbólicos referidos partilham o mesmo espaço representativo e necessitam, portanto, de ser coerentes dentro do espaço onde são inseridos. Para descrever a coordenação simbólica entre valores e estilos de vida de um grupo, a sua experiência subjectiva e a forma musical que usa para expressar e reforçar os seus interesses centrais, Paul Willis (1978) introduziu a noção de Homologia. Segundo este autor, a estrutura interna de uma subcultura é caracterizada por uma extrema ordenação e organização: cada parte está organicamente relacionada com as outras, e é através desta relação entre elas que o membro da subcultura dá sentido ao mundo.

Assim, os símbolos, através da homologia, representam os mesmos pressupostos. Cada símbolo, quer seja vestuário, linguagem, arte gráfica, música... encerra em si a mesma ideologia, a mesma estética que caracteriza uma determinada subcultura.

Este é um aspecto importante a ter em conta na análise de uma subcultura. Desta forma, ao desenvolver um trabalho deste género, devemos sempre questionarmo-nos acerca da coerência apresentada pelos vários símbolos apresentados por uma subcultura.

Com uma noção clara e abrangente dos elementos que constituem o mundo das subculturas, importa agora, entender qual o panorama actual no estudo das subculturas e, em especial, dos desportos alternativos enquanto subculturas.

2.4 - Estado da arte

A sociologia do desporto está em crescimento, mas há ainda muito para fazer no sentido de entender a cultura e as motivações dos praticantes de desportos alternativos (Butts, 2001).

Os estudos feitos quanto aos desportos alternativos urbanos são muito raros, no entanto, quanto a certos desportos a bibliografia é menos escassa. O estudo sociológico do skateboarding é, sem dúvida, o mais completo e o que abrange um maior espectro de tópicos relativos a este desporto como subcultura. Os trabalhos existentes percorrem vários temas relacionados com as raízes culturais deste desporto. Assim, não foi difícil encontrar trabalhos centrados em aspectos como a ideologia subjacente, a estética, os processos de resistência e acomodação social, entre outros. O mesmo não se pode afirmar de outros desportos urbanos, tais como o inline skating, o freestyle bmx[22], ou, mais recentemente, o parkour. Não existe nenhuma razão aparente para a inexistência de estudos de cariz sociológico relativamente a outros desportos urbanos, para além do facto de alguns serem fenómenos relativamente recentes. Na realidade, o skate está longe de ser o único desporto alternativo a ser abordado numa perspectiva sociológica, mas é, sem dúvida, o único desporto alternativo urbano com um número considerável de estudos sociológicos realizados no seu âmbito. Os vários estudos sociológicos sobre outros desportos alternativos foram úteis, visto que permitiram verificar a existência dos mesmos aspectos que caracterizam uma subcultura relacionada.

Em *Good to the last drop*, o processo de construção de identidade num grupo de surfistas é descrito por Butts (2001), dando pistas valiosas acerca da forma como se deve analisar o processo que o investigador passa enquanto observador-participante. Já em *Shreadheads go mainstream?* Humphreys (1997) explora a forma como o snowboard teve que passar por um processo de acomodação para ser aceite pela sociedade. Mesmo as normas pelas quais se rege uma subcultura foram estudadas, como mostra *Skill Level and Recreation*

[22] Desportos descritos mais adiante.

Conflict among Skiers and Snowboarders desenvolvido por Vaske, Dyar e Timmons (2004).

No entanto, os vários trabalhos que analisam os desportos alternativos como subculturas, têm como base os trabalhos realizados no âmbito das subculturas urbanas, que são em vários casos uma parte fundamental da ideologia do próprio desporto. Desta forma, não é de estranhar que subculturas como o hip hop ou o punk surjam associadas a desportos alternativos. Um dos primeiros trabalhos realizados neste âmbito foi o de Dick Hebdige. Segundo Pitre (2003), a sua obra, *Subculture: The meaning of style* é considerado um clássico em várias disciplinas, tendo sido lido por vários investigadores na área da música popular, sociólogos e fans do estilo punk e estilos semelhantes.

Mais recentemente, o estudo das subculturas tem sido continuado através de estudos que se focam em aspectos específicos de cada subcultura. Como exemplo destes estudos mais recentes surgem trabalhos como *The civilizing of resitance: straightedge tattooing* (2003), no qual Atkinson analisa a forma como os comportamentos da subcultura straightedge se constituem como resistência social. O mesmo tema é abordado por Haupt (1996) e por Reese (1998) relativamente à subcultura hip hop. Por sua vez, Hollands (2001) estuda a cultura Geordie e a forma como as gerações mais recentes se procuram identificar com uma cultura que pouco se relaciona com o seu estilo de vida actual.

A nível nacional existem também vários estudos relativos ao tema da subcultura, mas quanto ao estudo sociológico dos desportos urbanos alternativos a pesquisa revelou uma escassez de trabalho nesta área. De salientar, no entanto, trabalhos realizados por José Machado Pais, tais como Culturas Juvenis (1996), Gerações e Valores da Sociedade (1998), e Grupos Juvenis: Condutas e imagens (2003). De uma forma mais orientada para a subcultura é de referir a música e o processo de identificação dos jovens negros portugueses (2001), realizado por António Contador.

No que diz respeito aos desportos alternativos urbanos, como já referido anteriormente, parecem existir muito poucos trabalhos. Não encontrámos qualquer tipo de trabalho de cariz sociológico quanto ao Parkour, e o mesmo se passou relativamente ao freestyle bmx. De salientar que existem alguns trabalhos relativos a estes desportos, mas na área da ortopedia, onde se

analisam as principais lesões decorrentes da sua prática. Quanto ao *inline skating*, da pesquisa realizada, surgiram dois trabalhos, *Agressive inline skating: a subculture of extreme sports* de Art Hong (2001) e *Rollers et skaters: sociologie du hors-piste urbain* de Yves Pedrazzini (2001). Por fim, o skate parece ser o desporto mais estudado a nível sociológico. Todos os aspectos abordados na construção do modelo teórico são alvo de atenção por parte de vários autores em trabalhos recentes. Em *Flying through the air magic: skaterboarders, fashion and social identity*, Janine Hunter (2005) aborda o tema da construção da identidade sob a perspectiva da relação entre o indivíduo e a sociedade. Ainda sobre este tema, mas relacionando-o com a forma como os skaters se movimentam elo espaço público, Lia Karsten e Eva Pel (2000) apresentam *Skateboarders exploring urban public space: Ollies, obstacles and conflicts*. Explorando a estética e os símbolo próprios desta subcultura surgiu ao longo da pesquisa realizada o trabalho escrito por Daniel Steyn (2004), *The body in public culture: skateboarder.*

As formas de resistência social são amplamente abordadas por Beal em *Disqualifying the oficial: an exploration of social resistance through the subculture of skateboarding* (1995) e em *Keeping it real* (2003).

Em Shreadheads go mainstream? O autor, Duncan Humphreys (1997), traça um importante paralelismo entre a subcultura do snowboard e do skate, sendo de salientar a descrição que faz do percurso de construção da identidade cultural do skate em estreita relação com o punk.

Os trabalhos referidos são exemplo dos estudos mais recentes que surgiram da pesquisa realizada no âmbito do nosso trabalho. Como se pode verificar, foram muito importantes os trabalhos realizados no âmbito de outras subculturas que, numa primeira análise, pouco se relacionam com os desportos alternativos urbanos. Quanto aos desportos alternativos urbanos, os estudos realizados sobre o skate são, sem dúvida, os que permitiram estabelecer um conhecimento suficientemente amplo para complementar as informações recolhidas nos outros trabalhos.

Desta forma, face aos resultados da pesquisa realizada com o intuito de encontrar documentação referente ao tema sobre o qual se debruça este trabalho, achamos que a literatura não é muito extensa. As subculturas urbanas possuem um número considerável de trabalhos realizados, mas à

medida que o tema se torna mais específico e entramos no domínio dos desportos alternativos, esse número parece diminuir. No entanto, onde a principal lacuna se expressa é nos desportos alternativos urbanos, sendo, aparentemente, o skate, o desporto mais estudado.

2.5 - Desportos Alternativos no Âmbito das Subculturas Urbanas Contemporâneas

Tendo construído um modelo teórico que possibilitou identificar os vários elementos que constituem uma subcultura, debruçámo-nos agora sobre a área na qual está centrado o nosso trabalho, a cultura urbana contemporânea, mais especificamente, os desportos alternativos, que surgem neste âmbito. Esta será uma forma de melhor contextualizar o surgimento do parkour enquanto actividade que "desafia" a vivência/experiência da urbe.

2.5.1 - A Apropriação do Espaço Urbano

A redescoberta do espaço urbano constitui um processo que, segundo Lopes (2000), é capaz de desafiar a ordem hegemónica, através da criação de ocasiões de contestação e afirmação, superando os seus limites e constrangimentos. São estes mesmos mecanismos de apropriação do espaço que geram estilos e usos combinando-se em novas formas de viver a cidade. A cada nova forma que surge, a identidade colectiva da cidade vai-se diluindo até que cada grupo, cada subcultura, viva o meio de forma particular, representando-o e experimentando-o de maneira distinta. Este é o *habitat* das várias subculturas, encontrando-se algures neste conjunto, os desportos alternativos urbanos e a sua peculiar forma de afirmação no meio urbano. A compreensão destas novas formas de vida urbana depende do entendimento acerca da forma como a cidade foi mudando até aos dias de hoje.

Como parte da transformação social e tecnológica, a forma de pensar, estilo de vida e lazer da população jovem, foram profundamente afectados nas décadas mais recentes. Assiste-se, assim, a uma alteração na paisagem típica onde decorrem as actividades desportivas juvenis de lazer. De acordo com Tajima (2005), muitos desportos alternativos recentes são praticados nas cidades, afectando, desta forma, o espaço público. Neste sentido, as

transformações ocorridas nas várias formas desportivas tornaram certos desportos aptos para ocupar o espaço urbano. Por sua vez, também a cultura urbana progrediu englobando o desporto como um dos registos desta transformação cultural.

É neste contexto que, desportos como o "skate", o "inline skating" ou o "freestyle bmx", se tornam, a cada dia que passa, mais frequentes na paisagem urbana contemporânea, sendo tanto objecto de diversão como de conflitos.

A forma como os seus praticantes vivem a cidade é essencialmente diferente da forma como a vivem os restantes habitantes e visitantes. As suas atitudes e acrobacias chamam a atenção e constituem-se como uma nova forma de entretenimento. Estes desportos que têm lugar nas cidades não seguem uma organização rígida, guiando-se antes pelo ritmo de vida da cidade. Como exemplo, Camy, Adamkiewics e Chantelat (1993) descrevem a forma como numa rua de Lyon o espaço é ocupado de forma fluida por um grupo de "skaters", que adapta o seu espaço consoante o fluxo de pessoas que a cruzam ao longo do dia. Contudo, de acordo com Karsten e Pel (2000), este uso alternativo do espaço urbano também leva, em alguns casos, a conflitos. Em áreas comerciais movimentadas, existe o risco de choque com outras pessoas e veículos. Isto leva os praticantes destas modalidades a procurarem outros momentos ou outros locais para a sua prática.

Por vezes, os governos locais providenciam parques próprios para a prática destes desportos, mas a cidade continua a ser o seu paraíso. Tajima (2005) aponta como um exemplo de sucesso, o skatepark Westblaak em Roterdão. Sensível aos pedidos de skaters locais, o governo local construiu um parque numa zona central da cidade que se tornou um símbolo para os skaters e um ícone da identidade cultural da cidade.

Nestes desportos, existe uma tentativa de oposição à sociedade através do uso alternativo do espaço envolvente que, segundo Tajima (2005), não pode ser qualquer lugar. Existe uma busca específica pelo local perfeito, que depende tanto de factores sociais como espaciais. Karsten e Pel (2000) evidenciam esta apropriação do espaço urbano, descrevendo a forma como os skaters tentam acomodar o espaço que ocupam às suas necessidades. Neste sentido, todos os objectos são potencialmente um obstáculo a ultrapassar. É

nestes locais que constroem os seus obstáculos, reparam os seus equipamentos, convivem e trocam experiências.

Uma outra característica dos praticantes de desportos urbanos é a sua mobilidade. Alguns praticantes movem-se constantemente de local para local, como é o caso dos "street skaters", outros procuram um local específico com as condições perfeitas, com o objectivo de praticarem o "downhill" ou os "grinds"[23]. As piscinas abandonadas também são procuradas, apesar de serem de mais difícil acesso. Como espaços mais convencionais, existem ainda os parques com várias estruturas que permitem ter num mesmo local uma grande variedade de obstáculos construídos especificamente para a prática destes desportos. Estes locais podem perder rapidamente importância à medida que todas as suas potencialidades são exploradas e os seus obstáculos ultrapassados. Neste sentido, não é de admirar que locais, cujas condições estão temporariamente alteradas causando incómodos para a restante população, se assumam como espaços óptimos para a prática destes desportos. Blocos de cimento, barreiras de aço, placas de cartão, tudo serve para construir o próximo obstáculo a ultrapassar.

Sobre os motivos da escolha destes locais, Tajima (2005) afirma que o elemento "ver e ser visto" é um factor chave na compreensão da forma como skaters escolhem os locais de prática. Os locais mais visíveis estão nos centros das cidades, cuja acessibilidade e visibilidade lhes conferem a classificação de lugar de eleição. Assim, um dos factores que pode levar ao sucesso de um "skatepark" é a sua localização.

O trabalho desenvolvido por Karsten e Pel (2000) centra-se essencialmente nos skaters, mas a sua interpretação pode ser alargada a desportos como o "freestyle bmx" ou "inline skating", que procuram espaços muito semelhantes. Os praticantes destes desportos mostram-se particularmente persistentes na permanência num local específico. Apenas param a sua actividade perante uma forte acção policial, ou pela construção de barreiras. No entanto, quando são colocadas por quem não conhece este tipo de actividades, estas acabam, em muitos casos, por melhorar ainda mais as condições de prática da actividade, tornando o local ainda mais popular.

[23] Downhill e grinds são termos referentes a manobras realizadas no skate.

Os habitantes das cidades começaram, então, a re-interpretar o espaço urbano e as actividades que nele se desenvolvem. Passeios, ruas, parques, espaços livres entre edifícios, são usados como local de prática de desportos de forma informal. Neste contexto, segundo Bach (1993), mais do que prever espaços desportivos formais em locais específicos das cidades, o planeamento de desenvolvimento urbano deve reconhecer esta prática informal, no modo como o espaço é organizando, prevendo o seu uso pela população, não só quanto ao objectivo primário do espaço ou construção, mas também quanto ao uso alternativo que a população lhes pode dar.

Por conseguinte, o carácter funcional da relação entre os praticantes de desportos alternativos urbanos e a construção do ambiente envolvente não pode ser ignorado. O conhecimento que estes sujeitos têm da "rua" torna-os conhecedores das questões urbanas sem que alguma vez tenham lido algum livro sobre urbanismo. Assim, segundo Pedrazzini (2001), os praticantes de desportos alternativos urbanos tornam-se, por vezes, autênticas bibliotecas de sociologia urbana. Os praticantes destes desportos vêm-se constantemente desafiados a pensar a cidade, os seus quarteirões e os seus habitantes, fazendo-o de uma forma crítica e activa.

Na sua deambulação pela cidade, transportam consigo a faceta humana da urbe. Fazem ressurgir a cidade, o seu meio social e o envolvimento urbano. Graças a estes novos habitantes, o betão, os corrimões e escadarias intermináveis, as barreiras arquitectónicas ou os muros, voltam a ter um sentido, a cidade volta a existir.

Este é o último local vago, o último local a explorar através destas novas formas desportivas. É por esta razão que os praticantes preferem uma cidade com as condições mínimas para a prática, a um local em condições perfeitas, mas escolhido pelas autoridades, para onde são enviados perdendo o contacto com o meio urbano. Os desportos urbanos constituem, assim, uma abordagem alternativa às formas de locomoção na cidade. Estes, de acordo com Tajima (2005), podem ajudar a reinventar a cidade de forma criativa, fazendo renascer as memórias de infância ligadas à "cidade atraente". E, como promovem o pensamento criativo, devem ser vistos como fonte de inspiração para a construção de uma cidade que promova a sua fruição.

2.5.2 - Desportos Alternativos Urbanos

Perante esta deambulação pela forma como se vive a relação entre o corpo e o espaço urbano, torna-se necessário, agora, proceder à análise dos desportos alternativos urbanos, no sentido de encontrar ligações e paralelismos que possam melhorar a forma como se analisará o Parkour enquanto desporto alternativo urbano. O primeiro problema que se coloca é a escassez de estudos relativamente a desportos que não o skate. Os desportos alternativos urbanos têm diferenças óbvias relativamente à sua prática, como refere Pedrazzini (2001), quando afirma que, no "inline skating" o equipamento se torna um prolongamento do corpo, enquanto que no skate o corpo move-se de forma livre sobre a tábua. No seu livro Rollers & Skaters, Sociologie du Hors-Piste Urbain, este autor fornece dados importantes que permitem entender o fenómeno dos desportos alternativos urbanos como um todo.

Apesar de não aprofundar as influências ideológicas de cada subcultura, a análise da relação com o risco, com as formas desportivas clássicas e com os novos repertórios de movimento corporal, permite, olhando para lá das diferenças técnicas de cada desporto, afirmar que os praticantes dos desportos alternativos urbanos têm um perfil sócio-cultural próximo. Se a esta constatação aliarmos exemplos de troca de influências ideológicas entre desportos alternativos, como demonstra Humpreys (1997) num estudo em que é possível verificar relações ideológicas entre o skate e o snowboard, a semelhança no perfil sócio-cultural torna-se ainda mais consolidada. Assim, apesar da escassez de estudos relativos às influências culturais específicas de cada um destes desportos, pode-se afirmar que a ideologia relativa à prática é semelhante e que as outras influências ideológicas podem surgir do contacto entre os vários desportos alternativos urbanos. Não seria de estranhar, portanto, que num desporto como o "inline skating" ou o "bmx freestyle", encontrássemos o mesmo tipo de influências ideológicas que no skate. Se a influência desta subcultura se estendeu às montanhas geladas, talvez não seja difícil estender-se aos passeios, ruas, escadarias ou corrimões que partilha com os outros desportos urbanos. Neste sentido, pensamos que a análise dos desportos alternativos urbanos, com um enfoque especial no skate, pode ser um ponto de partida de referência para o estudo do Parkour.

2.5.2.1 - O *Skate*

Este desporto surgiu nos anos 1950 na Califórnia quando, entre os surfistas, se começou a falar em surfar as ruas. Até aos dias de hoje, o skate é tido como uma estranha invenção espontânea sem que alguém tenha surgido como o criador deste novo equipamento desportivo.

Durante estes tempos iniciais, o skate era visto como algo divertido para fazer depois de surfar. A sua popularidade continuou a aumentar, até que em 1963 várias companhias se juntaram para organizar as primeiras competições, fazendo com que este desporto atingisse o seu pico de popularidade. Em termos técnicos este era um skate bem diferente do que existe agora, assemelhando-se mais à patinagem artística. Logo após este pico, a popularidade do skate começou a diminuir drasticamente, até que em 1972 Frank Nasworthy inventou as rodas de uretano trazendo com a sua invenção um novo interesse no skate. Esta novidade permitia uma prática deste desporto significativamente diferente aumentando o controlo sobre a tábua e o conforto.

Com este novo alento, a popularidade do skate voltou a aumentar atíngindo um novo pico em 1975, com uma nova competição onde foi mostrado ao mundo um novo nível técnico e um skate reinventado construindo as bases do skate moderno. No entanto, a derradeira revelação em direcção ao skate moderno surgiria apenas em 1978 com a invenção do Ollie[24], que ainda hoje é a base da grande maioria das manobras realizadas no skate.

Apesar desta evolução, à medida que o final dos anos 1970 se aproximava, o skate voltou a perder popularidade. Vários factores contribuíram para este facto, um deles prendia-se com a insegurança que aumentava relativamente a este desporto, que possuía agora um elemento técnico que permitia a perda de contacto com o solo, aumentando as probabilidades de queda. Terá sido nesta altura que a componente de risco se terá revelado com mais força afastando muitos dos jovens, que, ao observarem as novas manobras, se sentiam intimidados para iniciar a prática deste desporto. Um outro factor foi a associação do punk ao skate. De facto, tal como afirma Humpreys (1997), esta subcultura fez com que ao skate fosse associada a

[24] Ollie: é uma manobra do skate que permite, através do impacto com a parte anterior (nose) da tábua elevar o skate fazendo com que perca o contacto com o solo (www.switchmagazine.com).

marginalidade com que a sociedade catalogava o punk. É, então, nesta altura que o skate começa a construir as suas bases ideológicas, tanto como desporto de risco, como movimento cultural associado à estética punk.

Nesta verdadeira montanha russa de picos e pontos baixos de popularidade, os anos oitenta representaram um novo alento para o skate. A evolução técnica permitiu tornar o mundo no novo skatepark. Esta foi a altura do surgimento da NSA (*National Skateboarding Association*), que, com estreitas relações com a associação de escuteiros da América, fez com que o skate voltasse a cair nas boas graças do público geral. Por esta altura, também o movimento punk tinha passado os seus anos mais polémicos, contribuindo também para esta nova fase de aceitação.

Os anos 1990 consolidaram a imagem do skater punk representando a luta contra o sistema da época, mas desta vez sem os efeitos do final dos anos 1970. Nos últimos anos, com a mediatização dos X-Games[25], o aparecimento de jogos de vídeo relacionados com o skate e os grandes contratos com as marcas desportivas, aproximaram o skate dos desportos mainstream[26]. Este aumento da popularidade levou ao aumento de skateparks, a uma melhor aceitação dos skaters pela sociedade e a um melhor apoio da modalidade.

No entanto, segundo Cave (2006), um grande número de skaters prefere a forma como o skate era visto nos dias em que era menos conhecido, e os praticantes mais autênticos e dedicados ao skate. Actualmente, muitos skaters estão preocupados com a oficialização do desporto, já que este se pauta por uma atitude que defende que não existe um forma correcta ou errada de andar de skate. Esta oficialização poderá trazer regras mais rígidas e um conjunto de elementos predefinidos que põem em risco a própria definição actual de skate. Este sentimento de renúncia às normas do desporto formal pode ser visto como uma herança da resistência social típica da ideologia punk, tendo em conta a estreita relação entre o skate e esta subcultura. Neste sentido, o skate assume-se como uma subcultura, com a sua ideologia, normas e estética. Tal como se pôde verificar na análise dos vários elementos característicos de uma

[25] X-games: evento desportivo realizado nos Estados Unidos que reúne os vários desportos alternativos, sendo uma das maiores competições neste género de desportos.
[26] Mainstream é o pensamento corrente da maioria da população. Neste contexto refere-se aos desportos mais praticados por uma dada população

subcultura, existem vários skaters que continuam a renunciar às formas de competição formais, organizando os seus encontros de skaters onde o objectivo é conviver e trocar experiências. A subcultura do skate expressa-se, também, através da forma como os seus praticantes utilizam o espaço urbano, pela forma como usam o vestuário como elemento diferenciador, pela forma como a identidade dos seus praticantes é construída com base em discursos de autenticidade.

Talvez pela sua história um pouco mais longa e conturbada, ou pela sua riqueza cultural, este desporto obteve mais atenção que os desportos urbanos alternativos urbanos que seguiram. É difícil estabelecer quando um desporto surge para ficar e, por isso, é também u,a tarefa complexa analisar desportos como o "bmx Freestyle" ou o "inline skating" que, ao terem uma história bem mais curta que o skate, podem parecer, aos olhos do público geral, apenas mais um desporto de momento sem bases para crescer e se consolidar. Contudo, se analisarmos a expressão que estes desportos têm em competições como os X-Games, verificamos que estes estão tão presentes quanto o skate, havendo, neste momento, as mesmas razões para iniciar um estudo acerca de qualquer um dos desportos alternativos urbanos. Neste sentido, torna-se clara a necessidade de tentar esclarecer da melhor forma possível quais são e em que é que consistem algumas outras formas de desporto alternativo urbano que existem para além do skate.

2.5.2.2 - O *inline skating*

O "inline skating" diferencia-se do skate através do equipamento que utiliza para cruzar a cidade, ou seja os patins em linha. Segundo Hong (2001), este é um dos desportos alternativos urbanos menos conhecidos. É uma subcultura gerada no mundo do "skate" e do "bmx Freestyle" e luta ainda hoje pelo reconhecimento, visto obter menos atenção pelos media que o "skate". Exemplo disso é a quantidade de videojogos existentes sobre skate comparativamente a um ou outro jogo que surge sobre o inline, mas sem qualquer cobertura mediática. Se, por um lado, os skaters se queixam de demasiada mediatização, os inliners, por outro, queixam-se de pouco reconhecimento do seu desporto.

De acordo com o mesmo autor, a relação com o risco é muito diferente da forma como os desportos clássicos vivem esta componente da actividade desportiva. Este é visto como uma parte inerente ao desporto sem a qual se perderia a essência da prática. No que diz respeito à forma como este desporto se relaciona com o espaço urbano, esta é muito semelhante à dos skaters, tanto que utilizam os mesmos espaços e os mesmos obstáculos, sendo natural a convivência destes desportos em vários espaços urbanos.

Hong (2001) afirma que, sendo este um desporto dinâmico, progride e muda com os seus praticantes, assumindo-se como uma forma de expressão e providenciando também um escape ao stress da vida urbana. Talvez seja esta sensação de fuga que diferencie o skate do inline. Os patins em linha permitem um deslocamento contínuo pela paisagem urbana a uma velocidade diferente do resto da cidade, contrariamente ao skate que, fugindo um pouco mais ao controlo básico, dificulta, por vezes, a progressão fluida pela cidade.

Assim, pelos dados revelados pela pesquisa realizada no âmbito deste trabalho, é possível traçar um forte paralelismo entre o skate e o inline. Esse paralelismo é confirmado na forma como se apropriam do espaço urbano e vivem o risco. No entanto, pouco mais pode ser dito. As suas influências ideológicas, a sua simbologia e estética, as suas normas enquanto subcultura, continuam por descobrir. Se abrirmos uma revista de desportos radicais, facilmente obtemos pistas que nos permitem aprofundar um pouco mais o conhecimento acerca desta subcultura. O vestuário, por exemplo, é muito semelhante ao do skate denotando as mesmas influências do punk e do hip hop, através das calças largas, ou roupas rasgadas. No entanto, é difícil saber através destas imagens se a influência se estende à ideologia destas subculturas ou apenas se fica pela estética.

Esta relação entre os dois desportos é reforçada se, mais uma vez, considerarmos o referido por Pedrazzini (2001), no sentido de que as subculturas urbanas partilham um perfil sócio-cultural próximo.

2.5.2.3 - O *bmx freestyle*

Continuando com esta noção de proximidade, o bmx freestyle surge igualmente como um desporto alternativo urbano, mas desta vez praticado sobre uma bicicleta. Se a informação obtida acerca do inline foi escassa, no

que diz respeito aos estudos sociológicos relativos ao bmx foi inexistente, havendo apenas breves referências feitas por Pedrazzini (2001), quanto à sua relação com o risco, que é essencialmente semelhante à dos outros desportos alternativos urbanos.

Contrariamente ao inline skating, o bmx freestyle tem muita cobertura mediática. De acordo de Allistair Whitton[27], um dos grandes nomes do bmx, esta modalidade está em alta, apontando como uma das razões para a prática de outros desportos como o skate ou o inline, o facto de estes equipamentos serem consideravelmente mais baratos. Ainda na mesma entrevista, Whitton afirma que não treina realmente, mas que tenta divertir-se enquanto pratica este desporto. Esta é uma forma de viver a modalidade comum aos outros desportos alternativos, onde a diversão é a prioridade.

Quando questionado acerca da existência de uma subcultura do bmx fresstyle, Whitton dá uma resposta simples, mas esclarecedora: sim existe, e é massiva. A ideia de uma subcultura massiva pode parecer um pouco contraditória, mas neste caso reflecte a popularidade da modalidade em eventos desportivos como os X-Games.

Quanto aos aspectos relacionados com a subcultura, como já foi referido, a pesquisa não demonstrou qualquer estudo realizado neste âmbito. Restam os trabalhos realizados sobre os desportos alternativos em geral que referem a proximidade cultural entre todas estas formas desportivas e mais uma vez a análise do fenómeno através dos meios de comunicação. Neste sentido, tal como aconteceu com o inline, a nível visual, os praticantes destas modalidades apresentam poucas ou nenhumas diferenças. Assim, se considerarmos as afirmações de Volosinov (1973), no sentido de que o domínio da ideologia coincide com o dos sinais, então a utilização de um determinado tipo de vestuário pode demonstrar uma ideologia e comunicá-la à sociedade.

Não será, então, difícil chegar à conclusão que, perante a sua proximidade, a nível simbólico, da relação com o risco e com o meio urbano, estes desportos são diferentes formas de expressão de um modo alternativo de vivênciar o espaço urbano.

---

[27] Numa entrevista para o *site www.jetmag.co.nz.*

2.5.3 - O Parkour

2.5.3.1 - A breve história

De acordo com a página pessoal de David Belle[28], o criador do parkour, este desporto teve início durante a década de 1990 em Lisses na França. O seu fundador foi fortemente influenciado pelo trabalho de George Hebert (1875-1957), um pioneiro da Educação Física em França. O autor criou um currículo ao qual chamou de *"La methode naturelle d'education physique"*. Este trabalho baseou-se na observação das habilidades motoras dos indígenas que encontrou ao longo das suas viagens ao serviço da marinha francesa. O sistema consistia na inclusão de determinados padrões de movimento, durante um percurso previamente, definido, ou não. Para George Hebert, o *"parcours du combatant"* permitia desenvolver nos jovens recrutas (mais tarde alunos, em ambiente escolar) capacidades básicas como andar, correr, saltar, movimentos quadrúpedes, escalada, progressões em equilíbrio, lançamentos, levantar e carregar pesos, técnicas de defesa pessoal e natação.

Foi através do seu irmão Jeff Belle que David Belle conheceu o trabalho deste autor, já que a sua metodologia era utilizada no treino dos bombeiros dos quais fazia parte. Assim, David pegou nestas ideias e adaptou-as às suas necessidades.

No ano de 1997, enquanto preparava a cerimónia anual dos bombeiros, Jeff Belle decidiu que o seu irmão também deveria participar. Assim, convidou dois dos seus primos e alguns dos seus vizinhos, entre os quais se encontrava Sébastien Foucan, o co-fundador desta actividade. Nesta demonstração vestiram-se de ninjas e denominaram-se Yamakasi. Este acontecimento foi marcante para o Parkour, porque permitiu a obtenção de uma visibilidade impossível até então. A partir desta altura Belle e Foucan começaram a receber vários convites para actuar em diversos eventos, inclusivamente no *Cirque du Soleil*. Mais tarde, foi também realizado pelo realizador francês Luc Besson, um filme com o nome que utilizaram na exibição dos bombeiros.

Foi também nesta altura que os interesses dos seus fundadores começaram a divergir. Enquanto que para Belle o parkour tem uma função

[28] www.sportmediaconcept.com/parkour

mais utilitária, na qual se procura a eficácia do movimento, para Foucan, o Parkour é um desporto e está ligado mais às filosofias orientais, além de ser aberto a outras influências, tais como "break dance", tendo portanto, uma relação próxima com a componente estética. Com o documentário "Jump London", esta visão do Parkour popularizou-se através do nome free running. Desde então, o termo "free running" vem sendo usado para denominar a prática conforme divulgada por Foucan, ou seja, com inclusão de movimentos acrobáticos.

2.5.3.2 - O conceito

Fazer das barreiras um desafio e inventar formas fluidas e orgânicas de ultrapassá-las. Foi com este pensamento que, David Belle e Sébastien Foucan começaram a desenvolver um método e uma filosofia que inspiraram milhares de jovens por todo o mundo[29]. Definido por Belle como a arte de ultrapassar obstáculos, o parkour constitui-se como uma forma de deslocamento e uma nova maneira de interagir com o envolvimento urbano.

Segundo a descrição presente no site parkour.net, onde as pessoas vêem obstáculos, os "traceurs" vêem oportunidades que envolvem saltos, movimentos diferentes, originais. A ideia é utilizar os obstáculos e progredir pelo meio urbano de um modo natural e fluído. Esse modo fluído nota-se na componente artística, pois pode saltar-se de um muro de qualquer maneira, mas fazê-lo de uma forma fluída e natural é algo que torna esta actividade distinta. O parkour é utilizado para chegar a algum sítio normalmente inacessível. Para tal, uma visão diferente do espaço urbano tem que ser desenvolvida no sentido de identificar os caminhos normalmente ignorados para chegar ao local desejado. O principal objectivo é conseguir naturalidade e fluidez no deslocamento, no entanto, é possível realizar movimentos mais redundantes para acrescentar beleza a um movimento. É na escolha da forma de ultrapassar os obstáculos que surge um conflito ideológico, sendo neste domínio que encontramos sentido na distinção entre parkour e "free running".

Segundo Pires[30], tanto o parkour como o "free running" procuram a libertação do corpo num contexto, preferencialmente urbano, mas divergem

[29] Fonte: www.parkour.net.
[30] Num artigo para a revista Horizonte nº 126

num aspecto energético fundamental: a eficiência do deslocamento. Enquanto o parkour defende a simplicidade, a fluidez e velocidade das progressões; o free running associa-se, de forma geral, a uma elaboração mais complexa dos movimentos que permitem ultrapassar os obstáculos que vão surgindo, ao longo do percurso.

Podemos afirmar que o "free running" se afasta do parkour, porque escolhe gestos motores mais complexos, o que, na maioria das vezes, interfere com a fluidez e consequente eficiência do deslocamento, defendida pelo parkour. No entanto, é comum o enquadramento urbano onde a acção se passa.

Tendo em conta as características do grupo observado o termo parkour irá englobar as duas vertentes, sendo, sempre que necessário, feita uma referência específica ao free running.

2.5.3.3 - Progredindo através da cidade

Para a compreensão da importância do movimento corporal nesta actividade, é necessário proceder a uma análise geral dos elementos básicos do parkour. À medida que os elementos se vão tornando mais complexos, a distinção entre parkour e free running torna-se de mais difícil percepção, exceptuando quando se tratam de movimentos puramente estéticos. Assim, ambas as vertentes partilham as mesmas bases fundamentais a partir das quais se desenvolve o parkour ou o free running.

À medida que percorremos a cidade deparamos com inúmeras barreiras que se erguem diante dos nossos olhos. Subir estas barreiras pode ser uma tarefa difícil, mas frequentemente, descê-las é tão ou mais complicado. Assim, é natural que, no parkour, se tenha desenvolvido um método para "aterrar" da maneira mais eficaz. O *landing* é utilizado na sequência de um *drop*, ou seja, um salto de um obstáculo em direcção ao solo. Consoante a altura do salto pode-se utilizar um rolamento logo após o contacto com o solo de forma a amortecer a queda.

Uma qualidade essencial de qualquer "traceur" é a sua capacidade de equilíbrio. Em alguns casos, essa capacidade é de tal maneira solicitada que se torna em si mesma um elemento técnico. Este é denominado *balance* e consiste em percorrer um obstáculo com uma largura reduzida evitando cair.

O *cat leap* é uma das técnicas mais utilizadas no parkour e consiste em saltar de um ponto e conseguir agarrar a parte superior do ponto de destino, normalmente um muro, que está elevado em relação ao ponto de partida, e ficar seguro pelos braços, apoiando também os pés.

Vault é qualquer salto que se tenha de fazer para passar um obstáculo e que exija o uso dos braços.

O *turn vault* difere do *vault* na medida, em que já se pressupõe que se passe para o outro lado do obstáculo para depois se fazer um *drop*.

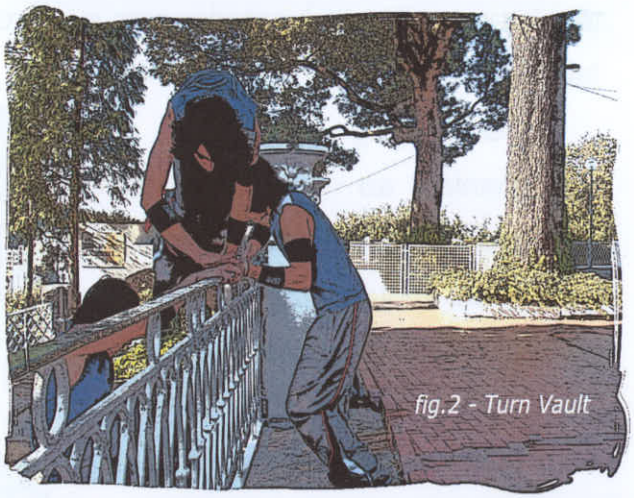

fig.2 - Turn Vault

O *wall run* é outra das técnicas mais usadas nesta modalidade. O objectivo é, como em todos os casos, passar um obstáculo que, nesta situação, é quase sempre um muro alto.

Para tal, os "traceurs" tentam chegar ao cimo do muro correndo na sua direcção e dando alguns passos na parede de maneira a conseguirem chegar ao topo.

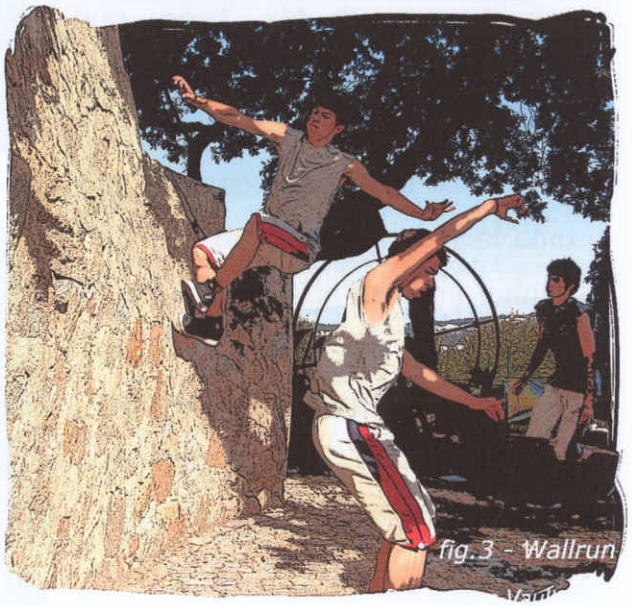

fig.3 - Wallrun

O *monkey vault* tem como intuito passar um obstáculo utilizando a força dos braços. Neste caso, os obstáculos são baixos, e para executar este movimento o "traceur" deve colocar as mãos em cima do obstáculo e flectir os joelhos passando-os entre os braços.

fig.4 - Monkey Vault

O *monkey gap* é uma técnica semelhante à anterior com a diferença de, após o obstáculo, existir uma falha que pode variar em altura e largura.

O *kong* também é semelhante ao *monkey vault* distinguindo-se na dimensão do salto. Este requer mais impulso e, se realizado correctamente, permite ultrapassar obstáculos bem maiores, existindo ainda uma variante, o *double kong* que aumenta ainda mais a distância do salto.

fig.5 - Kong

Por último, temos o *tic tac*, uma técnica simples que permite ganhar impulso através do apoio de um dos pés num ponto, de forma a saltar para outro, ou para qualquer outro local pretendido que necessite de um impulso extra.

fig.6 - Tic Tac

Estes são os elementos que, de forma mais consistente, têm presença na lista das

habilidades fundamentais apresentada nos *sites*[31] dos principais grupos de parkour. Uma breve análise permite-nos entender que estes elementos fundamentais têm um cariz mais funcional. De facto, como refere Wilkinson (2007), o parkour assemelha-se de certa forma ao jazz, na medida em que, neste caso, é necessário aprender-se o básico dominando e conhecendo o instrumento, para depois adquirir um conhecimento aprofundado da música, só depois deverá esquecer tudo isto e tocar instintivamente. O mesmo acontece no parkour, só depois de se dominar o básico se poderá praticar de acordo com o que se sente, seguindo a via "free running" ou a via parkour, ou mesmo as duas.

2.5.3.4 - Percorrendo o mundo

Neste momento é possível encontrar praticantes desta modalidade um pouco por todo o mundo. Os meios de comunicação são os principais responsáveis por este facto. O fenómeno global iniciou-se com o documentário *Jump London,* que ao ser transmitido um pouco por todo o mundo levou a actividade para lá dos dominios franceses e ingleses.

Neste momento, facilmente se encontram páginas de vários grupos de parkour em várias línguas e provenientes de vários países. No entanto, continuam a existir algumas referências, que qualquer pessoa com aspirações a praticante deverá consultar, por exemplo, as páginas pessoais de David Belle e de Sébastien Foucan e a página do maior grupo de parkour a nível internacional, os Urban Free Flow. É possível verificar a presença do parkour em praticamente todos os meios de comunicação social. O cinema tem demonstrado um interesse especial nesta actividade, já que permite perseguições espectaculares e seguramente emocionantes para o espectador, como é o caso da sequência de abertura do último filme de James Bond, ou mesmo do filme que lançou o parkour para o estrelato, Yamakasi. Nestas perseguições, é necessário escapar a algo ou alguém, e se anteriormente, se escapava de qualquer forma, hoje em dia escapa-se através do parkour. A sua vertente mais artística pode ser observada em produções como o "videoclip" da

[31] Grupos como os Urban Free Flow, cuja base se situa na Inglaterra, mas têm membros por todo o mundo.

música Jump (2005) de Madonna[32]. No campo virtual a sua presença também é notória. Para além dos videojogos realizados, especificamente sobre parkour, existem muitos outros onde facilmente a sua influência é identificada. Por fim, no que se refere à divulgação do parkour, existem ainda os artigos escritos em revistas especializadas nos mais variados temas.

2.5.3.5 - O panorama nacional

Numa entrevista à revista sobre cultura urbana Umbigo (2006), Pedro Braga, um dos "traceurs" pioneiros em Portugal e criador do fórum do site www.parkourpt.com, afirma que tudo começou com o filme *Yamakasi* de Luc Besson e os dois documentários *Jump Britain* e *Jump London*. Depois de os ver começou a pesquisar na Net procurando alguém que praticasse. Na altura, conseguiu encontrar cinco pessoas, tendo sido o primeiro encontro em Janeiro de 2004. Hoje em dia, o fórum conta com mais de 500 inscritos, sendo mais de metade praticantes regulares.

Pedro explica também que, em Portugal, a maioria das pessoas desconhece esta actividade, sendo natural que, por vezes, existam mal entendidos. Tudo depende da forma como se consegue explicar o que se faz. No entanto, no local onde treina, Telheiras, já toda a população está habituada a ver jovens aos saltos por todo o lado.

Apesar de contar com poucos praticantes, quando comparado com a realidade de outros países, é possível verificar em Portugal o mesmo tipo de burburinho em volta do parkour, por parte dos media. Para além de toda a divulgação internacional, já referida, que chega ao país, existem ainda vários artigos escritos sobre a actividade em algumas das revistas mais lidas do país, como é o caso da Notícias Magazine[33], um suplemento do Jornal de Noticias, da Sport Life[34] ou da já referida revista de cultura urbana Umbigo.

Na internet facilmente se encontram os *sites*[35] de vários grupos espalhados pelo país, onde, para além das informações básicas acerca do

---

[32] Cantora pop norte-americana.(www.allmusic.com)
[33] Nº 737 de 09/07/2006
[34] De 2006
[35] Por exemplo, www.parkour.pr; www.**parkour**ptcentro.net; FreeRunning.pt.vu; www.madeiraparkour.pt.vu/; http://vkpt.com.sapo.pt/, etc.

parkour, os grupos divulgam os seus próprios vídeos, assim como locais e horários de treinos e encontros locais e nacionais.

Um outro factor que terá contribuído em larga escala para a divulgação desta actividade, foi a aparição de praticantes desta actividade em séries juvenis portuguesas de grande sucesso, expondo o parkour a um número ainda maior de pessoas. No entanto, mesmo com a cobertura mediática existente, esta não é (ainda) uma actividade massificada, como se verifica através do número de inscritos no fórum do *site* nacional de parkour. Devido ao tipo de meios de comunicação social onde é divulgado, o parkour é conhecido essencialmente pela população jovem, sendo, portanto, natural que a restante população nacional ainda olhe com estranheza para esta actividade.

3 – CAMPO METODOLÓGICO

3- CAMPO METODOLÓGICO

Todas as investigações partem de um problema a investigar (Giddens, 2002). Qualquer investigação sociológica parte de problemas que também constituem enigmas. Estes não são apenas uma falta de informação, constituindo-se também uma lacuna no nosso entendimento. Neste sentido, é possível afirmar que encontramos uma lacuna na compreensão deste recente fenómeno desportivo, que é o parkour. Uma forma de conseguir traçar um rumo consiste, segundo Quivy e Campenhoudt (1998), em enunciar o projecto de investigação sob a forma de uma pergunta de partida, tentando exprimir de forma exacta o que procuramos elucidar. É conveniente, por conseguinte, que a pergunta seja formulada de forma precisa evitando, assim, mal entendidos relativamente ao que se está a questionar. De acordo com os autores, esta é a melhor forma de conduzir o estudo com ordem e rigor, sem por isso sacrificar o espírito de descoberta e de curiosidade que caracteriza qualquer esforço intelectual digno desse nome.

Neste sentido, o facto de, do ponto de vista sociológico, o parkour se apresentar como uma página em branco foi o incentivo para iniciar um estudo a este nível, constituindo esta lacuna a questão que traçou o rumo do trabalho.

Após a importante decisão de enveredar por um determinado caminho, será talvez ainda mais importante decidir de que forma o vamos percorrer. Assim, para o estudo do parkour como fenómeno subcultural, havia que decidir qual a metodologia que mais se adequaria aos objectivos traçados.

O objectivo era, então, analisar um grupo de praticantes de um desporto alternativo urbano e a sua relação com o meio envolvente para tentar entender se se constituem, ou não, como parte de uma subcultura.

Esta análise é necessariamente realizada à luz da cultura urbana, visto que, de acordo com Lopes (1999), estes espaços, com a sua "teatralidade", constituem-se como objecto de especial ritualização como forma de apropriação por parte de todos. Assim, um pouco por todos os espaços urbanos, desde o centro à periferia, passando pelas avenidas ou becos, será possível encontrar movimentos criadores de novos espaços de significação.

Com a ideia de que o ser humano é dotado da capacidade de simbolização e, portanto, capaz de dotar de sentido as suas acções,

procurámos realizar uma análise cultural de um grupo de praticantes de parkour com vista a compreender melhor este desporto e a sua relação com o espaço envolvente.

3.1 - A construção do quadro teórico

Apenas com os conhecimentos teóricos resultantes das leituras no âmbito das subculturas e dos desportos alternativos, era necessário, agora, iniciar uma construção teórica que resultasse num modelo de análise consistente, capaz de direccionar de forma correcta o trabalho de campo. De acordo com Guidens (2002), no caso de não existirem estudos que clarifiquem satisfatoriamente o problema, o material existente deve ser examinado cuidadosamente, de forma a rever as evidências disponíveis no campo. Após a constatação da lacuna existente ao nível da literatura relativa ao estudo do parkour, tornou-se evidente a necessidade de construção de um modelo de análise que, segundo Quivy e Campenhoudt (1998), constituísse a charneira entre a problemática fixada pelo investigador, por um lado, e o seu trabalho de elucidação sobre um campo de análise forçosamente restrito e preciso, por outro.

Sendo este um trabalho que lida com conceitos como o de cultura e subcultura, a tarefa de os definir de forma clara e precisa revelou-se essencial para o início desta fase. De acordo os autores referidos anteriormente, com este cuidado na definição dos conceitos essenciais pretende-se evitar os equívocos que levariam a incluir o que não deve ser incluído.

Desta forma, traçámos um caminho partindo da definição dos conceitos de cultura e subcultura de forma a desvendar as características próprias que elevaram determinados desportos ao estatuto de subculturas. Devido ao facto de a pesquisa realizada não revelar qualquer trabalho realizado neste âmbito relativamente ao parkour, apoiámo-nos na literatura existente relativamente às várias subculturas urbanas e aos desportos que, de acordo com vários estudos, se constituem eles próprios como subculturas.

Mais do que descrever cada subcultura, era necessário encontrar categorias *a priori* que regessem o processo de exploração das características de cada caso. Assim, cada subcultura foi analisada de acordo com quatro

categorias, a ideologia, a resistência/acomodação social, as normas e o processo de construção de identidade e, por fim, relativamente à simbologia.

Posteriormente, foram analisados com mais detalhe os desportos alternativos urbanos, já que será esta a categoria onde o parkour melhor se insere. Por fim, a construção do quadro teórico terminou com a análise da informação obtida relativamente ao parkour, proveniente de artigos de revistas, de *sites* de grupos nacionais e internacionais e de alguns trabalhos que surgiram durante a realização do trabalho, e que demonstraram ter algum, interesse apesar de não abordarem a temática da subcultura.

3.2 - O Grupo de Estudo

O grupo onde foi realizada a observação participante é constituído por jovens, entre os 15 e os 17 anos, praticantes de parkour, não havendo, no entanto, um número fixo de elementos na equipa. Como referência existe apenas o nome, Legião 12 (L12), que diz respeito ao número de elementos existentes na altura em que decidiram baptizar o grupo. No entanto, esse número foi sofrendo oscilações à medida que o tempo passou, sendo que, na verdade, apenas cerca de metade manteve uma presença constante ao longo de todas as observações. São todos residentes nas imediações dos Carvalhos e frequentam tanto a Escola Secundária dos Carvalhos ou o Colégio Internato dos Carvalhos. Dois dos elementos não estudam, estando, no decorrer do período de observação participante, a trabalhar. Assim, os membros mais assíduos, e por isso os seleccionados para a realização das entrevistas, foram Xavi, Piri, Jump, Climb, John, e numa fase posterior Shorty, o único elemento feminino do grupo.

A razão da escolha deste grupo prendeu-se essencialmente com condicionalismos geográficos, visto que, os grupos que foi possível encontrar na fase inicial eram de Lisboa, Aveiro e Vila Nova de Gaia, o que levou a escolher o grupo da zona geográfica mais próxima.

3.3 - O *Corpus* de Estudo

Tendo em conta a metodologia utilizada para recolha de dados, o *corpus* de estudo é constituído pelo diário de campo e respectivos registos de observação, assim como os documentos resultantes da transcrição das

entrevistas. Para melhor compreender o parkour serviram ainda como elementos para a análise, os sites nacionais e internacionais dos principais grupos de parkour, e vários artigos publicados em revistas e jornais.

3.4 - Processo de recolha de dados

3.4.1 - A pesquisa no terreno/observação participante

Com o quadro teórico desenvolvido era, agora, necessário encontrar um método que permitisse confrontar o modelo de análise com os dados observáveis. Segundo Quivy e Campenhoudt (1998), a observação engloba um conjunto de operações através das quais é possível realizar a tarefa que se seguia. Tendo estabelecido a importância da observação restava saber que tipo seria mais eficaz para o desenvolvimento deste trabalho. De acordo com Burgess (2001), a tarefa de interpretar os significados e experiências dos actores sociais apenas pode ser levada a cabo através da observação participante. Teremos, então, que ser um deles para os entender? A resposta reside, segundo Butts (2001), naquilo que queremos saber. Muito pode ser obtido através da observação directa e entrevistas realizadas por alguém sem qualquer experiência na actividade observada. Contudo, só a experiência pessoal permite entender os processos inconscientes de tomada de decisão, por exemplo, quanto à forma de encarar o risco e abordar cada obstáculo.
Desta forma, a observação participante apresentou-se como a melhor maneira de ter acesso aos significados que os participantes atribuem às situações sociais, apresentando, portanto várias vantagens (Burgess, 2001).

Giddens (2002) aponta como principais vantagens, o facto de fornecer informações mais ricas sobre a vida social do que a maioria dos outros métodos de investigação, uma vez que, compreendidos os fenómenos através deste método iremos compreender melhor as acções no contexto do grupo. Será também, mais provável a obtenção de resultados inesperados, refutando possíveis ideias pré-concebidas em relação ao grupo em estudo. Esta é uma mais-valia importante, na medida em que poderia correr-se o risco de esperar um determinado nível de semelhança entre o parkour e outros desportos alternativos urbanos, cuja existência, apenas através da observação-participante pôde ser observada.

Enriquecendo a referência às vantagens deste método, Boutin, Goyette e Lessard-Hébert (1999) apontam também o importante facto de permitirem o registo dos dados na linguagem corrente dos elementos do grupo, o que nos dá acesso aos conceitos que são utilizados no seu quotidiano.

Também Burgess (2001) se debruça sobre as vantagens deste método, afirmando que a observação-participante dá-nos a possibilidade de recolher dados sobre a interacção social na situação em que ocorrem e não em situações artificiais que poderiam modificar as condutas dos sujeitos observados, permitindo, assim, a colheita de dados ricos e pormenorizados baseados na observação do contexto natural. Este método concede ainda liberdade ao observador para se deslocar para onde a investigação seja relevante, conseguindo, desta forma, acesso às situações sociais de forma a estabelecer relações com os elementos do grupo, para que alguma compreensão do seu mundo possa ser conseguida.

Um outro importante aspecto que Burgess (2001) aborda relaciona-se com a possibilidade de utilizar as observações em conjunto com os fundamentos teóricos de forma a tornar compreensíveis vários tipos de comportamentos, à primeira vista paradoxais, e desta forma defender ou refutar ideias e ainda suscitar questões que poderão ser usadas em pesquisas futuras.

Obviamente que o método, apesar de tantas vezes ser referido como um dos mais eficazes neste tipo de trabalho, não está isento de limitações ou desvantagens, sendo muito importante ter estes aspectos em conta na altura de partir para o terreno.

Giddens (2002) chama a atenção para o facto de, para além de só se poderem estudar grupos ou comunidades pequenas, o processo depende muito da habilidade do investigador em ganhar a confiança dos indivíduos que se pretende estudar. Por outro lado, o contrário pode também acontecer, isto é, o investigador pode identificar-se tanto com o grupo, chegando a sua integração a um ponto tal, que acaba por perder a perspectiva de um observador externo, podendo, segundo Burgess (2001) tornar-se nativo ao ser demasiado eficaz. O mesmo autor acrescenta ainda que este método pode alterar o comportamento do grupo, visto que o observador poderá nunca ser considerado um elemento real do grupo. Por outro lado, existe o risco de se ficar limitado pelo papel que se assume dentro do grupo, isto porque, em

grupos com diferenciação de papéis, o investigador poderá ver-se limitado à observação dos elementos que desempenham o mesmo papel que o seu, sendo mais difícil aceder a aspectos específicos dos indivíduos que desempenham papéis superiores ou inferiores.

Tendo presente a importância deste método, as suas vantagens e a suas limitações, era chegada a altura de partir para o terreno. Nunca tinha realizado um trabalho de campo desta natureza e, apesar do bom suporte bibliográfico existente, sentia-me, tal como Pais (1996), um fotógrafo amador com uma máquina profissional nas mãos e sem saber muito bem como fazer para que as fotografias da realidade saíssem claras e representativas do que estava a observar. Como tal, este foi um processo de constante aprendizagem.

As observações foram realizadas nos dias em que se combinavam treinos, os quais foram mais frequentes durante o Verão. Quanto ao espaço onde decorreu o trabalho de campo, é habitual que, em trabalhos em que se utiliza a observação participante, haja uma descrição do espaço onde esta decorre. No entanto, devido ao carácter deambulante do parkour, não foi possível a caracterização inicial e definitiva do espaço. Em vez disso, em cada registo de observação procurou-se manter uma descrição detalhada dos novos locais por onde o treino foi passando.

Durante a recolha foram obtidos dois tipos de dados, os que são do tipo da descrição narrativa, resultantes das notas de campo, e aqueles que pertencem ao tipo da compreensão, fazendo apelo ao uso da subjectividade (Pais, 1996). Assim, inicialmente foram descritos os elementos concretos da situação, assim como anotadas as conversas dos indivíduos observados. Estes relatos constituíram uma base de informação acerca dos locais de prática e da sua percepção relativamente à situação que vivem nos momentos de observação, isto é os treinos de parkour. Desta forma, os relatos iniciais têm uma componente mais descritiva relativamente aos vários locais onde decorreram os treinos, às formas como os vários elementos se relacionam entre si e em relação à maneira como representam simbolicamente o facto de serem *traceurs*. Com estas informações de base, os relatos posteriores basearam-se mais na manutenção de um diário de bordo no qual foi anotado o percurso ao longo dos vários treinos. Neste, foi relatada a experiência de ser também um *traceur,* as reflexões pessoais, as percepções, as expectativas e

receios, as relações com o grupo, e todos os elementos novos que viessem enriquecer a informação inicialmente recolhida, desde novos locais, as novas atitudes por parte dos elementos, a receptividade face aos novos elementos que foram aparecendo, as mudanças de visual, tentando da melhor forma possível analisar o quotidiano de cada treino através do modelo teórico e das categorias criadas para esse efeito.

Ainda relativamente à recolha de dados, a observação foi feita de acordo com aquilo que Boutin, Goyette e Lessard-Hébert (1999) denominam de observação activa por oposição a um tipo de observação mais passiva na qual os dados são registados durante a observação. Desta forma, o comportamento durante os treinos foi semelhante ao dos restantes elementos o que permitiu, não só a observação do seu comportamento, mas também experimentar sensações que não são facilmente descritíveis e serão, certamente, impossíveis de adivinhar através da simples observação. No final de cada treino eram apontados todos os pontos-chave do treino para que posteriormente fosse elaborado o seu registo de observação.

Um aspecto importante da observação participante, como já foi referido, é o desenvolvimento das relações com os elementos dos grupo a estudar. Segundo Giddens (2002), na observação participante o investigador não pode limitar-se a estar presente durante a actividade a observar, mas tem de explicar e justificar a sua presença aos seus membros. Deve ganhar a confiança e cooperação do grupo ou comunidade, e mantê-las durante algum tempo se quiser obter algum resultado. Neste sentido, o grupo foi informado que o objectivo era treinar de forma a conhecer a modalidade do ponto de vista cultural. Foi evitada a referência às categorias que regiam a observação de forma a minimizar a alteração de comportamentos por parte do grupo. O objectivo académico foi esquecido rapidamente pelo grupo visto que o parkour acabou por me cativar tanto como aos restantes que, rapidamente, me aceitaram ao verem que o meu entusiasmo era verdadeiro. Neste aspecto foi importante ter sempre presente o risco apontado por Burgess (2001), ou seja, de o investigador se tornar nativo. Assim, foram seguidas as indicações do autor no sentido de ser capaz de exercer controlo sobre as relações que se estabeleceram com fins do estudo. Neste sentido, o autor refere que o relacionamento mais frequente e mais intenso com algumas pessoas é um

imperativo prático da inserção no tecido social local. Devemos tentar observar sistematicamente os respectivos quadros de vida e comportamentos e as sequências por que passam os processos de relacionamento delas com o investigador. Através de conversas frequentes é possível observar a multiplicidade das redes de relações em que estão inseridos, das práticas do quotidiano, das estratégias de vida e dos quadros de representações sociais respectivos. Em última análise, permite-nos ter uma fonte de informação permanente sobre outras pessoas, aspectos do contexto social em estudo e acontecimentos que nele se vão passando. Deste modo, para além das relações estabelecidas com o grupo no papel de traceur, foi estabelecida uma relação diferente com Xavi, visto que desde o início que se tornou um informante privilegiado, fornecendo valiosas informações tanto em relação aos vários membros do grupo, como em relação ao parkour, ajudando assim, a confirmar a validade dos dados que iam sendo recolhidos acerca do parkour na fase em que se procedia à caracterização deste desporto.

Desta forma, o processo de observação participante foi intenso e enriquecedor, na medida em que permitiu experimentar na primeira pessoa, os receios, os medos, as emoções, os desafios, as relações, enfim, toda a experiência de ser traceur, o que sem dúvida, constitui uma mais-valia para a construção do diário de campo. Mais do que apenas estar presente no local, estive presente nos êxitos e nos insucessos, nos obstáculos ultrapassados e nas quedas mais ou menos aparatosas, tentando viver cada momento de cada treino como os restantes.

A observação participante foi, assim, muito importante, na medida em que permitiu conhecer o parkour com uma profundidade que, de outra forma, seria muito improvável conseguir. No entanto, se algumas das categorias foram facilmente observadas durante os treinos, outras permaneceram algo escondidas por já estarem presentes de forma implícita na forma como os vários elementos se relacionavam entre si e com o meio envolvente. Assim, foi necessário recorrer a outro método para complementar os dados recolhidos. Autores como Burgess (2001), Beal (1995) ou Butts (2001) referiram as entrevistas semi-estruturadas como forma de aprofundar o conhecimento obtido a partir da observação participante.

3.4.2 - As entrevistas

Tendo constatado que as entrevistas foram utilizadas com sucesso em vários trabalhos, como forma de complementar a informação obtida através da observação participante, a primeira decisão a tomar foi relativamente ao tipo de entrevista a utilizar. A pesquisa realizada forneceu três tipos distintos de entrevista: a entrevista estruturada ou directiva, a semi-estruturada ou semi-directiva e a não estruturada ou livre.

A entrevista do tipo directivo, não se mostrou a melhor escolha para atingir o objectivo a que me propunha. Burgess (1977) aponta a crítica que Oakley (1981) e Wakeford (1981) fazem a este modelo, o qual coloca o entrevistador numa relação não natural com aqueles que são analisados. Poucos foram os investigadores que seguiram, no terreno, a abordagem estruturada, preferindo usar um estilo informal, não estruturado, ou semi-estruturado, o qual utiliza uma série de temas e tópicos em torno dos quais se constituem as questões no decurso da conversa.

Havia então que escolher entre a entrevista livre ou semi-directiva. De acordo com Cannell e Kahn (1957), na entrevista não directiva o entrevistador contenta-se em colocar o tema da entrevista, cujas características essenciais resultam do seu carácter alargado e ambíguo. É a noção de ambiguidade que permite desenvolver o raciocínio a propósito de um tema muito geral, que não inclui qualquer quadro de referência em particular. É esta inexistência que afasta a hipótese de utilizar uma entrevista não directiva. O facto de ter encontrado quatro principais domínios que permitem identificar uma subcultura, faz com que seja necessário o estabelecimento de linhas orientadoras da entrevista. Assim, o facto de, a semi-estruturada permitir a existência de um esquema, faz com que esta se revele a melhor escolha para os objectivos deste trabalho (Cannell e Kahn, 1957 procurar uma referencia mais recente). Este tipo de entrevista permite também uma abordagem aleatória dos pontos, incentivando a espontaneidade e a conservação de uma relativa ambiguidade relativa aos temas, permitindo ao entrevistado desenvolver um raciocínio próprio.

A entrevista tem o objectivo de complementar a observação participante. Como tal, procurará desvendar aspectos ocultados durante as sessões de treino. Estes aspectos são menos visíveis, não por vontade deliberada dos

praticantes, mas porque o contexto do treino nem sempre é favorável a que determinados discursos surjam.

3.4.2.1 - A construção das entrevistas

Seguindo a forma de acordo com a qual foi estruturada a parte inicial deste trabalho, tentaremos desvendar as características de cada praticante que evidenciem as suas posições (ou ausência delas), quanto à ideologia, resistência social, símbolos e estética, influências e normas, e construção da identidade. Alguns destes aspectos estão presentes e são observáveis com relativa facilidade, outros estão mais subjacentes na forma como os elementos do grupo se relacionam, e alguns estão completamente ausentes durante as sessões de treino.

Quanto à resistência social, o objectivo é tentar entender a forma como os praticantes vêm o Parkour na sua relação com a sociedade. As perguntas formuladas foram no sentido de perceber até que ponto cada um deles tem a percepção do impacto da sua actividade nos meios onde é praticada. Começamos então com uma pergunta mais aberta: "Como é que achas que o Parkour é visto pelas outras pessoas?", para depois tentar partir para algo mais específico: "Achas que a atitude das pessoas varia consoante o local onde treinas? Onde é que sentes mais abertura? Onde é que sentes mais apreensão por parte de quem observa?" Por fim, optámos por uma pergunta mais fechada e direccionada (para o caso de o sujeito ainda não ter referido tal facto): "Sentes que a prática do Parkour é, de alguma maneira, uma forma de resistência social (às imposições do espaço urbano, à mentalidade local...)? Nesta última pergunta foi positivo dar o exemplo de uma outra subcultura onde a resistência social está bem patente e é reconhecida, tal como o skate.

O tema da ideologia apresenta-se, à partida, como sendo complexo. Numa subcultura como o skateboarding, que partilha as suas raízes ideológicas com o punk, este tema não é tão difícil de abordar ou mesmo de observar. No entanto, como não existem trabalhos realizados que evidenciem uma relação entre o Parkour e outro movimento cultural, tentámos manter as perguntas o mais abertas possível, para que a ideologia própria do Parkour e as influências ideológicas de cada elemento se revelassem. Só desta forma

poderia construir uma visão global da ideologia presente neste grupo, caso exista.

Os criadores do Parkour imprimiram nesta modalidade uma visão muito própria do mundo que os rodeia. A primeira pergunta foi no sentido de esclarecer de que forma a ideologia original do Parkour está presente em cada um dos praticantes. "O que é, para ti, o Parkour?" É uma pergunta suficientemente aberta para que cada um possa procurar, em si mesmo, o significado que esta actividade tem para si, servindo também para fazer emergir as influências da ideologia Parkour, presentes em cada um.

Sendo a música uma grande influência de muitos desportos alternativos, é inevitável tentar perceber quais os gostos pessoais de cada um, qual a importância destes gostos nas suas vidas, e se existe um padrão de gostos musicais entre os elementos do grupo. Desta forma, questionámos qual o estilo musical de preferência, assim como quais bandas ou artistas de referência. No seguimento da conversa foi apresentada a seguinte questão: "Pensas que os teus gostos musicais têm alguma influência na tua vida (forma de pensar, agir...)?" Para tentar desvendar alguma relação o Parkour e algum estilo musical específico optamos por perguntar: "Qual a relação que existe entre a música que ouves e o Parkour (como banda sonora, como ideologia...)?"

Através da pesquisa em vários trabalhos (por exemplo, Beal, 1995; Humpreys, 1997), apercebemo-nos da existência de desportos alternativos que têm uma relação distante com a competição formal, apesar desta existir a nível nacional e internacional. Como tal, foi importante averiguar até que ponto este carácter de renúncia à competição formal está presente neste grupo. Assim, a pergunta: "O que pensas relativamente à competição formal nos vários desportos? E relativamente ao Parkour?", poderia confirmar a renúncia à competição formal, e se essa renúncia se estende à forma como vêm os restantes desportos. Deixámos a pergunta aberta para que pudessem surgir referências relativamente aos desportos tradicionais e alternativos.

Mesmo para o observador, como membro recente do grupo, tanto as normas do grupo, como o processo de construção de identidade são pouco claros. Assim, é muito importante entender qual a percepção que cada elemento do grupo tem acerca das normas existentes, assim como a forma como cada um deles construiu a sua identidade no seio do grupo. As perguntas

que servem estes propósitos são as seguintes: "Qual foi o teu percurso de integração dentro do grupo? Já conhecias todos os elementos?" Para entender quais as normas presentes no grupo tentámos formular perguntas que não fossem demasiado fechadas. Neste sentido, questionamos acerca das características que unem o grupo e qual o tipo de comportamentos que não tolerariam por parte de um elemento do grupo, tentando aprofundar através desta pergunta quais os comportamentos valorizados, e quais os excluídos.

Por fim, resta tentar desvendar, ao nível da simbologia e estética, aquilo que une os elementos do grupo. Pensamos que em relação à linguagem não será necessário fazer qualquer questão já que, ao estar presente nas sessões treino, é possível presenciar a forma como os elementos do grupo comunicam entre si. O equipamento utilizado por cada elemento do grupo durante as sessões de treino é também algo facilmente observável, no entanto, revela pouco acerca da forma como cada elemento se apresenta no seu quotidiano, nomeadamente na escola, sendo este o meio onde mais vincadamente surge a necessidade de assumir uma determinada identidade social, em parte, construída através do vestuário. Este facto é apontado por Hunter (2002), que descreve a forma como a moda e a identidade social se interrelacionam na subcultura do skateboard. De forma a tornar uma possível associação entre o vestuário e algum estilo específico optámos por perguntar qual o tipo de vestuário que preferem, inclusivamente as marcas que mais usa ou gostaria de usar. Ainda neste sentido, tentámos averiguar se existe algum tipo de vestuário quotidiano relacionado com o Parkour. Assim, de forma a complementar a pergunta anterior procuramos saber se os elementos do grupo identificam alguma marca ou tipo de vestuário, como sendo mais característico do Parkour.

Para terminar, questionamos cada elemento acerca da existência de formas de expressão artística no seu quotidiano. Tal como acontece com outras subculturas "desportivas", por vezes, a expressão artística é uma parte importante dessa mesma subcultura. No caso do hip-hop, por exemplo, existe a associação entre música, pintura e dança, assim como no skate e snowboard existe a associação com o punk como expressão musical. Neste sentido, procuramos através da pergunta, "Tens alguma actividade de lazer (pintura, música, dança...)?", entender que relação poderá existir entre a prática do Parkour e outras formas de expressão.

Esta entrevista permitiu, através da análise do conteúdo, construir uma imagem global do grupo, identificando os aspectos comuns que foram surgindo, relativamente às quatro áreas que se assumem como os aspectos mais importantes para a correcta identificação de uma subcultura.

3.4.2.2 - A realização das entrevistas

No que diz respeito à escolha dos entrevistados foi necessário seleccionar alguns elementos do grupo visto que, dos mais de doze que constituem o grupo, apenas cerca de metade tinha presença constante nos treinos. Assim, a escolha dos elementos a entrevista teve como critério a assiduidade dos vários elementos. Visto que não eram só os membros mais antigos ou com mais capacidades que cumpriam este pressuposto, o grupo de entrevistados acabou por ser constituído tanto por elementos mais experientes como por elementos mais recentes do grupo.

Para verificar se a estrutura e a formulação dos tópicos era clara, foi realizada uma entrevista piloto a um *traceur* aquando da realização da Jam. O resultado foi positivo e forneceu também uma estimativa do tempo ocupado por cada entrevista. Assim, com o resultado positivo da entrevista piloto e a aprovação da Orientadora deste trabalho, iniciou-se esta etapa. Entre os dias 18 e 25 de Agosto, com a autorização dos membros do grupo, foram realizadas as entrevistas durante que tiveram uma duração de 15 a 25 minutos. Estas foram gravadas e armazenadas em suporte digital para posterior transcrição. Como aponta Burgess (1997), sem um gravador muitos dos dados perder-se-iam, devendo, por esta razão, o entrevistador estar bem familiarizado com o aparelho de gravação de forma a que os dados não se percam por falta de conhecimento acerca do funcionamento do mesmo. Mesmo com a entrevista gravada é necessário transcrever os dados para que estes possam ser analisados. Este processo de transcrição é essencial para a recolha integral das respostas, sendo importante assinalar durante o mesmo, características como risos hesitações ou pausas (Quivy e Campenhoudt, 1998). Seguindo os conselhos de Burgess (1997), a transcrição ocorreu de acordo com as seguintes fases: em primeiro lugar cada entrevista foi ouvida antes do início da transcrição e posteriormente procedeu-se à transcrição sendo apenas transcritas as passagens referentes à entrevista.

3.5 - A análise de conteúdo

Com os dados recolhidos surge a necessidade de saber como tratá-los e interpretá-los de forma a que o discurso original se torne susceptível de ser compreendido, para lá da mera narração de acontecimentos e se torne susceptível de promover novos conhecimentos acerca da problemática em questão. Assim, para que se possa proceder à desmontagem de um discurso e produção de um novo, através de um método de localização e atribuição de traços de significação, será necessário proceder à análise de conteúdo (Vala, 1986). A eficácia deste processo analítico, quando se trata de analisar o tipo de dados recolhidos neste trabalho, é confirmada por vários outros autores (Bardin, 1977; Quivy e Campenhoudt, 1998; Burgess, 1997).

Segundo Bardin (1977, p.33), processo consiste num "conjunto de técnicas de análise das comunicações, que utiliza procedimentos sistemáticos e objectivos de descrição do conteúdo das mensagens". Sendo o objectivo a interpretação através da explicitação do conteúdo dos dados e da forma como estes se expressam, então será correcto afirmar, apoiados nos trabalhos dos autores anteriormente referidos, que a análise de conteúdo é a melhor forma de tratar os dados de modo a estarem prontos para a interpretação. Este processo tem como vantagem o facto de poder realizar-se sobre material que não foi produzido com fins investigativos, permitindo trabalhar com documentos, como entrevistas abertas, correspondência, mensagens dos media, etc. Fornece, portanto, informações importantes que, de outra forma, não poderiam ser utilizadas de maneira consistente pela história, psicologia e a sociologia (Vala, 1986).

A análise de conteúdo desempenha, de acordo com Bardin (1977), duas funções, uma de administração de prova e outra heurística. A primeira diz respeito à confirmação ou infirmação de hipóteses e a segunda ao processo de exploração e descoberta dos dados, facto que aumenta a disposição para a descoberta. No desempenho destas funções, e em relação ao nosso trabalho, a análise de conteúdo foi realizada *a priori*, aquando da elaboração quadro teórico e *a posteriori*, depois de realizada a leitura flutuante (Vala, 1986), processo que será descrito posteriormente no ponto relativo à categorização.

Segundo Vala (1986), a análise de conteúdo compreende algumas operações mínimas: a delimitação e dos objectivos e definição de um quadro de referência teórico; constituição de um *corpus*; definição de categorias; definição de unidades de análise. Tendo já sido tratados anteriormente os dois primeiros tópicos, passemos agora para o terceiro, a construção do sistema de categorias.

3.5.1- Construção das categorias de análise

No nosso quotidiano usamos, frequentemente, sistemas de classificação com o objectivo de melhorar a nossa compreensão do meio que nos rodeia (Vala, 1986). Da mesma forma, num estudo desta natureza, a criação de sistemas de classificação, ou seja, a categorização, irá permitir simplificar o objecto de análise para aumentar a facilidade de compreensão e explicação. Neste sentido, este processo é, "uma operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto, por diferenciação e, seguidamente, por reagrupamento segundo o género (analogia), com os critérios previamente definidos" (Bardin, 1977, p.111).

O processo de categorização presente neste trabalho constituiu-se por duas fases. De acordo com Vala (1986), a construção de um sistema de categorias pode ser feita *a priori* ou *a posteriori,* ou ainda através da combinação destes dois processos, tendo sido a última a que se demonstrou mais adequada para este trabalho.

A necessidade de proceder a esta dupla categorização surgiu, em primeiro lugar, pela urgência de um modelo que pautasse, inicialmente, o processo de exploração do mundo das subculturas e, em segundo lugar, pela necessidade de unificar a categorização inicial com as constatações resultantes da leitura flutuante do material compilado para a tarefa interpretativa (Bardin, 1977).

Na construção da categorização foram tidas em conta, tanto *a priori* como *a posteriori*, o conjunto de qualidades que, segundo Bardin (1977), as categorias devem possuir. Assim, tentámos classificar de acordo com um único princípio de organização, ou seja, os factores que dão a cada subcultura o seu carácter específico. As categorias foram construídas de forma a tornar claro o que incluir ou não em cada categoria, mas sem esquecer que cada categoria

faz parte de um todo, e como tal não pode ser completamente independente das restantes. De forma a respeitar a necessidade de pertinência no processo de categorização, procurámos, numa fase inicial, ser o mais abrangentes possível, sem fugir ao tema das subculturas urbanas, para depois nos centrarmos nos desportos alternativos urbanos como formas subculturais.

Também foi dada importância ao facto de ser necessário manter a objectividade e fidelidade, no entanto, este foi um aspecto que poucos problemas levantou devido à inexistência de variação de juízos ou interpretações, visto que as categorias foram bem estabelecidas, e as observações e entrevistas realizadas pela mesma pessoa, não havendo a possibilidade de dualidade de interpretações. Por fim, ao criar um sistema de categorização bem delimitado, foi tida em conta a necessidade de produtividade, ou seja, a necessidade de que esta produza resultados férteis.

Já com as categorias seleccionadas restava ainda concretizar o último processo das operações mínimas apontadas por Vala (1986), ou seja, a definição das unidades de análise. Segundo este autor existem três tipos, a unidade de registo, a unidade de análise e unidade de enumeração.

Uma unidade de registo diz respeito a um determinado elemento de conteúdo que se caracteriza e se insere numa dada categoria, sendo os objectivos do trabalho os determinantes da natureza das unidades a utilizar. Estas podem ser de dois tipos: formais e semânticas. No primeiro caso, incluem-se a frase a palavra, a intervenção de um locutor numa discussão, uma interacção, uma personagem, etc. No segundo caso, a unidade mais frequente é o tema.

A unidade de contexto que constitui um segmento mais amplo de conteúdo, e depende do tipo de unidade de registo que se escolheu. Estas são essenciais para que se possa compreender a significação exacta de uma unidade de registo, utilizando-se a frase no caso da palavra e o parágrafo no caso do tema (Vala, 1986).

Existe ainda a unidade de enumeração, que diz respeito à unidade em função da qual se procede à quantificação. Estas podem ser classificadas como geométricas ou aritméticas. As unidades geométricas são as mais frequentes, sendo recomendadas em análises de imprensa e histórias de vida. Por outro lado, as unidades aritméticas permitem contar a frequência de uma

categoria, a intensidade de uma atitude ou o número de imagens dedicado a determinado conteúdo.

Fazer uma análise temática consiste em descobrir os núcleos de sentido que compõem a comunicação e cuja presença ou frequência de aparição podem significar alguma coisa para o objectivo analítico escolhido. Tendo em conta que o tema é uma unidade de registo geralmente utilizada para estudar motivações de opiniões, de atitudes, de valores, de crenças, de tendências, assim como as entrevistas ou os inquéritos, as comunicações de massa, etc., parece-nos uma unidade de análise adequada para este trabalho (Bardin, 1977).

Enquanto unidade de registo, o tema corresponde a uma forma de apreensão do sentido que não é fornecida de forma definitiva, visto que depende do nível de análise seleccionado para o estudo em questão. Como tal, de acordo com Bardin (1977), não é possível existir uma definição de análise temática, por estar dependente das características específicas de cada investigação.

3.5.2 - As categorias

Com uma unidade de análise seleccionada e uma categorização definida, é necessário ainda definir de forma bem clara as categorias presentes na análise de conteúdo. Tendo em conta os aspectos referidos quanto à forma de construção de uma categoria, foram definidas, *a priori*, as seguintes categorias: ideologia, resistência social, construção da identidade e simbologia e estética. Estas categorias foram importantes para nortear o processo de análise inicial, no entanto, provenientes, da leitura flutuante de todo o material, surgiram duas categorias adicionais: a independência face ao fenómeno global e a relação com o espaço de prática. As categorias *a posteriori* surgiram da confirmação de alguns factos apresentados no modelo teórico através da já referida leitura flutuante. A leitura dos registos de observação e das transcrições das entrevistas confirmou a existência de categorias que antes não pareciam tão claras.

3.5.2.1- A Ideologia

Como já referido anteriormente, na análise realizada às várias subculturas, a ideologia, um dos elementos comuns às várias subculturas é a existência de um conjunto de princípios, objectivos, motivos ou influências que permitem o surgimento de uma ideologia específica. Nesse sentido, esta categoria foi criada durante a fase de análise do panorama geral das subculturas e será mantida na análise do parkour, visto a leitura flutuante de todo o material reunido confirmar a importância desta categoria.

O objectivo presente na definição desta categoria foi o de tentar encontrar elementos dentro do *corpus* de estudo que permitam verificar a existência ou não de uma ideologia própria no parkour. Tal como Atkinson encontrou nos discursos de Straghtedgers uma ideologia muito própria auto-controlo, quisemos, com a criação desta categoria, dar espaço para que os mesmos tipos de discurso pudessem surgir, caso existissem.

Assim, a categoria da ideologia é constituída por toda a informação proveniente dos elementos do *corpus* de estudo que diga respeito princípios, normas de conduta ou influências ideológicas, que o grupo evidencie.

3.5.2.2 - A resistência social

A categoria relativa à resistência social poderia estar englobada na ideologia, no entanto, devido à variedade ideológica das várias subculturas, ao facto de nem todas constituírem algum tipo de resistência social e à importância dada a este tema em vários estudos, tais como os realizados por Humpreys (1997) ou Beal (1995), pensamos que deve constituir-se como uma categoria em si mesma. Assim, a resistência social assume-se como um factor tão importante no estudo de uma subcultura que, para ser convenientemente analisada, a assumimos como uma categoria, que se revelou tão relevante *a priori* como *a posteriori.*

O objectivo desta categoria é o de identificar os elementos de resistência social demonstrados pelo grupo. Tendo em conta que esta se apresenta de várias formas, consoante o grupo em estudo, a categoria foi definida na tentativa de encontrar discursos na ordem dos que foram encontrados por Beal (1995), que encontrou formas de resistência, por parte de skaters, através da renúncia a diversos tipos de publicidade. De facto, autores como Humpreys

(1997), Atkinson (2002) ou Haupt (1996) exploraram esta faceta em diversas subculturas, tais como a do snowboard, a straightedge ou a hip hop.

Assim, procuramos, através desta categoria, captar os discursos, que no parkour, possam representar uma renúncia aos valores dominantes, podendo essa renuncia apresentar-se de várias formas, tais como, a luta contra a discriminação racial, a renuncia à massificação, ou às condutas dominantes.

3.5.2.3- Dinâmica de grupo e construção da identidade

Sendo este um estudo onde a observação participante desempenhou um importante papel, não se poderia deixar de incluir uma categoria referente ao processo de construção de identidade dentro do grupo. Nesta categoria, é tido em conta o complexo processo de aceitação e as normas pelas quais as várias subculturas pautam a sua conduta no seio do grupo, isto é, a dinâmica do grupo. De notar que esta noção de dinâmica de grupo surgiu posteriormente, devido ao processo de leitura flutuante, que acabou por demonstrar que certos comportamentos do grupo não se verificavam devido à existência de normas, nem se inseriam no âmbito da construção de identidade, sendo antes, algo mais amplo relacionado com a forma global de relacionamento entre os elementos da L12.

Procurámos, com esta categoria, encontrar as formas através das quais indivíduos e grupos são distinguidos nas suas relações sociais com outros indivíduos e grupos. O tipo de informação que procuramos refere-se também à forma pela qual os traceurs adquirem e demonstram a sua identidade. Autores como Butts (2001), Hunter (2002) ou Beal (2003), identificam a competência na actividade ligada à subcultura como o principal cartão de identidade, podendo esta ser afectada por diversos factores, incluindo o empenhamento, a atitude, o género, a classe e a raça. Assim, é precisamente este tipo de informação que tivemos em mente quando foi definida esta categoria.

3.5.2.4 - Simbologia e estética

Diversos estudos foram realizados no sentido de analisar a função e a proveniência dos símbolos utilizados pelas várias subculturas. Nesta categoria é analisada a forma como os membros de uma subcultura utilizam o vestuário,

a linguagem, e várias outras formas simbólicas, para que sejam facilmente identificados como pertencentes a um determinado grupo.

O propósito na definição desta categoria foi o de poder entender a forma como aspectos como o vestuário e os símbolos representados no mesmo, entre os quais se podem encontrar, segundo Hunter (2002), as bandas e cantores de preferência, ou o logótipo da marca favorita, se relacionam com a identidade social e podem dar a esta categoria um cunho próprio.

Se, de acordo com Steyn (2004), uma tábua de skate pode ser considerada uma micro representação de um skater, ou segundo Hebdige (1979), um punk ou qualquer outro membro de uma subcultura pode ser identificado pelas suas representações visuais específicas, esperamos, com esta categoria conseguir identificar os símbolos e estética específica do parkour, no caso de estes estarem presentes.

3.5.2.5 - A independência face ao fenómeno global

Também a forma como os grupos lidam com o fenómeno global foi referida. Parece comum que, face à massificação, alguns grupos se prendam aos valores que, inicialmente, pautavam as condutas dos praticantes. Este é, então, um importante factor a ter em conta na análise ao grupo de parkour, visto que se assiste agora a um crescimento da mediatização deste desporto, sendo interessante analisar a forma como o grupo foi reagindo ao fenómeno.

Tal como Beal (1995) constatou que apesar da forma como se vive o skate na alta competição, o grupo observado, mantinha-se fiel aos valores iniciais de diversão e desvalorização da competição formal, esperamos poder, através desta categoria, entender qual é a direcção que toma o parkour a nível global e qual é a atitude do grupo observado face a esse fenómeno. Será então possível encontrar, nesta categoria, discursos que de alguma forma se afastem do fenómeno global, à semelhança do que se verifica em outras subculturas.

3.5.2.6 - A relação com o espaço de prática

Por fim, a categoria relativa à forma como o grupo se relaciona com o espaço de prática surgiu aquando da análise aos desportos alternativos urbanos. Nesta fase constatou-se que existia, quanto ao skate, ao bmx e ao inline, uma forma muito peculiar de se viver o espaço onde se pratica estes

desportos. Este facto foi desenvolvido na parte inicial da análise realizada a estes desportos e acabou, posteriormente, por se tornar uma categoria importante para o processo interpretativo.

De facto, foram vários os autores que observaram, nos seus estudos no âmbito das subculturas, que existe uma relação diferente com o espaço, nomeadamente com o espaço urbano. Este é, segundo Lopes (2000), o das várias subculturas, De acordo com Tajima (2005), muitos desportos alternativos recentes são praticados nas cidades, afectando, desta forma, o espaço público. Também Karsten e Pel (2000) evidenciam esta apropriação do espaço urbano, descrevendo a forma como os skaters tentam acomodar o espaço que ocupam às suas necessidades. Neste sentido, também nós procuramos esclarecer essa relação através desta categoria. Para tal, foram de grande importância registos de observação, já que permitiram, treino após treino, registar a forma como os vários elementos do grupo se relacionam com os espaços de prática do parkour. Assim, será possível encontrar, nesta categoria, os elementos relativos à forma a presença do grupo alterou ou não o normal funcionamento ou utilização de um espaço, as formas alternativas de utilização desse mesmo espaço, e a relação que o grupo desenvolveu com os diversos locais de prática.

Com uma unidade de análise seleccionada e uma categorização definida, resta encontrar um caminho a seguir na tentativa de encontrar os sentidos e significados presentes nos dados recolhidos. Para este processo de exploração e descoberta teremos que recorrer a uma tarefa interpretativa, de forma a tornar visível o conteúdo resultante de todo o processo de análise de conteúdo.

4 – APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

4 – APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

4.1 - Análise das categorias

4.1.1 - Ideologia

A existência de uma ideologia própria com traços característicos e distintivos já foi por várias vezes verificada em estudos realizados junto de várias subculturas como se verifica, em trabalhos de autores como Hebdige (1979), Haupt (1996), Reese (1998) ou Atkinson (2003).

Mais recentemente (por exemplo, Butts, 2001; Atkinson, 2002; Beal, 2003), o estudo das subculturas tem-se alargado para o campo dos desportos alternativos, demonstrando que, apesar de não terem uma base ideológica exclusivamente fundamentada em algum género musical, possuem um conjunto de princípios, objectivos, motivos ou influências que permitem o surgimento de uma ideologia específica. São precisamente estes alicerces o alvo da nossa análise.

4.1.1.1 - A influência musical

Sendo a música um meio de comunicação que permite transmitir mensagens, entre as quais, a diferença em relação à cultura hegemónica, não é de estranhar que muitos estilos musicais se tenham tornado em si mesmo subculturas. Tal como já vimos através de Hebdige (1979), a música permitiu o surgimento de um grande número de subculturas, constituindo-se como o veículo de transmissão da ideologia de cada uma destas subculturas. No âmbito dos desportos alternativos, existem também casos em que a música assumiu um papel importante no processo de elevação a subcultura. É o caso do skate ou o snowboard que, segundo Humphreys, foram influenciados pela ideologia punk, transformando estas actividades em mais que um desporto, uma afirmação de diferença em relação aos valores da sociedade em que se inserem. É, portanto, importante analisar até que ponto existe uma relação entre algum estilo musical e o parkour e, talvez ainda mais, verificar se nessa relação a música tem algum papel edificador na ideologia própria do parkour.

Uma análise mais geral a publicações ou sites demonstra que ainda é difícil falar de um estilo musical associado ao parkour. O mesmo se verifica no

grupo observado. O diário de campo forneceu informações pouco conclusivas, no entanto, foi possível verificar uma afinidade, especialmente por parte de Piri pelo hip hop. Durante os treinos várias foram as situações que confirmaram essa relação. Desde "graffitis realizados por alguns elementos do grupo", até à referência de alguns artistas deste estilo musical, nas conversas que iam decorrendo ("Jonh referiu gostar de SP & Wilson e do seu novo videoclip"), e mesmo em ocasiões nas quais "Piri ia cantando canções dos Dealema", demonstraram existir uma relação com o hip hop.

As entrevistas também confirmaram a relação que os elementos aparentavam ter com a música. Apesar de haver um gosto pelo hip hop, a presença da ideologia característica deste género musical verifica-se em alguns elementos do grupo mas não se relaciona directamente com o parkour. Em vez disso procuram na música uma banda sonora que siga o ritmo da sua actividade. Em concordância, todos os elementos entrevistados referiram a importância da música na obtenção de estados emocionais mais propícios ao parkour. Assim, nas palavras de Xavi: " Gosto de tudo, mas especialmente de músicas que façam subir a adrenalina. Rock, punk, há quem use hip hop, mas isso é para movimentos mais calmos, mais fluidos. De forma geral, é rock ou até electrónica...coisas pesadas." Podemos afirmar, então, que a música desempenha já um papel importante, mas não a um nível ideológico. Tanto no grupo observado como em fóruns nacionais e internacionais[36], a maioria das referências é dirigida a estilos musicais ou grupos com ritmos rápidos, eléctricos, e estimulantes, que ajudam a preparar a mente para a acção, como se confirma no discurso de John que acaba, também, por consolidar o que havia sido referido por Xavi, quando afirma que, relativamente à relação entre a música e o parkour, esta existe, "na parte da adrenalina. Até tens o exemplo de vários vídeos que se faz de parkour. Têm sempre músicas de adrenalina e eu gosto desse estilo".

Em 1979 Hebdige afirmava que a música era em elemento chave nos movimentos culturais de então, em especial o punk que, como subcultura, influenciou diversas novas formas de expressão, tais como o grunge, descrito por Humphreys (1997). Este autor verificou, no seu trabalho, *Shreadheads go*

[36] Por exemplo, www.parkour.pt ou www.urbanfreeflow.com.

mainstream?, que subculturas que se expressavam através do movimento corporal, continuam a ter uma forte relação com o punk, como é o caso, do skate e do snowboard. No entanto, no nosso trabalho essa relação deixa de ser clara. O parkour aparece assim, desvinculado de qualquer estilo musical, para além da necessidade comum de um estilo musical que acompanhe o ritmo da prática. Neste sentido, o punk, por exemplo, cumpre esses objectivos, mas não surge como uma clara influência ideológica, nem mesmo como um estilo predominante, algo que se pode verificar em todas as fontes utilizadas.

Certamente que era impossível nos anos 1960 afirmar que o skate estaria cerca de vinte anos mais tarde associado ao punk, tal como não podemos afirmar, neste momento, de que forma poderá a relação entre a música e o parkour evoluir. Pelos dados que possuímos, a importância da música no parkour varia um pouco de indivíduo para indivíduo, constituindo-se essencialmente como um catalizador emocional, algo que facilmente se observa nesta faixa etária, independentemente do desporto praticado como se verifica, por exemplo, no estudo de Contador e Ferreira (1997) relativamente à forma como a cultura hip hop é vivida pelos jovens da comunidade imigrante Africana em Portugal.

4.1.1.2 - A relação com as artes marciais

Como já foi referido, os criadores do parkour, Sébastien Foucan e David Belle têm, como uma das grandes influências na criação desta modalidade, as artes marciais. É desta forma, que vêm o parkour não só como um desporto, mas como uma filosofia, uma forma de viver o ambiente envolvente. Sendo as páginas pessoais de ambos, alvo de interesse pelo grupo observado, não é de estranhar que se note uma afinidade pelas artes marciais e pela visão do parkour como algo que ultrapassa a mera actividade desportiva. De facto, é interessante observar que, dentro do grupo, não só houve uma influência neste sentido, pelo facto de os vários elementos estarem expostos à filosofia oriental das artes marciais, mas o contrário também se verifica. Isto é, não só o parkour teve influência no gosto pelas artes marciais, como alguns elementos do grupo já tinham praticado artes marciais antes de conhecerem o parkour, como foi possível verificar nas conversas que decorriam durante os treinos, e mesmo nas entrevistas: "Eu antes treinei Tae Kwon Do..." como explicou John,

enquanto referia o facto da inexistência de competições no parkour ser do seu agrado por não implicar situações de stress. Através da observação participante foi possível constatar que a influência das artes marciais[37] no grupo se nota essencialmente na atitude disciplinada com que treinam e encaram a sua actividade. Apesar de ser um desporto de lazer, e sem carácter competitivo formal, esta atitude é possível observar na forma como abordam cada obstáculo e na relação que tem com a envolvência, tentando preservar e respeitar um espaço que, mais do que o seu local de treino, é um local de passagem da população local no seu quotidiano.

Esta influência sentida no grupo é também confirmada através da informação recolhida em publicações dos media, nomeadamente em entrevistas, onde os traceurs entrevistados utilizavam alcunhas como Ninja ou Samurai[38].

Deste modo, é possível afirmar que, contrariamente aos restantes desportos alternativos urbanos descritos, o parkour ultrapassa o conceito de actividade desportivo ou de lazer, constituindo-se, através da influência das artes marciais, como uma filosofia, uma forma de se relacionar com o corpo e o ambiente que rodeia cada praticante. No entanto, existem também dados provenientes dos registos de observação que permitem afirmar que, à medida que a actividade se vai divulgando e tornando mais acessível, este aspecto vai assumindo uma importância menor. Umas das fases mais críticas que o grupo passou enquanto foi observado, relacionou-se precisamente com a entrada de novos elementos que viram no parkour apenas uma forma de passar o tempo nas férias de Verão. Ao fim de apenas alguns treinos, os elementos mais antigos começaram a sentir-se desconfortáveis com a forma como os novos elementos viviam a modalidade, o que levou a uma quebra, tanto na sua assiduidade, como na frequência com que se treinava. A propósito deste facto, Xavi demonstrou o seu desânimo com o grupo e confessou que pensava que os elementos que foram chegando e partindo quebraram a sua estabilidade.

---

[37] As artes marciais podem ser classificadas como uma prática com benefícios para a saúde, auto-controlo, disciplina e auto defesa. Algumas artes marciais estão relacionadas com crenças espirituais ou religiosas/filosóficas, como, por exemplo, o Budismo (www.west-meet-east.com).
[38] Como se pode ver num artigo presente na revista Fórum Estudante nº 179, de Setembro de 2006.

As artes marciais são, então, um elemento novo no âmbito dos desportos alternativos. Se com os estudos de Butts (2001), Pedrazzini (2001) ou Hunter (2005) vimos que o surf, o skate ou o inline estão associados a práticas de lazer, no parkour, a essa vertente alia-se uma perspectiva um pouco mais disciplinada que se relaciona com as artes marciais. No grupo observado a relação com o risco é desenvolvida de forma diferente. Primeiro aprende-se a "ler" o obstáculo e a respeitá-lo e depois, a ultrapassá-lo. As atitudes inconsequentes ou irresponsáveis são desencorajadas, como pude presenciar num dos treinos, em que me deparei "com uma espécie de varandim a cerca de quatro metros de altura, o qual Climb, sobe com relativa facilidade. O objectivo, mais do que apenas subir é saltar daquela altura. Aqui as coisas complicam-se, pela primeira vez vejo os elementos do grupo realmente hesitantes. Climb está bastante inseguro quanto ao salto e os restantes elementos aconselham-no a descer". O problema aqui não se punha em relação ao desafio, mas em relação à forma como foi encarado. De forma geral, este tipo de manobras exige tempo para pensar na melhor forma de as realizar e, acima de tudo, concentração e segurança, o que não se verificou e, como tal, levou o grupo a agir no sentido de evitar o pior. Assim, foi possível verificar uma diferença na relação com o risco que advém da influência das artes marciais. Contrariamente ao que foi observado em trabalhos como os referidos anteriormente, no parkour vive-se um clima de auto-controlo e disciplina que se afasta, por um lado dos restantes desportos alternativos por não viver o risco apenas pela diversão, e por outro da alta competição, pelo facto de se procurar o auto-controlo e a disciplina como forma de harmonia com a envolvência e não numa perspectiva competitiva de superação.

No entanto, à medida que este desporto se for tornado mais popular, poderão começar a verificar-se episódios de conflitos entre uma ideologia mais lúdica e uma mais disciplinada. Face ao exemplo dos outros desportos alternativos, a única incógnita será, quando é se inverterá a situação, isto é, quando é que se tornará a visão mais purista do parkour, a excepção à regra.

4.1.1.3 - A competição no parkour

Desde que começou a ser divulgado, o parkour debateu-se com a possibilidade da existência de algum tipo de competição formal. Este assunto é

ainda difícil para vários traceurs como demonstram as palavras de Ninja numa entrevista para a revista Fórum Estudante: "haverá competições, vai tornar-se num desporto radical. Dessa forma vai perder a essência. Mas inevitavelmente as competições vão surgir". Foi possível observar esta característica ideológica durante as observações realizadas e mais tarde esta renúncia à competição formal foi confirmada por todos os elementos do grupo. Apesar de em grupo, o Parkour assume uma forma muito individual, visto que todos os elementos vão aprendendo individualmente a lidar com o risco e a superar os próprios medos, reflectindo a influência das artes marciais. Assim, no grupo vive-se um clima de entreajuda que permite a todos evoluir sem grande pressão visto que a competição assume uma relevância reduzida ao longo do treino. Um exemplo ilustrativo desta forma de pensar foi a seguinte situação que ocorreu num dos treinos. Xavi descobriu uma gap e desafiou Jump a ultrapassá-la. Este aceitou o desafio e com aparente facilidade ultrapassou o obstáculo proposto por Xavi, que, em brincadeira, lhe propôs uma competição para ver quem conseguia ultrapassar mais rapidamente aquele obstáculo. À competição, Jump respondeu com uma repreensão em tom de brincadeira: "Aqui não há competições, isto é Parkour!". Apesar de ter sido uma situação de brincadeira, esta serviu para confirmar a relação que os elementos do grupo têm com a competição, negando-a até em momentos onde esta não assume um carácter formal.

No entanto, apesar de não existir um desafio directo nem algum tipo de organização da competição, esta existe, latente. Sempre que um novo obstáculo é ultrapassado ou uma nova manobra dominada existe uma tentativa por parte dos elementos do grupo de também o conseguir. Não existem pressões explícitas, mas o sentimento é bem real e confirmado pelos elementos do grupo nas entrevistas, segundo os quais esta competição latente é a base da evolução do grupo. "É sempre bom competir, ajuda-nos a desenvolver". Quem o diz é Climb, e os restantes elementos confirmaram a importância deste tipo de competição. De facto, este foi um dos aspectos que cativou alguns dos elementos do grupo, como Shorty, que apesar de ter referido a importância da competitividade na sua vida, e mesmo dentro do grupo como forma de estimular a evolução, afirmou: "(...)mas eu dou-me bem no parkour precisamente porque não há competição. Porque se houvesse era

bem diferente. Se calhar o parkour deixava de ser tão importante, deixava de ser tão interessante... eu acho o parkour bem interessante... se houvesse a competição...".

Neste aspecto, tal como na renúncia à competição formal os elementos do grupo estão em concordância. O mesmo já não se pode afirmar no panorama internacional. O artigo sobre este tema presente no site da Urban Free Flow não deixa espaço para dúvidas. Este grupo vê na competição uma forma de evolução da modalidade e dá exemplos de tantos outros desportos e da sua evolução, apenas possível pela existência de um esquema competitivo, no qual os atletas se desafiam a si mesmos e a outros numa busca contínua de aperfeiçoamento e superação. Este tipo de afirmações por parte de um dos maiores grupos de parkour mundiais deixa indícios claros em relação à possibilidade de existência de algum tipo de competição formal. De certa forma, é possível antever situações como a que Beal (1995) descreve quando analisa um grupo de skaters que, apesar da existência de um quadro competitivo e da existência de competições oficiais, organizam as suas próprias competições, sendo estas mais semelhantes a encontros que competições propriamente ditas. Neste sentido, caso venha a existir uma competição formal, as Jams, ou seja, os encontros que ocorrem um pouco por todo mundo e que reúnem vários grupos com o objectivo de conhecer novos praticantes e partilhar experiências e conhecimentos, funcionarão um pouco como a competição descrita por Beal.

Ainda neste sentido, poderá verificar-se também uma situação semelhante à descrita por Humphreys (1997) que, quanto às alterações que os desportos sofrem no seu processo de massificação, verificou que é possível, apesar de tudo, manter parte do espírito inicial intacto. Mesmo na alta competição, por vezes, os melhores atletas destes desportos não precisam sequer de competir, bastando fazer vídeos ou sessões fotográficas das suas performances. Por conseguinte, dada a espectacularidade do parkour, é possível que alguns dos melhores traceurs optem apenas por patrocínios que não exijam a participação em competições, dando, assim, continuidade à renúncia face à competição formal.

4.1.1.4 - Parkour ou Free Running?

Em termos ideológicos, parkour e free runnig representam visões diferentes de uma realidade[39]. Belle defendia uma aproximação do parkour às artes marciais, condenando a inclusão de saltos mortais ou outros elementos acrobáticos na disciplina. Foucan é quem tenta fazer a ponte entre uma forma mais rígida e uma outra mais acrobática criando o termo free running e tornando o parkour mais mediático. Na escolha da forma de ultrapassar os obstáculos surge um conflito ideológico, sendo neste domínio que encontramos sentido na distinção entre parkour e "free running". Ambos procuram a libertação do corpo num contexto, preferencialmente urbano, mas divergem num aspecto energético fundamental: a eficiência do deslocamento. O parkour procura a simplicidade, a fluidez e velocidade das progressões; o free running associa-se, de forma geral, a movimentos mais complexos e elaborados que permitem ultrapassar os obstáculos que vão surgindo, ao longo do percurso.

Será então necessário, enquanto traceur escolher uma vertente? Os dados obtidos na observação participante demonstram que tal escolha não é essencial, nem as duas formas de viver a actividade são incompatíveis. Prova desse facto foi a Jam realizada durante o mês de Julho, como se verifica no seguinte excerto do diário de campo: "Entre todos os membros foi possível observar atitudes em ambas as direcções. Obviamente que quando um grupo está num meio onde consegue demonstrar o domínio da sua vertente, isso pode causar alguma frustração nos restantes elementos que não se sentem "em casa". Foi o que se passou na Jam. A L12 acostumada aos obstáculos do Santuário da Sra. da Saúde especializou-se, ao longo do tempo, na vertente menos acrobática deste desporto, já que o local da prática em nada incentiva a prática de acrobacias. Por outro lado, os elementos da Póvoa do Varzim, não tendo muitos spots na sua cidade aproveitaram a proximidade da praia para treinar os elementos mais acrobáticos fazendo uma transferência mais segura da areia para o cimento. Desta forma, a L12 sentiu-se, inicialmente, intimidada, visto que, como estávamos perto da praia, os restantes elementos aproveitaram um pequeno muro a cerca de um metro de altura da areia para fazerem uma série de saltos acrobáticos para a areia que deixaram todos de

[39] Como se pode ver em www.parkour.pt

boca aberta. Este foi o momento em que se gerou alguma tensão, porque, ao verem semelhantes espectáculo, os elementos da L12 decidiram voltar as suas atenções para o muro que se encontrava mais acima demonstrando aí os elementos com os quais se sentiam mais confortáveis. Desta forma, inicialmente a Jam estava dividida, com parte dos elementos junto à areia realizando saltos acrobáticos e a outra parte junto ao muro do lado oposto realizando vários saltos. A frustração da L12 espelhou-se nas palavras de Xavi: «eles só fazem tricking». No entanto, era bem claro que a afirmação de Xavi espelhou mais frustração por não conseguir realizar aqueles elementos do que propriamente renúncia ao tricking. Mais tarde, quando já não se sentiam intimidados os elementos da L12 já treinavam acrobacias com os restantes sem problemas".

Em que vertente é que se pode situar então o grupo em questão? Na sua entrevista, Xavi responde a esta pergunta de forma muito clara: "O pessoal da Póvoa diz que nós somos muito free style, porque nós não seguimos o livro, e nós dizemos que eles seguem o livro... percebes...". De facto, apesar de o espaço de prática não convidar muito a uma actividade mais acrobática, a verdade é que o grupo não demonstrou, ao longo das observações, preconceitos ou restrições quanto ao treino das componentes mais acrobáticas, sendo portanto, impossível afirmar que são um grupo exclusivamente de parkour ou de free runnig.

Mais do que tentar viver esta actividade segundo as ideias do parkour ou do free runnig, procura-se adaptar ao tipo de actividade às necessidades do grupo. Assim, é ultrapassada a necessidade de enveredar por uma ou outra vertente "É mais que um desporto, é já uma escolha...um modo de vida", como afirma Xavi. Sem treinador, sem líder nem livro de regras, como constatamos através do diário de campo, "a ideia é não termos nada a conter-nos, então usamos o parkour para nos libertarmos, como um refúgio...".

A situação de afastamento é, como já foi visto, facilmente observável, neste grupo, no entanto, face a um fenómeno global que ainda está a dar os primeiros passos, não foi possível verificar até que ponto se intensificaria face à massificação, ou pelo contrário, se diluiria e seguiria com a corrente.

4.2 - Resistência social

A resistência social é algo que surge em várias subculturas como forma de demonstrar que os seus membros nem sempre estão dispostos a modificar certos aspectos do seu grupo para que sejam aceites. O consenso pode sempre ser desafiado e a forma como as subculturas o fazem não deve ser ignorada (Hebdige, 1979).

Como já vimos, esta característica pode assumir várias formas, de acordo com a subcultura em questão. Nos desportos alternativos demonstra-se na forma como os seus praticantes subvertem o sistema hegemónico, criando formas de prática alternativas enfatizando o papel do participante e desvalorizando normas, tal como foi visto no estudo realizado por Beal (1995). Neste trabalho, os sujeitos observados definiam o skate como uma forma de vida e não como uma via de profissionalização, organizando eventos de participação livre como oposição aos eventos de alta competição. Como se pode perceber, apesar de se constituir uma categoria em si mesma, a resistência social pode estar associada à ideologia de uma subcultura. No caso dos desportos alternativos, a resistência social tem uma forte relação com a forma como os praticantes vivem a competição.

Esta não é, no entanto, a única forma de resistência social que vimos associada aos desportos alternativos. É possível verificar este fenómeno relativamente aos bens de consumo associados ao desporto e em relação à forma como vêem a representação da sua actividade nos media, como se observou Beal em dois estudos distintos. No primeiro (1995), constatou que os sujeitos observados (skaters) se resignavam com o facto de terem que comprar o material comercial que representa os valores elitistas que tentam repudiar, visto que dificilmente o conseguiriam construir sozinhos. No entanto, a primeira acção, após a compra desse material, era apagar qualquer símbolo ou representação de uma determinada marca, demonstrando o seu desagrado relativamente à existência de publicidade nos equipamentos que necessitam para a sua prática. No segundo estudo (2003), a autora procurou, na forma como desportos como o windsurf ou o skate eram representados nos media, discursos de autenticidade verificando uma resistência apresentada por estas subculturas face às formas hegemónicas de representação da sua actividade.

Assim, o legítimo e o autêntico é o que se centra na própria actividade, sendo valorizadas as fotos e artigos que retratam o sujeito em acção. A resistência é realizada através da renúncia à publicidade centrada em artigos não essenciais à prática da actividade, assim como à entrada de marcas mais generalistas no mercado da actividade em questão, já que as marcas especializadas poucas questões levantam.

No caso do grupo observado, foi possível observar várias situações onde a resistência social esteve presente. Sempre que o grupo decidia percorrer algum local com características urbanas verificaram-se determinados comportamentos que nos permitem confirmar um tipo de resistência social próprio deste grupo. Na verdade, como foi possível presenciar enquanto observador participante "a excitação partilhada pelo grupo nestas incursões mais urbanas evidenciava algo mais". Demonstrava, juntamente com os discursos entusiasmados, relativos aos confrontos que tinham tido anteriormente naqueles locais, que a prática num lugar calmo é muito boa, mas a sensação de desafiar as regras é algo que faz aumentar a motivação para a prática.

O desafio criado pelo grupo gera-se pelo simples facto de estarem presentes num determinado sítio, utilizando uma locomoção diferente dos demais, tal como constatou Beal (1995), no seu estudo acerca da forma como um grupo de skaters vivenciava a sua actividade. Foram raros os comportamentos desafiadores e, na verdade, nem eram necessários. Como demonstra o seguinte excerto do diário de campo "Bastava estarmos lá para que ninguém ficasse indiferente à nossa presença". Ninguém procura o confronto ou o desafio directo das regras. Uma das situações mais esclarecedoras acerca da forma como a resistência social se dá, aconteceu durante a Jam, como demonstra o seguinte excerto do diário de campo: " (...) não foram precisos mais de 10 minutos para que um dos porteiros dos apartamentos nos viesse avisar que não podíamos estar naquele local a treinar. A reacção do grupo não foi negativa, mas decidiram não abandonar o local numa tentativa de testar a determinação do porteiro. Na realidade, não havendo nenhum sinal proibindo qualquer tipo de actividade naquele local, sentiam-se no direito de o explorar como bem entendiam, até porque não estavam a causar danos materiais. No entanto, os danos causados na

sensibilidade do porteiro foram suficientes para que voltasse ao lugar, e agora com um tom mais ameaçador, nos mandasse embora daquele local. Enquanto procurávamos um novo local, cada grupo ia contando os inúmeros confrontos com os vários porteiros avessos ao Parkour, demonstrando que aquela era uma situação em relação à qual estavam acostumados.

Acabámos por rodear o prédio e deparámo-nos com um espaço igualmente convidativo e, aparentemente, escondido o suficiente para que não fossemos incomodados. Este local não estava à face da rua e tinha, do outro lado da rua, edifícios abandonados, por isso não havia razão para se pensar que estaríamos a incomodar alguém. Realmente, conseguimos treinar durante mais algum tempo, mas infelizmente, um outro porteiro veio dizer-nos que não podiamos estar naquele local.

O grupo percebeu que naquela zona não iria poder treinar e decidimos novamente procurar um local. Apesar de acatarem as ordens sem grande resistência acabaram por demonstrá-la no caminho de volta. Quase espontaneamente, sem que ninguém dissesse nada, começaram em corrida lenta a utilizar tudo o que podiam para treinar. Tinham a consciência que não podiam estar num local durante muito tempo, mas em constante movimento, não havia porteiro que os apanhasse e na altura que desse pela nossa presença já estaríamos a sair da sua «jurisdição»".

É interessante observar que, em qualquer treino, existiram frequentemente ocasiões em que a sociedade foi enfrentada, no entanto, estes foram momentos curtos, pois exigem muito fisicamente. É neste confronto que parecem divertir-se mais, que os sorrisos estão continuamente estampados nas suas faces. Como se percebe, por vezes a resistência é criada de forma mais explícita, mas em muitos casos está também presente de uma forma menos imediata, na forma como ocupam e se movimentam pelo espaço. De facto, de todas as situações verificadas só numa houve um confronto directo, como se vê na seguinte passagem do ultimo dia de diário de campo: "Nessa situação, assisti a uma reacção mais activa do grupo que, ao ser tratado de forma injusta, se insurgiu e fez questão de deixar bem claro que não abandonariam o local, nem mesmo quando a pessoa em questão ameaçou chamar a polícia".

Existe ainda um tipo de resistência social presente no grupo que se relaciona com a forma como condenam a comercialização do parkour. Discursos de reprovação acerca de grupos que buscam uma visibilidade e ganhos materiais derivados do parkour, demonstram a atitude do grupo relativamente a qualquer tipo de massificação, como demonstra a seguinte afirmação de Xavi: "vi uns vídeos do pessoal de Lisboa, estão uns vendidos", relativamente ao facto deste grupo estar a divulgar a sua actividade para promover workshops e, assim, ganhar algum dinheiro. A resposta do grupo quanto à ideia de resistência social introduzida nas entrevistas foi interessante. De forma geral, todos negaram inicialmente a existência desta faceta nas suas acções, no entanto, à medida que iam desenvolvendo este tópico, afirmações como as que se seguem demonstram que apesar de não existir uma intenção consciente de desafio à ordem hegemónica, este acaba por estar presente visto que a própria natureza do parkour o impõe através da sua forma diferente de ver o mundo. O que nos diz Piri é representativo dessa visão:" Existe uma diferença entre aquilo que fazemos e aquilo que as pessoas querem que a gente faça"; "Acho que acaba por representar que não aceitamos a forma como se constroem as coisas"; "Mas a verdade é que às vezes as pessoas chamam-nos vândalos por causa disso, porque nós não seguimos as regras naturais, não gostamos de seguir regras". Já Xavi salienta que: "apesar disso, nós não queremos fazer isso, o objectivo principal não é quebrar regras mas fazermos aquilo que queremos".

O mesmo tipo de atitude foi revelado através da análise do conteúdo das entrevistas dadas por traceurs a algumas revistas. De acordo com Graça[40] (2006: 26), "Um dos principais problemas de que os *traceurs* portugueses vivem é o preconceito. Tomam-nos por vândalos. «Vêem-nos de modo diferente, como meia dúzia de "macacos" a saltar...», lamenta Sebastião Martins, 18 anos, o último já passado a praticar parkour e a frequentar os encontros de Telheiras. O adolescente recorda mesmo um episódio mais tenso, em que a polícia foi chamada a um local onde ele e outros estavam a treinar, por causa de alegados distúrbios. Talvez então, como agora, tenha explicado aos agentes da autoridade que esta modalidade «é algo que implica

[40] Num artigo sobre parkour para a revista Notícias Magazine nº737.

olharmos não só em frente, mas também para cima e para os lados. É ver as coisas de forma diferente» ". Como constata Borges (2006), num artigo para a revista Fórum Estudante, com a compreensão ou não da sociedade, estes jovens continuam a fazer parkour e a lutar pelo objectivo de: praticar uma modalidade saudável, responsável, diferente e sem serem julgados. O parkour é, assim, como verifica Matos (2006) na revista Umbigo, uma demonstração da clássica necessidade de liberdade dentro do opressivo mundo do subúrbio moderno.

Uma faceta oposta à resistência social diz respeito à forma como a sociedade procura acomodar as subculturas aos seus próprios valores de forma a ser aceite. Segundo Hebdige (1979), as subculturas quebram as regras através do reposicionamento, da recontextualização do consumo, subvertem o uso convencional dos objectos e investigam novas funções. É basicamente através da forma como utilizam as comodidades, que marcam a diferença em relação às formações culturais mais ortodoxas. No entanto, este processo é por vezes revertido através de dois processos:

- A conversão de símbolos subculturais em materiais de consumo em massa;
- A catalogação e redefinição de comportamento desviante pelos grupos dominantes.

No caso do parkour, é possível afirmar que, pelo menos, o primeiro processo já está em marcha. Podemos observar isso, na forma como o parkour é retratado nas séries juvenis, cujo cariz, pouco ou nada se relaciona com a filosofia da actividade. Relativamente à massificação do consumo relacionado com o parkour, apesar de parecer difícil, devido à inexistência de equipamentos específicos, como um skate ou uma bicicleta, na verdade, algumas marcas desportivas já lançaram modelos de sapatilhas "específicas" para o parkour, o que demonstra que estão atentas ao surgimento de mais um mercado no âmbito do material desportivo. De qualquer forma, esta ausência de equipamento específico parece ser um dos entraves à massificação do desporto, já que, como vimos anteriormente, esta se dá essencialmente devido à massificação do consumo que, no grupo em questão, assume pouca ou nenhuma importância, visto que não foi possível observar em nenhum elemento algum tipo de equipamento comprado especialmente para o parkour.

Desta forma, é possível afirmar que a resistência social se afirma, neste grupo, como a tentativa de obtenção de um espaço de expressão que, apesar de não ter um cariz de confronto directo com os valores vigentes, acaba por, inevitavelmente, chocar com a forma como as restantes pessoas vivem o espaço público. Em relação ao consumo parece existir alguma indiferença quanto a marcas ou equipamentos, no entanto, pelo que foi possível verificar através da informação presente nos vários sites, os artigos relacionados com o parkour (essencialmente sapatilhas e pulsos elásticos), não são de fácil acesso. A sua compra só pode ser feita, na maioria das vezes através da Internet (como se pode ver em www.urbanfreeflow.com), utilizando o cartão de crédito, o que dificulta a aquisição destes artigos. Assim, este cenário não seria, possivelmente, o mesmo, se existisse uma maior facilidade em adquirir o equipamento "específico" que actualmente existe. Podemos então concluir que, quanto às formas de resistência social, o grupo observado, não difere muito dos grupos estudados por Beal (1995; 3003) ou Humphreys (1997). Isto é, existe um afastamento face à massificação através de processos próprios de vivência da actividade, que se materializam na luta pela conquista de um espaço próprio. Por outro lado, contrariamente ao glam rock ou ao punk referidos por Hebdige (1979), nos desportos alternativos a componente visual, isto é, o vestuário e adereços, não representam um papel tão importante na resistência social, como representam nas subculturas estudadas pelo autor. A explicação para tal facto poderá residir no simples facto de que o principal meio de expressão destas subculturas encontra forma num movimento corporal intenso, privilegiando a liberdade de movimento. Assim, para um elemento da subcultura punk, os piercings ou a roupa rasgada não seriam impeditivos de cantar, tocar um instrumento, ou até mesmo dançar. O mesmo já não se pode dizer de um traceur ou de um skater, tendo que, necessariamente, representar os processos de resistência social através dos meios anteriormente mencionados.

4.3 - Dinâmica de grupo e construção de identidade

Como já foi referido, vários autores (Butts, 2001; Contador, 2001; Hunter, 2002; Vaske, Dyar e Timmons, 2004) identificaram determinados tipos

de atitudes que permitem ao sujeito uma plena integração tanto na subcultura alvo do seu interesse, como num grupo influenciado por essa subcultura. Tendo já constatado a existência de uma ideologia própria do parkour, é natural que essa forma de pensar se reflicta num conjunto de comportamentos que permitam a construção de uma identidade em consonância com o grupo. Será esta identidade que, por sua vez, permitirá uma adequada integração na dinâmica do grupo. No processo de observação participante foi possível viver esse processo e identificar os comportamentos e atitudes valorizados e renunciados pelo grupo.

O processo de construção da minha identidade e de aceitação por parte do grupo não se fez, obviamente, de imediato. No entanto, não houve tanta apreensão como antecipava devido ao facto de existir uma diferença etária em relação ao grupo observado e existir um propósito suplementar para além da simples vontade de treinar. Para o sucesso inicial da integração foi importante a receptividade de Xavi, que, no início assumiu o papel de porta-voz do grupo. Assim, como espelha o seguinte excerto do diário de campo: "ao ver a sua receptividade, o resto do grupo sentiu-se mais confortável (...) na verdade, passados dez minutos, eu já não me sentia um elemento estranho, o que foi bastante mais rápido do que seria de esperar".

Quando demos por terminado o trabalho de campo foi possível olhar para trás e identificar os processos que tornaram a integração um sucesso. Em primeiro lugar, a já referida abertura demonstrada por Xavi permitiu entender a sua importância no seio do grupo, assim como a importância de entrar no grupo através de algum membro, e não isoladamente. Um outro aspecto, que mais tarde foi confirmado através das entrevistas realizadas, foi o empenhamento demonstrado e a partilha da paixão pela actividade, tal como se pode confirmar pelo discurso de Jump: "Pah(sic)...alguém diz hoje vamos treinar e o pessoal vai todo, ou então não vai porque não pode mesmo. Há muita dedicação... é importante que alguém se dedique para conseguir estar bem no grupo. Se alguém andar aqui contrariado nota-se logo e, oh pah (sic), o grupo começa a excluir".

De facto, foi possível verificar que estes dois factores são, talvez, os mais importantes no processo de aceitação. Como mais tarde foi possível observar, a entrada de elementos com uma visão diferente (mais lúdica) acerca

do parkour veio abalar a estabilidade do grupo, levando a uma fase em que os membros mais antigos estiveram, claramente, menos motivados para treinar.

O processo de iniciação começou, então, como consta no diário de campo "sem treinador, sem líder, sem alguém que dissesse como, tentando ultrapassar os obstáculos perseguindo o grupo. Esta é, realmente a prova que quem inicia esta actividade tem que passar. Todos os outros são perfeitamente autónomos. Ninguém pergunta como ultrapassar determinado obstáculo. Se não se consegue de uma forma consegue-se doutra". Desta maneira, um elemento iniciante vai vencendo, obstáculo a obstáculo, as dificuldades iniciais até conseguir acompanhar o grupo nos seus próprios percursos. Obviamente que o processo não é exclusivamente individual. Sempre que parámos, aproveitámos para trocar impressões acerca das experiências e dificuldades que fomos tendo. Como se pode ver pela seguinte passagem: "É aqui que o grupo assume a sua função. Os intervalos servem para descansar fisicamente e conviver desenvolvendo os laços que os desafios que se encontram desenvolvem". Nos primeiros treinos as paragens serviram também para me perguntarem como é que me estava a sentir e se assegurarem que a minha experiência estava a ser positiva. A preocupação demonstrada pelo grupo acerca da forma como me estava a ambientar, revelou a aceitação de um novo elemento que foi sendo confirmada ao longo do trabalho de campo por gestos como a partilha de vídeos e informações relativas ao parkour. De facto, esta troca de informações ocorreu em outras ocasiões e serviu para constatar que esta é uma atitude que evidencia a aceitação do grupo em relação a um novo elemento.

Ao fim de poucos treinos, estando confirmada a partilha pelo empenho e pelo gosto de praticar o parkour, estava terminado o processo de iniciação dando lugar agora, a uma interacção mais natural com todo o grupo (até porque os motivos relacionados com este trabalho, foram aparentemente, esquecidos rapidamente). Um outro processo de iniciação que correu de uma forma positiva foi o de Shorty, o único elemento feminino do grupo. Neste caso, a sua atitude aberta e empenho, aliados à relação próxima que tinha com Xavi, permitiram o sucesso na sua aceitação por parte do grupo, que rapidamente a viram como mais um elemento da L12.

Depois desta fase inicial foi possível dar mais atenção à dinâmica de grupo propriamente dita. Desde os momentos iniciais, foi possível verificar que o que mantém o grupo unido é o gosto pelo parkour e a partilha de uma visão que vai para além do desporto ou o lazer. Este é, de maneira geral, um grupo que vê o parkour como algo para além do simples lazer, sendo esse o aspecto essencial que faz a dinâmica do grupo funcionar.

Em acção, o grupo assume características muito específicas. É muito valorizada a capacidade de todo o grupo ser capaz de realizar algo de forma a que se crie um movimento ininterrupto de passagem sobre um determinado obstáculo. Assim, como se constatou no trabalho de campo: "mais do que a construção de "heróis" dentro do grupo, tenta-se construir um grupo capaz de ultrapassar, em conjunto, os obstáculos que surgem". Apesar desta tentativa de funcionamento em conjunto, existem processos que permitem estabelecer posições dentro do grupo. Durante o trabalho de campo nunca foi apontado um líder, ou observado algum tipo de hierarquização explícita. No entanto, foi possível observar que nem todos os elementos são iguais. Stan, um elemento que poucas vezes esteve presente procura unicamente o convívio, já que faz parte do grupo há cerca de um ano e, segundo os restantes elementos do grupo, nunca treinou realmente. Como se verifica através do diário de campo: "Este tipo de atitude impede-o de seguir o ritmo do grupo e de partilhar a experiência conseguida no treino, o que o deixa também um pouco de parte quando o tópico de conversa são os desafios encontrados durante os treinos. De qualquer forma, "existe uma preocupação em não excluir este tipo de situações, apesar de por vezes ser difícil devido às características da prática".

Por outro lado, pode-se observar em outros desportos alternativos, como demonstra Hunter (2002) relativamente a um grupo de skaters, que o domínio da prática é a característica mais importante na construção de um estatuto no seio do grupo. O mesmo se pôde observar neste grupo. Apesar de ser valorizado o grupo e de não existirem tentativas explícitas no sentido da afirmação de uma posição superior, foram observadas algumas situações em que um maior domínio da prática levou a uma inevitável admiração por parte dos restantes elementos e, consequentemente, à consolidação da posição dos elementos dentro do grupo. Normalmente, sempre que algum elemento conseguia realizar algo novo, havia a preocupação de transmitir a melhor forma

de conseguir a manobra, incentivando a que todo o grupo tentasse dominar este novo obstáculo. No entanto, esta tentativa de evitar a diferenciação através da competência na actividade, funcionava, por vezes, de forma inversa, já que se o restante grupo, mesmo após incentivos e instruções, continuasse a ter insucesso, a posição dos poucos membros que conseguiam realizar a manobra em questão, acabava por ficar ainda mais consolidada. Este tipo de situações verificou-se várias vezes e confirmou que os elementos mais dedicados eram também os que, normalmente, tinham um maior domínio técnico e dos conhecimentos acerca do parkour, concedendo-lhes uma posição destacada no grupo, como ilustra o seguinte excerto do diário de campo: "Qual não é o meu espanto quando Xavi e Climb sobem o muro, saltam para o telhado e preparam-se para saltar e agarrar-se à beira do muro na parte mais alta. O que se seguiu foi uma das coisas mais impressionantes que já vi. Foi algo que não os imaginava a fazer e tornou-se, sem qualquer dúvida, o meu grande objectivo, sendo que o mesmo se deve ter passado com os restantes".

Desta forma, podemos afirmar que, dentro do grupo, é valorizada a união e a capacidade deste agir como um todo e sem graus hierárquicos, contudo, de forma menos explícita surgem formas de evidenciação relacionadas com a dedicação e competência, que são reconhecidas pelo grupo.

Tal como existem atitudes que permitem uma aceitação e até a obtenção de posições destacadas no grupo, existem também comportamentos que têm resultados contrários. A apatia, a falta de empenho, e uma visão do parkour demasiado lúdica são os comportamentos que se demonstraram mais prejudiciais ao processo de aceitação. Nas entrevistas, a tentativa de superioridade, a falta de espírito de aventura e a falta de entusiasmo foram as condutas referidas como sendo mal aceites pelo grupo, como se verifica pelas respostas de Xavi: "Eh pah (sic), não sei... talvez a ideia de superioridade, de eu sou o melhor e vim para aqui para ser o melhor, para trabalhar para ser o melhor"; de Piri: "Talvez uma pessoa mais conservadora, que não goste de fazer nada... que não tenha o espírito de aventura"; ou de Jump: "Se alguém andar aqui contrariado nota-se logo e, oh pah (sic), o grupo começa a excluir". Este tipo de respostas confirma as conclusões retiradas do diário de campo e

ajudam a entender a forma como atitudes podem ser aceites ou rejeitadas dentro do grupo.

Assim, tal como tínhamos visto com os trabalhos de Beal (1995) ou Humphreys (1997), os sujeitos observados definem a actividade em questão como uma forma de vida e não como uma via de profissionalização. É, então, possível constituir uma imagem global de um grupo no qual a partilha da paixão pelo parkour e a visão deste desporto como filosofia de vida se constituem como os elementos unificadores do grupo.

Através do diário de campo foi possível traçar um trajecto percorrido com alguma regularidade, no qual apenas houve uma ocasião onde se verificou uma crise que ficou resolvida logo no início do período de aulas em Setembro. Relativamente a este momento, Xavi demonstrou o seu desânimo com o grupo e confessou, como demonstra a seguinte passagem do diário de campo: "que achava que os elementos que foram chegando e partindo quebraram a sua estabilidade. Referiu que o grupo perdeu união, porque se tornou um ponto de passagem de pessoas que queriam ocupar o tempo das férias, facto que trouxe muita dispersão". A partir deste momento foi possível verificar uma tentativa, por parte deste elemento, no sentido de voltar a reunir o grupo. Assim, com o início das aulas a aproximar-se e o grupo reduzido ao seu núcleo de cinco ou seis elementos, foi demonstrado um novo fôlego da parte de Xavi que, revelando-se o "motor" do grupo, conseguiu trazer de volta o seu ambiente inicial.

Desta forma, chegámos ao final do trabalho de campo com plena noção de que existe um processo de construção de identidade muito importante para quem se inicia no parkour, e mais especificamente no grupo em questão. De acordo com Hunter (2002), existem meios que permitem afirmar a intenção de serem reconhecidos como praticantes. Talvez aquele que surge em primeiro lugar é, como foi apontado por Turner e Tajvel (1986), o simples facto de um indivíduo se auto-categorizar como membro de um certo grupo, sendo este factor suficiente para que um favorecimento intra-grupal surja. Existem também os factores relacionados com o equipamento, bem como a quantidade de equipamento do qual o praticante é proprietário, que varia, segundo Vaske, Dyar e Timmons (2004), consoante o nível de especialização. No entanto, o factor mais importante na construção da identidade é o nível de competência,

sendo que este permite ao longo do tempo a obtenção de diferentes estatutos no seio do grupo (Hunter, 2002).

Em concordância com o que verificamos através dos vários estudos consultados, foi possível também observar uma dinâmica de grupo intimamente relacionada com processos de unificação do grupo, havendo, porém, lugar para a construção de discursos de maior ou menor autenticidade, dependentes em grande parte do nível de empenho e competência.

Apercebemo-nos, tal como Wilkinson (2007), que o parkour se assemelha de certa forma ao jazz, na medida em que, neste caso, é necessário aprender-se o básico dominando e conhecendo o instrumento, para depois adquirir um conhecimento aprofundado da música, só depois deverá esquecer tudo isto e tocar instintivamente. De facto, num momento em que se assiste a uma certa estandardização do parkour, o grupo continua a valorizar a capacidade de utilizar os movimentos de forma livre, confirmando o seu carácter distinto e já algo independente do fenómeno global.

4.4 - Simbologia e estética

A diferença é transmitida, em primeiro instância, através da forma como os membros de uma subcultura se apresentam na sociedade. A forma mais imediata de reconhecermos essa diferença está no vestuário ou na linguagem utilizada. Assim, não é de estranhar que existam símbolos próprios que permitem, não só a distinção, mas também o reconhecimento por parte de outros membros da mesma subcultura.

Se, de acordo com Steyn (2004), uma tábua de skate pode ser considerada uma micro representação de um skater, ou segundo Hebdige (1979), um punk, ou qualquer outro membro de uma subcultura, pode ser identificado pelas suas representações visuais específicas, também no parkour, existem formas de representação que permitem comunicar a diferença.

Reconhecer um traceur no seu quotidiano não será tarefa fácil visto que a forma mais imediata de reconhecimento, o vestuário, é diferente do que é utilizado nos treinos. Além do mais, como já vimos, não existindo ainda nenhuma relação específica entre um estilo musical e o parkour, nem sequer podemos afirmar que existe a possibilidade de alguém que se apresente de

acordo com algum género musical, seja também praticante de parkour. Qual será então o principal símbolo de distinção do parkour? Em primeiro lugar, o próprio parkour, ou seja, a forma atípica como o grupo se move pelo espaço. A maioria dos movimentos utilizados no parkour não são típicos do repertório motor da restante população. Como tal, não passam despercebidos aos olhos de qualquer pessoa que passe junto de um local de treino. A observação participante permitiu constatar que o grupo "formava frequentemente uma fila seguindo um trilho por entre os obstáculos que era traçado pelo elemento da frente. Em determinados momentos existiu a preocupação em fazer as coisas de uma determinada forma, de acordo com certos padrões estéticos relacionados com o parkour". A fila em movimento constante representa a fluidez que, em termos visuais, causa sensação entre os praticantes, tanto quando observam como quando são os próprios em acção.

Para além deste importante símbolo que é o grupo em movimento, existem formas de representação do parkour que se assemelham às observadas em outras subculturas. O vestuário é uma delas. O trabalho de campo permitiu observar a evolução da componente visual. No primeiro treino, "o grupo parecia completamente heterogéneo, e cada membro apresentava um tipo de vestuário diferente", estando no entanto, presentes alguns elementos mais típicos no visual do parkour. À medida que o tempo foi passando, "o cuidado com a forma como os elementos do grupo se apresentavam em cada treino foi sendo, aparentemente, maior". No diário de campo identificámos o dia 24 de Julho como o dia em que houve um maior cuidado com o visual. A razão para tal é simples, foi o dia em que se realizou a Jam, e, como tal, é possível que os elementos do grupo tenham sentido a necessidade de tornarem o seu estatuto de traceurs mais claro. Este maior cuidado foi eficaz, já que os elementos que ainda não se conheciam facilmente identificaram os restantes através do vestuário.

Que tipo de vestuário é este que permite o reconhecimento de um traceur por parte de outro? Em entrevista, os elementos do grupo caracterizaram um traceur sem se verificarem divergências de opinião, o que demonstra que esta forma de vestuário é já consensual. Assim, nas palavras de Xavi: "Há um padrão. São sempre roupas que te permitem mover, dão-te sensação de conforto e isso tudo e que no fundo te identificam como traceur

pelo vestuário que usas. Por exemplo, na nossa primeira jam não conhecíamos ninguém, mas olhámos à volta e identificámos quem estava no sítio e era traceur (...) Têm-se andado a formar marcas novas como a Screw Gravity e a Gorilla. São marcas que fazem calças de fato de treino e isso, mas não fazem nada em especial, entendes, dão-lhe é um nome. Quase como se os integrássemos num grupo. Um gajo (sic) anda com roupa da Screw Gravity...faz parkour". O padrão referido é confirmado por Jump, que afirma que "... o pessoal costuma usar t-shirt's sem magas, calças de fato de treino e sapatilhas daquelas tipo Nike Air, ou outras que absorvam bem o impacto. Este acaba por ser o vestuário mais típico do parkour. E há também os traceurs mais experientes que treinam sem camisola, isso é característico".

Apesar de todos os elementos do grupo referirem que não existem restrições quanto ao vestuário que usam, sendo inclusivamente esse facto verificado na forma como por vezes alguns elementos treinavam com roupa casual, ("Já Climb estava com uma roupa perfeitamente casual. De jeans azuis e pólo branco, ninguém adivinharia que estava prestes a treinar o que quer que fosse") a verdade é que, ao longo do trabalho de campo, foi observada uma evolução do grupo no sentido de se apresentar de acordo com o que eles próprios definiram como o visual típico de um traceur. Um exemplo ilustrativo desse cuidado foi a criação de um logótipo da L12 que os elementos começaram a usar nas t-shirts que utilizavam nos treinos. Nos primeiros encontros reparei que Xavi tinha uma t-shirt estampada, na qual figurava o nome do grupo, mas com o novo logótipo estampado através de um *stencil*[41], a t-shirt "oficial" ficou ao alcance de qualquer elemento, não sendo, desta forma, necessário gastar tanto dinheiro como no caso da primeira estampagem.

Assim, é possível afirmar que, tal como se observa em outros desportos alternativos, existe no parkour um vestuário próprio que permite transmitir a diferença. Por outro lado, contrariamente ao que se pode constatar no estudo de Steyn (2004), o vestuário do parkour não parece ser influenciado pelo punk ou hip hop, ou qualquer outro estilo musical, mas pela funcionalidade. No entanto, se analisarmos o vestuário oficial presente no site do grupo Urban Free Flow, é possível encontrar alguns símbolos que remetem para as artes

[41] Técnica de estampagem que apenas necessita de um molde em papel e tinta em spray.

marciais, tais como o próprio logótipo do grupo, que se assemelha a um símbolo oriental. Deste modo, através da observação destes maiores grupos é possível compreender o caminho que segue a estética associada ao vestuário no caso do parkour. Como foi verificado anteriormente, existe um padrão no vestuário dos traceurs que é respeitado no site referido anteriormente. Porém, existe também uma tentativa de reprodução massiva de uma simbologia que remete para as artes marciais, como se pode ver pelo tipo de símbolos presentes no vestuário e pelo próprio logótipo da Urban Free Flow.

Poderemos estar a observar, deste modo, mais uma forma de acomodação, na qual uma simbologia específica de uma cultura diferente passa a ser utilizada com fins meramente estéticos. O símbolo perde o seu significado inicial e passa a ser apenas uma representação, qual estátua de Buda arrancada do mosteiro para figurar numa qualquer loja de decoração.

Muitas subculturas apresentam uma linguagem específica que permite também transmitir a diferença, aumentando a distância entre a cultura dominante e as várias subculturas. Neste sentido, as violações dos códigos autorizados e aceites, através dos quais o mundo social é organizado e experiênciado, têm um poder considerável de provocar e incomodar (Hebdige, 1979). Assim, a linguagem assume-se como mais uma forma de assegurar a exclusividade simbólica de uma subcultura. Se em certos casos a linguagem assume contornos mais globais, transferindo-se para grande parte do quotidiano, como descreve Reese (1998), referindo-se ao hip hop, noutros, esta tem um carácter mais específico relativo à actividade associada. Este é o caso do parkour, que apresenta uma linguagem própria relativa às diferentes técnicas utilizadas e à forma como se referem ao ambiente onde treinam. Os termos próprios em si mesmos distanciam os traceurs de alguém exterior ao parkour. Por sua vez, ao observarem o espaço com uma visão diferente, acabam por referir-se a várias estruturas de uma forma distinta, por exemplo, o espaço entre dois pontos foi sempre referido como uma *gap,* independentemente do local onde a *gap* se situava.

Por vezes, existem associadas a uma subcultura, expressões artísticas que funcionam como mais uma forma comunicação da diferença. Este é o caso do graffiti e do rap no hip hop. No parkour não foram recolhidos dados que permitam afirma a existência de um forma artística relacionada com a

actividade. Não obstante, é interessante verificar que quase todos os elementos referiram nas entrevistas, o seu interesse pela pintura ou o desenho. Este interesse é também partilhado por Foucan[42], um dos criadores do pakour.

Contrariamente ao que acontece no graffiti, não foi possível observar uma estética particular associada ao tipo de pintura que os membros praticam. Assim, apesar de existir este gosto, este varia conforme se pode verificar pelos gostos mais góticos e de "dark art" referidos por Xavi em entrevista ("gosto de graffiti, gosto de stickers, de pins, de personalizar roupa. Também gosto de Drak Art, o gótico, atrai-me alguma arquitectura. No fundo tudo o que seja expressivo"), ou pela influência do hip hop referida por Piri, ao explicar que como actividades de lazer gosta "de fazer rimas e graffiti". Parece, pois, existir uma afinidade pela pintura partilhada pelos elementos do grupo, mas esta não apresenta uma temática específica, espelhando antes a visão artística que têm do parkour como se verifica nas palavras de Xavi: "Com o parkour também me expresso através do movimento, tal como podia ter seguido a dança ou o teatro, segui isto. Toda a forma de viver a arte se transfere para o parkour". Mais uma vez, é possível observar já uma característica própria de uma subcultura a despontar, mas ainda dando os primeiros passos.

Steyn (2004) verificou existirem símbolos próprios do skate, que vão desde a forma como é ornamentado o equipamento que utilizam, passando por um vestuário influenciado essencialmente pelas subculturas punk e hip hop. Certos aspectos observados neste trabalho vão de encontro ao que foi observado em trabalhos como o de Steyn, mas acrescentam novas facetas a este fenómeno. Como tal, para além de linguagem e vestuário próprio, o parkour acrescenta uma noção estética relacionada com a própria forma como realizam as várias manobras, independentemente de estarmos a falar de parkour ou free running, e indícios de uma eminente forma de arte plástica associada a esta prática. Não seria difícil imaginar que um writer[43], conseguiria alcançar os seus objectivos mais eficazmente se para além disso fosse também traceur. Assim, os traceurs do grupo observado têm a capacidade de chegar a locais, aparentemente, inacessíveis, e o gosto pelas artes plásticas. Seria, portanto, interessante verificar de que forma estes dois aspectos se

[42] Visto em www.foucan.com
[43] Artista de graffiti.

relacionam e evoluem e, até que ponto, podem dar origem a uma nova forma de arte. Se no hip hop existe o graffitti como forma expressiva e no skate existe a musica punk, talvez não seja assim tão arriscado afirmar que poderá vir a existir um novo tipo de expressão artística associado ao parkour.

4.5 - Independência face ao fenómeno global

Como já foi referido, existem, por vezes, reacções por parte de determinados grupos que os afastam do panorama global relativo à sua subcutltura. Um bom exemplo deste fenómeno foi o observado por Beal (1995), que constatou que, apesar da forma como se vive o skate na alta competição, o grupo observado, mantinha-se fiel aos valores iniciais de diversão e desvalorização da competição formal. Parece, assim, comum que, face à massificação, alguns grupos se prendam aos valores que, inicialmente, pautavam as condutas dos praticantes. Tendo em conta o período de expansão pelo qual o parkour está a passar, sentimos que era importante entender a forma como o grupo observado estava a lidar com a situação.

Através das entrevistas, encontramos discursos que nos permitem constatar que existe já algum afastamento face à tendência do fenómeno a nível global, como se pode verificar, por exemplo no discurso de Xavi: "Nunca tivemos um contacto com outras equipas ou com outro pessoal que fizesse, portanto, parece que desenvolvemos uma outra vertente do parkour em si".

Através da informação recolhida pela análise de um dos maiores grupos internacionais de parkour, o www.urbanfreeflow.com, pudemos verificar quais são as tendências que parecem predominar. Assim, juntamente com discursos a favor da competição, foi possível encontrar áreas com informação específica acerca de equipamento desportivo com análises detalhadas a diversos modelos de sapatilhas, tópicos dedicados ao treino da força e à nutrição e suplementação associada ao desporto ou um catálogo de vestuário oficial da equipa. Este tipo de informação reporta-nos, inevitavelmente, para a (alta) competição e confirma o afastamento que o grupo analisado apresenta em relação aos tópicos referidos. De facto, como pudemos verificar nas entrevistas, aspectos como a marca do equipamento desportivo, o treino específico para além do que já fazem, ou a suplementação é algo que não

habita os pensamentos dos membros do grupo. Mesmo relativamente à possibilidade da existência de uma competição, Xavi afirma: "A mim não me aquece nem arrefece, quem quiser competir compete, e quem não quiser mantém-se purista. Tanto mais que, ao início, quando havia só o parkour, apareceu também o free run por causa da vertente mais estética". Quanto ao vestuário, apesar de se poderem observar algumas atitudes de consonância, os elementos afirmaram que não encaram o parkour dessa forma, como refre Xavi em entrevista: "Não há, em si, um vestuário, não há uma maneira de andar, uma maneira de vestir, uma maneira de falar, temos coisas nossas mas não nos encaramos dessa maneira.

Também noutros grupos foi possível verificar esta mesma atitude através de uma entrevista para sport life[44], na qual um traceur afirma que "os elementos acabam por ser muito variáveis, uma vez que cada traceur combina diferentes técnicas de uma forma muito pessoal (...) Não vale a pena querer imitar alguém a fazer um movimento se não se sentirem preparados, até porque, este, não é um desporto exibicionista (...)".

Assim, podemos afirmar que existe já uma atitude de afastamento face à direcção que, a nível internacional, o parkour está a tomar, confirmando-se o mesmo tipo de comportamento descrito por Beal (1995). Cada grupo vive o parkour de uma forma específica. Se, como vimos na Jam, alguns grupos "seguem mais o livro", isto é, tentam seguir o panorama internacional, outros vivem-no de uma forma mais independente utilizando o parkour de forma mais independente. É certo que, no grupo observado, são notórias as influências tanto do parkour como do free running, mas este parecem conviver bem com ambas as visões do fenómeno utilizando o parkour de forma a servir os interesses do grupo e não o contrário. Contrariamente ao que foi possível observar em www.urbanfreeflow.com, o site de um grupo marcadamente free runner, onde apenas encontramos discursos relacionados com esta vertente, a L12 afasta-se da, aparente, necessidade que a nível global existe no sentido de deixar bem claro se determinado grupo faz parkour ou free running.

Tal como os skaters observados por Beal (1995), a criação de formas alternativas de normas e relações que enfatizem a papel do participante estão

[44] Artigo escrito por Sofia Patrício (2006)

no centro das preocupações dos elementos deste grupo, sendo que, o mais importante é viver o espaço envolvente da forma que melhor lhes parece na altura, seja esta um salto fluído sobre um muro ou um wallspin que, para pouco mais servirá, para além de deixar qualquer observante de boca aberta. Esta, apesar ser uma categoria pouco ampla, é importante visto que possibilitou verificar já um fenómeno de afastamento. Neste momento as questões que se põem são resultantes essencialmente da curta história deste desporto. Isto é, caso o parkour siga o mesmo rumo que outros desportos alternativos, a estes grupos iniciais restarão apenas duas hipóteses. Juntarem-se ao fenómeno global ou acentuarem ainda mais a sua diferença, não pela intensificação de atitudes, mas pelo simples facto de se tornarem a excepção num novo mundo de praticantes.

4.6 - Relação com o espaço envolvente

Sendo o parkour uma actividade essencialmente deambulatória, constantemente procurando novos espaços e novos desafios, ao longo do tempo foi-se desenvolvendo uma relação muito própria com os espaços de prática. Foi possível partilhar essa relação durante o trabalho de campo, tendo como resultado uma compreensão aprofundada acerca do que faz mover o grupo e por onde este se move.

Independentemente do local, existem certas atitudes que se mantêm constantes. A procura da fluidez, de novos desafios, do risco, pautam a conduta do grupo em todos os momentos e em todos os locais. Como foi possível observar, em locais mais extensos, "utilizam-se corrimões, muros, escadas e restantes obstáculos, numa exploração exaustiva e criativa dos espaços". Nestes locais mais amplos, o grupo assume dois tipos de comportamento, a dispersão por todo o espaço, na qual cada elemento procura um desafio próprio, ou a exploração conjunta, frequentemente em fila, na qual o grupo flui, sem destino aparente, pelo espaço, constituindo um corrente dinâmica de movimento. Já em locais menos amplos, a tendência é para o aperfeiçoamento de técnicas, como demonstra o seguinte excerto do diário de campo: "Já a rocha em si, tem todas as faces diferentes permitindo realizar vários elementos com vários níveis de dificuldade, o que permite um ataque

contínuo por parte de todos os elementos. A dinâmica criada, na tentativa de superar os elementos que aparecem no percurso, é como uma micro representação do que se passa nos espaços amplos, onde continuamente desafiamos aquele obstáculo até que seja tão impeditivo à locomoção como uma pequena pedra". De facto, constatamos, tal como Karsten e Pel (2000), que independentemente da dimensão do local, a partir do momento em que o desafio desaparece, leva com ele o entusiasmo do grupo, apelando novamente ao seu carácter itinerante. Um exemplo desse carácter foi a intenção demonstrada pelo grupo em treinar na praia, visto que, apesar de não ter obstáculos, permite o treino dos elementos mais acrobáticos, em relação aos quais o grupo foi demonstrando algum interesse.

A relação com o espaço envolvente assumiu, em várias ocasiões, uma vertente mais utilitária, demonstrando que este é, talvez, de todos os desportos alternativos, o que permite um maior leque de utilizações. Como foi possível constatar, o parkour não era praticado apenas quando chegávamos a um local específico, estendendo-se o local de prática a qualquer ponto por nós ocupado. Quer estivéssemos num local previamente seleccionado ou nos dirigíssemos para lá, era possível observar o grupo em acção. Estava latente a necessidade de desconstruir barreiras onde quer que estivéssemos e, se por vezes, essa necessidade não era tão perceptível, em outras ocasiões a forma como o grupo se relacionava com o espaço era um autêntico símbolo desta necessidade. Um dos melhores exemplos deste tipo de relação com as barreiras, aconteceu quando alguns elementos percorreram como se pode ver no seguinte excerto do diário de campo: "Pelo caminho passámos por uma quinta cujo muro, com cerca de três metros, estendia-se ao longo de toda a rua, tendo aproximadamente cinquenta metros de cumprimento. Xavi e Jump aproveitaram para subir o muro e percorrê-lo tentando não perder o equilíbrio". O impacto causado pela facilidade com que foi dominada aquela imponente barreira é representativo da atitude que temos vindo a analisar.

Como referem Camy, Adamkiewics e Chantelat (1993), estes desportos que têm lugar nas cidades não seguem uma organização rígida, guiando-se antes pelo ritmo de vida da cidade. A escolha dos locais estava dependente de diversos factores. Na maioria das situações eram procurados espaços onde fosse possível treinar de forma descontraída, sem os incómodos causados em

locais onde circulavam mais pessoas. Assim, a escolha de locais menos urbanos, como o santuário da Sra. da Saúde prendeu-se mais com a possibilidade de treinar sem incómodos. Quanto a este assunto os vários elementos foram claros, quando em entrevista referiram que tinham mais problemas nas zonas mais urbanas como o centro dos Carvalhos, do que em locais onde existia menos afluência de pessoas, Por exemplo, Shorty afirma que "aqui nesta zona (Carvalhos), as pessoas vêm isto como uma diversão e até apreciam. Até quando fomos para o mosteiro (Pedroso), as pessoas olhavam e gostavam e riam-se, não havia problema. Em Matosinhos, por exemplo, já houve aqueles problemas com os porteiros". Já Piri e John são mais específicos: "No Fernando Couto, já fomos expulsos de lá tantas vezes...eles não gostam. Continuam a ver-nos sempre da mesma forma, pensam que estamos a vandalizar aquilo".

A preferência por espaços, como o já referido santuário, relacionam-se também com o facto de ser possível encontrar nestes locais um grande número de estruturas artificiais. Se se trata de um local natural sem estas características, dificilmente nos manteríamos naquele local por tanto tempo, visto que a diversidade de obstáculos seria escassa. Assim, o local de eleição para treinar é recatado, de preferência sem espectadores, e com as condições mínimas no que diz respeito à diversidade de obstáculos, como foi possível constatar ao longo do trabalho de campo ("a escolha do sítio vem do facto de quererem um sítio para treinar onde ninguém os incomode (...) Decidimos partir para um local diferente, já que este era o principal dia da festa da Sra. da Saúde e o sítio do costume estava cheio de gente. Fomos, então, para o Mosteiro de Pedroso"). Não será, portanto, de estranhar que outros grupos[45] aluguem inclusivamente espaços interiores onde, para além de poderem treinar com privacidade, podem treinar com segurança através da utilização do equipamento de ginástica, como se pode verificar no seguinte excerto retirado do nº 737 da revista Notícias Magazine: " (...) todas as manobras começam por ser experimentadas numa sala de ginástica do Sporting, onde o grupo se reúne duas vezes por semana. «Às vezes, sem experimentar num colchão não dá mesmo» ".

[45] Visto no nº 737 da revista Notícias Magazine.

Contudo, existem situações diferentes, nas quais já não se procura a privacidade, mas sim a visibilidade. Tajima (2005) afirma que o elemento "ver e ser visto" é um factor chave na escolha do local de prática, e esse factor pôde ser verificado por várias ocasiões. Por várias vezes foram feitas incursões por zonas urbanas demonstrando que, tal como um pintor necessita de um local privado para criar a sua arte para que depois a possa tornar pública, também no parkour existem alturas em que a "obra" é exposta. Um dos exemplos mais ilustrativos foi a escolha do local de realização da Jam, em Matosinhos, junto ao Parque da Cidade do Porto. Aqui, tínhamos num único local o sossego do parque, a visibilidade da praia e a agitação de uma zona marcadamente urbana. Foi o local ideal para treinarmos acrobacias sob o olhar dos veraneantes, praticar de forma mais calma no Parque da Cidade e explorar os labirínticos espaços existentes entre os vários prédios desafiando os porteiros, que prontamente nos tentaram expulsar.

Depois de experienciadas estas diferentes situações, foi possível entender as razões por detrás da escolha dos diferentes tipos de locais. Durante o treino são experimentadas novas manobras, desafiados novos obstáculos, exigindo mais da capacidade de concentração e abstracção, sendo preferível um local onde não haja ninguém que possa quebrar essa concentração. Já as aparições públicas são pautadas pela escolha de manobras e obstáculos com os quais nos sentimos mais confortáveis e onde existe menor probabilidade de falhar. Um outro factor que limita a frequência das aparições públicas diz respeito ao gasto energético. Como foi possível observar, nestas situações existe uma maior intensidade relacionada com a tentativa de criar um movimento fluido e ininterrupto, que devido à exigência física não é possível manter por muito tempo. Assim, enquanto num local mais sossegado conseguimos passar uma tarde a treinar, em locais com maior visibilidade não era possível manter a prática durante muito tempo. Este facto verificou-se inclusivamente no Santuário da Sra. da Saúde, o qual se encheu de peregrinos durante o mês de Agosto, aumentando consideravelmente a intensidade de cada treino e diminuindo o tempo que permanecíamos em cada local. Como se verifica no diário de campo, "esta procura por um espaço onde se possa treinar sem interrupções já tinha sido observada na L12. O espaço urbano é muito chamativo, mas os constantes confrontos não permitem o

mesmo nível de concentração, o que leva estes praticantes a procurar locais menos urbanos, como a praia, ou no caso da L12, o santuário da Sra da Saúde. (...) Foi precisamente este aumento de afluência ao santuário que condicionou o nosso treino de hoje. (...) Em vez de nos concentrarmos em dominar um determinado local, fomos correndo por todo o espaço ultrapassando da melhor forma possível os obstáculos que iam aparecendo."

Podemos, assim, concluir que a principal característica na forma como o grupo observado se relaciona com o espaço de prática, é a mobilidade. Esta está dependente de vários factores relacionados, tanto com a necessidade de privacidade, como com a necessidade de expressão. A utilização de espaços menos urbanos está associada à necessidade de um espaço que permita a concentração, por outro lado, a utilização do espaço urbano surge da referida necessidade de expressão, e a mensagem, camuflada por um grupo de adolescentes superando todos os obstáculos, não podia ser mais clara. Este grupo não quer destruir nada, nem construir algo completamente antagónico ao que existe, quer apenas o seu espaço, como toda a gente, ainda que o utilize de forma diferente. Este tipo de atitude pode ser compreendido como resultado de um tipo de ideologia que não tem, uma base assente na subcultura punk.

Como vimos com Hebdige (1979), o punk foi um movimento cultural que se caracterizou por uma forte atitude de afastamento em relação à cultura em que se via inserido. Este tipo de pensamento influenciou várias outras subculturas e acabou por ser o catalizador para que alguns desportos alternativos se tornassem, eles próprios subculturas. Como Humphreys (1997) verificou em relação ao snowboard, o punk foi o responsável pela alienação deste desporto, juntamente com o skate, durante os anos 1970. Parece, assim, que até agora o veículo cultural de um desporto alternativo era a forma expressiva que adoptava fosse ela a música, a dança, ou a pintura.

O parkour aparece como uma subcultura, que toma a própria dinâmica por si criada como forma cultural, e tem como base ideológica um sentimento de harmonia e união com o espaço de prática que faz com que a sua utilização não se paute pela ruptura com os valores estabelecidos, mas através do seu ganho progressivo. Dificilmente podemos prever se, tal como se viu com os outros desportos alternativos urbanos, existirão locais específicos para a prática do parkour, mas caso venham a existir, tendo como exemplo o que se

passou com estes desportos, e essencialmente devido ao carácter deambulatório do parkour, não nos parece plausível que tais locais possam manter os traceurs interessados por muito tempo. O parkour pertence à imensidão do espaço urbano, seja por entre os densos espaços urbanizados ou nos seus recatados parques, mas nunca preso a um recinto.

4.7 - Relação entre as categorias

A realidade, como um todo, não é composta a partir de coisas ou processos, mas de todos que se constituem, por sua vez, como parte de algo maior (Wilber, 1995). Tal como uma letra é parte de uma palavra, uma palavra parte de uma frase, uma frase parte de um parágrafo... também as categorias criadas para melhor compreender o fenómeno que nos propusemos estudar funcionam como um todo que, no entanto, é simultaneamente parte de algo maior, a homologia, segundo Willis (1978). De acordo com este autor, a estrutura interna de uma subcultura é caracterizada por uma extrema ordenação e organização: cada parte está organicamente relacionada com as outras, e é através desta relação entre elas que o membro da subcultura dá sentido ao mundo.

Desta forma, ideologia, resistência social, dinâmica de grupo e construção de identidade, simbologia e estética, relação com o espaço de prática e independência face ao fenómeno global, são categorias com uma dimensão e complexidade suficientemente abrangente para que possam ser analisadas como fenómenos isolados, mas se queremos entender a forma como se conjugam para dar lugar àquilo que chamamos subcultura, teremos que recuar e observar o "quadro" como um todo.

Como elemento estruturante de uma subcultura surge-nos aquilo que denominamos de ideologia. É esta que, em primeira instância, dita o processo de construção de identidade e influencia a forma como o grupo interage. De facto, sem a partilha de determinados valores e ideias, dificilmente se conseguiria desenvolver uma dinâmica de grupo estável. No caso do grupo observado, como foi possível observar, a partilha dos ideais de liberdade de movimento e de uma visão do parkour que ultrapassa o simples prazer lúdico, permitem ao grupo funcionar como uma unidade, e receber de forma positiva

algum novo membro que partilhe dos seus ideais. No entanto, tal como ocorreu, a entrada de elementos com uma visão diferente, alterou toda a dinâmica do grupo e levou ao desânimo por parte dos elementos residentes. Assim, é possível verificar uma grande intimidade entre a base ideológica do grupo e a forma como o grupo se relaciona entre si e aceita novos elementos.

Como foi possível verificar ao longo da construção do quadro teórico, a resistência social é um fenómeno presente em várias subculturas, mas não se constitui um fenómeno isolado. O tipo, a forma e a intensidade desta resistência está enraizada com a base ideológica da subcultura e estende-se à forma como os grupos se relacionam com o espaço que ocupam e demonstram a sua independência face ao fenómeno global. No caso do parkour, uma ideologia que imprime nos seus praticantes uma visão muito própria do espaço que ocupam leva, inevitavelmente, a atitudes de resistência social relativamente a uma sociedade que, ao construir barreiras, não espera que estas sirvam os novos usos descobertos pelo parkour. Como foi possível constatar nas entrevistas, se, por vezes, quem observa permanece, aparentemente, indiferente, em outras alturas, o confronto entre as duas visões acerca do espaço ocorre. É neste confronto, não procurado de forma intencional, que diferentes ideologias chocam e se dá a resistência social. Por conseguinte, a base ideológica do grupo conduziu, por vezes, a sua relação com o espaço, numa rota de colisão com os valores da sociedade onde se insere.

Na existência de uma certa independência face ao fenómeno global é possível ler uma forma de resistência social. Se considerarmos que os fenómenos de mudança que vão ocorrendo fazem parte do processo de acomodação de uma subcultura (descrito por Hebdige, 1979), através do qual a massificação ocorre por processos de conversão de símbolos culturais em objectos de consumo em massa e da catalogação e redefinição de comportamento desviante pelos grupos dominantes, a atitude do grupo no sentido de se manter fiel aos valores iniciais do parkour, como a inexistência de competição, pode ser vista como uma resistência a este processo de acomodação. Mais uma vez, uma categoria assume um importante papel no grupo, mas não de forma isolada, sendo sustentada pela base ideológica e por sua vez sustentando a atitude de resistência social.

Já verificámos a forma como se relacionam aspectos como a ideologia, a resistência social, a dinâmica de grupo, a relação com o espaço ou a independência em relação com o espaço de prática. No entanto, falta ainda entender o papel da categoria relacionada com a estética própria do grupo. Numa primeira análise vimos de que forma o grupo se expressava, verificamos uma linguagem específica, um vestuário próprio e até uma preocupação estética na forma como o grupo se movimenta pelo espaço. Através da definição desta categoria foi possível observar o processo descrito anteriormente, mas para entender o papel dos factos verificados temos, mais uma vez, que alargar a nossa análise. Assim, foi possível identificar dois principais pontos de relacionamento, um com a dinâmica de grupo e construção da identidade e outro com a relação com o espaço urbano.

Apesar de o grupo ser muito tolerante relativamente à forma como os seus elementos se apresentavam em cada treino, a referida evolução no cuidado visual foi seguida pela maioria dos elementos do grupo, o que demonstra a importância da utilização dos símbolos correctos no processo de reconhecimento. Assim, a presença de determinados elementos no vestuário permite, num momento inicial, a facilitação da aceitação e relacionamento. No entanto, a importância destes símbolos resumem-se a essas mesmas situações iniciais, já que, se se verificarem divergências na forma como se encara o parkour, o vestuário certo de nada serve. Assim, verificamos, tal como Beal (2003), que um iniciante sente a necessidade de demonstrar a sua identidade de alguma forma e, se ainda não atingiu a competência necessária para se afirmar dessa forma, utiliza meios como o vestuário ou o conhecimento da linguagem específica, para transmitir a sua afinidade pela subcultura.

Por fim, a constatação de uma preocupação estética na forma como o grupo se movimenta e ocupa o seu espaço, demonstrou a íntima relação entre simbologia e estética e relação com o espaço de prática.

Como verificámos, existem vários momentos em que o espaço é percorrido de uma forma específica, de acordo com conceitos os estéticos de liberdade e fluidez. O interesse demonstrado em filmar o grupo em acção, é exemplo dessa vertente estética de relação espacial como se pode verificar na seguinte passagem do diário de campo: "Aproveitámos para filmar algumas

sequências realizadas com todos os elementos do grupo até que, finalmente nos demos por vencidos pelo cansaço".

Sempre que se filmou o grupo em acção houve uma preocupação em colocar a câmara em determinado local, com um determinado enquadramento de forma a captar da melhor forma a acção. Esta não ocorria de forma aleatória. Tal como em certos momentos do treino, para filmar procurava-se criar um efeito visual de fluidez, com todo o grupo a ultrapassar de forma sucessiva um determinado obstáculo utilizando as mais variadas manobras. Assim, apesar da vertente mais purista do parkour privilegiar os gestos mais eficazes em detrimento dos mais acrobáticos, a procura da fluidez causa, em si mesma, um impacto visual, que se torna um símbolo do parkour. Quanto ao parkour mais acrobático, ou free-running, como se pode esperar, compensa a possível quebra da fluidez com a espectacularidade dos movimentos. Tendo em conta que este grupo se demonstrou aberto às duas vertentes, foi possível observar os dois tipos de preocupação estética sendo, portanto, possível confirmar a importância deste elemento como símbolo da actividade que praticam.

5 - CONCLUSÕES

5- CONCLUSÕES

O fenómeno subcultural está em expansão e o seu estudo tem vindo a tentar acompanhar esse crescimento. Como se constatou na construção do quadro teórico aquilo que era um fenómeno confinado às expressões artísticas ultrapassou esses limites e começou a estender-se a outras áreas da vida em sociedade. Com Hebdige (1979) foi possível traçar o caminho seguido desde as subculturas iniciais até ao aparecimento do punk, mas este estudo esgota-se na descrição e análise de formas artísticas, não contemplando os fenómenos que paralelamente se iam desenvolvendo, como o surf ou o skate.

Mais recentemente têm sido desenvolvidos trabalhos no âmbito do desporto como subcultura como se vê, por exemplo, no trabalho de Donnely e Young (1988), relativamente ao rugby. No entanto, certos desportos não podem ser analisados como desportos tradicionais devido a determinadas características próprias. Este é o caso dos desportos alternativos, que recentemente têm sido alvo de maior interesse por parte de alguns investigadores como Humphreys (1997), Butts (2001) ou Vaske, Dyar e Timmons (2004).

Ao englobarmos, na construção do quadro teórico, vários tipos de subculturas, com expressão desportiva ou não, conseguimos obter uma imagem mais abrangente do panorama subcultural e, acima de tudo, descobrir que, apesar das diferenças entre as várias subculturas, existe um conjunto de características que as une. Assim, apercebemo-nos que, quer estejamos a investigar uma forma desportiva ou algum estilo musical, a forma pela qual um membro dessa subcultura entende o mundo e se relaciona com os seus pares e restante sociedade, está organizada segundo um conjunto de princípios que o direccionam para uma forma de pensar, de agir, de comunicar, de se apresentar e de interagir.

A partir do quadro teórico, surge então um sistema categorial, que não é mais do que o conjunto dos princípios organizadores de que falámos anteriormente. Assim, de forma geral, independentemente da subcultura, existe uma ideologia própria, um carácter de resistência social, um conjunto de normas de comportamento em grupo e de construção de uma identidade no seio do grupo, e uma simbologia e estética particular. Numa visão mais

centrada nos desportos alternativos urbanos, verificámos também a existência de uma forma diferente de viver o espaço e uma tendência de pequenos grupos se distanciarem do fenómeno global, à medida que o desporto em questão se torna popular.

Com esta análise cumprimos o primeiro do nosso conjunto de objectivos para este trabalho, isto é, entender quais as características que permitem falar de um desporto enquanto subcutura. Ao analisarmos o parkour no contexto das subculturas urbanas, foi-nos possível identificar quais as características subculturais que se manifestam neste desporto. A principal conclusão a que chegámos é que existem dados suficientes para podermos considerar o parkour como uma subcultura, apesar da sua história recente. Como foi possível apurar no último capitulo deste trabalho, existem já elementos observáveis em todas as categorias que identificámos. Assim, podemos afirmar a existência de uma ideologia própria, de um carácter de resistência social, de um conjunto de normas de construção de identidade e convivência, de uma simbologia e estética específica, de um afastamento em relação ao fenómeno global e de uma relação muito própria com o espaço envolvente.

No que diz respeito à ideologia, o parkour apresenta uma relação com as artes marciais que o diferencia dos outros desportos alternativos ultrapassando o conceito de actividade desportiva ou de lazer, constituindo-se, como uma forma de se relação entre o corpo e o ambiente que rodeia cada praticante. No entanto, verificamos que à medida que este desporto se for tornando mais popular, é de esperar que este siga o rumo dos outros desportos alternativos, permanecendo pequenos grupos como o estudado, os representantes da visão inicial do parkour.

Um aspecto importante, em subculturas como o snowboard ou o skate, é a influência da subcultura punk na ideologia destes desportos. Contudo, em relação ao parkour, devido à sua curta história, não foi possível estabelecer uma relação clara entre um estilo musical e a ideologia desta subcultura. Está presente apenas a ideia de que se dá preferência a ritmos mais enérgicos, podendo ser este facto uma pista para o desenvolvimento de uma futura relação com um estilo musical com estas características. Quanto à ideologia, resta ainda referir que existe desde o surgimento deste desporto uma renúncia à competição formal, que se verifica no grupo observado, mas que parece estar

a desvanecer à medida que as forças de acomodação social se vão fazendo sentir.

A resistência social, como já foi referido, está presente no grupo observado, e expressa-se de diversas formas. A mais notória revela-se na forma como, neste grupo, se tenta conquistar um espaço de expressão que, apesar de não ter um cariz de confronto directo com os valores vigentes, acaba por, inevitavelmente, chocar com a forma como as restantes pessoas vivem o espaço público.

Através da observação participante foi possível viver na primeira pessoa os processos de construção de identidade e a dinâmica de grupo, sendo possível afirmar que não são substancialmente diferentes dos verificados por outros estudos. A competência surge, então, como um factor chave na construção da identidade no grupo. No entanto, perde valor relativamente aos outros desportos face à importância dada ao empenho e dedicação. Assim, este processo está mais encaminhado para uma dinâmica intimamente relacionada com processos de unificação do grupo, havendo, no entanto, lugar para a construção de discursos de maior ou menor autenticidade, dependentes em grande parte do nível de empenho e competência.

Tal como verificámos nas outras subculturas, existe no parkour uma simbologia e estética própria, que diz respeito essencialmente à forma como o traceur se relaciona com o seu corpo em movimento e pela forma como ocupa o espaço de prática. Este é um aspecto que adquire no parkour uma importância maior quando comparada com os outros desportos alternativos analisados. Se, noutros desportos, a estética surgia mais relacionada com o próprio vestuário, sendo este um reflexo da influência de outras formas culturais, como o punk, no parkour, o principal fio condutor é a funcionalidade, sendo possível encontrar, por vezes, semelhanças com o vestuário das artes marciais, essencialmente, através dos símbolos adoptados por grupos internacionais como os Urban Free Flow.

Passando a uma categoria mais observada nos desportos alternativos, o grupo observado demonstrou várias atitudes de afastamento em relação à forma como o parkour parece estar a evoluir a nível global. Assim, parece estar imune aos crescentes indícios da possível existência de um tipo de competição formal. E acima de tudo, como foi verificado, desenvolveu a sua própria

vertente, sem a necessidade de definir se o que faziam era parkour ou free runnig. No centro das preocupações dos elementos deste grupo está a criação de formas alternativas de normas e relações que enfatizem o papel de cada um, sendo que, o mais importante é viver o espaço envolvente da forma que melhor lhes parece na altura, seja através de uma vertente ou outra.

Por fim, no que diz respeito à forma como vivem o espaço de prática, verificámos que existem dois tipos de relação com o espaço. A utilização de espaços menos urbanos está associada à necessidade de um espaço que permita a concentração, por outro lado, a utilização do espaço urbano surge da necessidade de expressão. Isto é, os treinos decorrem em espaços, preferencialmente recatados, onde é possível treinar elementos mais difíceis sem a pressão exercida por observadores externos, mas esta nova forma de viver o meio urbano é expressada na urbe onde os obstáculos abundam e a mensagem pode ser transmitida.

O parkour pertence, assim, à imensidão do espaço urbano, seja por entre os densos espaços urbanizados ou nos seus recatados parques. Este desporto aparece como uma subcultura, que toma a própria dinâmica por si criada como forma cultural, e tem como base ideológica um sentimento de harmonia e união com o espaço de prática que faz com que a sua utilização não se paute pela ruptura com os valores estabelecidos, mas através do seu ganho progressivo.

É na conjugação de todos estes aspectos que ganha vida uma nova subcultura. Definida pelo seu criador, David Belle, como a arte de ultrapassar qualquer obstáculo, o parkour constitui-se, tanto como um novo modo de locomoção, como uma nova forma de interacção com a urbe. Contra imagens de conformidade, regulação e confinamento o parkour surge e modifica a visão sobre a cidade. O corpo torna-se instrumento de liberdade e um meio de redefinir a paisagem urbana. O que antes eram barreiras ou obstáculos tornam-se continuações naturais de ruas ou passeios. Este desporto cria, assim, um mundo paralelo de liberdade de movimento (e expressão) dentro da amálgama de obstáculos e inibições das cidades actuais.

Tendo em conta a curta história deste fenómeno, ficaram várias questões por responder. Não podemos, por exemplo afirmar que existe uma relação vincada com algum tipo de género musical, mas os dados recolhidos

apontam mais para o desenvolvimento dessa relação que para a sua inexistência. Assim, ficará para um futuro estudo verificar de que forma evolui a importância da música no parkour e qual o seu impacto na ideologia da subcultura. No mesmo campo da expressão artística seria pertinente verificar de que forma o parkour e a pintura se relacionam e evoluem e, até que ponto, podem dar origem a uma nova forma de arte. Se no hip hop existe o graffitti como forma expressiva e no skate existe a música punk, talvez não seja assim tão arriscado afirmar que poderá vir a existir um novo tipo de expressão artística associado ao parkour.

Como não existe qualquer tipo de competição formal ficou por saber, também, de que forma reagiriam os elementos do grupo observado a tal facto. Face ao exemplo dos outros desportos alternativos, a única incógnita será quando é se inverterá a situação, isto é, quando é que se tornará a visão mais purista do parkour, a excepção à regra. Neste sentido, poderá verificar-se também uma situação semelhante à verificada por outros autores. Isto é, quanto às alterações que os desportos sofrem no seu processo de massificação, é possível, apesar de tudo, manter parte do espírito inicial intacto. Mesmo na alta competição, por vezes, os melhores atletas não precisam sequer de competir, bastando fazer vídeos ou sessões fotográficas das suas performances. Por conseguinte, dada a espectacularidade do parkour é possível que alguns dos melhores traceurs optem apenas por patrocínios que não exijam a participação em competições, dando, assim, continuidade à renúncia face à competição formal.

Por fim, quanto à forma como o grupo lida com o consumo relacionado com o parkour, sentimos que as atitudes reveladas podem estar condicionadas pela dificuldade de aceder aos produtos em questão. Ficará também, para um posterior estudo, a verificação do nível de renúncia a este tipo de consumo, caso estes produtos estejam disponíveis em qualquer loja de artigos desportivos.

Podemos dizer, então, que este, mais que um desporto, é um fenómeno, que apesar da sua curta história já se encontra imbuído de uma carácter muito próprio, através do qual está a mudar a forma como cada vez mais jovens vivem o espaço urbano, o seu corpo e a relação com a restante sociedade.

Mais do que tentar conseguir uma análise e caracterização completa do parkour, esperamos, tendo em vista o processo evolutivo que este parece estar a sofrer, que este trabalho seja um ponto de partida, não só para o estudo do parkour, mas para a multiplicidade de novas formas desportivas que vemos surgir a cada dia, contribuindo assim, para alargar o conhecimento acerca do fenómeno dos desportos alternativos. Por fim, terminamos sugerindo também a análise deste e de outros fenómenos de características semelhantes à luz dos valores em relação ao corpo trazidos pelo Pós-Modernidade. Esta sugestão aparece, visto que, ao longo do trabalho fomo-nos apercebendo da pertinência desta análise, apesar de não ter sido possível enveredar também por esse caminho, sob o risco nos desviarmos em demasia do rumo que tínhamos traçado.

6 - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

6- REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Albert, E. (1999). Dealing with danger: the normalization of risk in cycling. *Int. Rev. for Soc. of Sport*, *34*(2), 151-171.

Almeida, J., & Pinto J. (197?). *A Investigação nas Ciências Sociais*. Lisboa. Editorial Presença.

Atkinson, M. (2003). The Civilizing of Resistance: Straghtedge Tatooing. [Versão electrónica]. Deviant *Behavior: An interdisciplinary Journal*, *24*, 197-220.

Atkinson, P., Coffey, A., Delamont S., Lofland, J. & Lofland L. (2001). *Handbook Of Ethnography*. London. SAGE.

Bach, L. (1993). Sports Without facilities: The use of Urban Spaces by Informal Sports. [Versão electrónica]. *Internacional Review for the Sociology of Sport, 28,* 281-196.

Baker, B. (2004). *American Sport in the City. The making of an Urban Place.* Dissertação de Mestrado apresentada à School of Architecture and Interior Design da College of Design, Architecture, Art and Planning.

Bardin, L. (1977). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.

Bauman, Z. (1999). Urban spaces war: on destructive order and creative chaos. *Citizenship studies*, *3*(2), 173-185.

Beal, B. (1992). *The subculture of Skateboarding: Beyond Social Resistance.* Colorado. Dissertação de Doutoramento apresentada à College of Health and Human Sciences. Department of Kinesiology and Physical Education.

Beal, B. (1995). Disqualifying the official: an exploration of social resistance through the subculture of skateboarding. *Sociology of Sport Journal*, *12*(3), 252-267.

Best, S., & Kelner, D. (2001). Rap, revolta negra e diferença racial. *Revista de Comunicação e Linguagens – POP*. (Vol.30, pp. 201-224). Lisboa: Relógio D'Água.

Borden, I. (2003). Skateboarding, Space and the City: Architecture and the Body. [Versão electrónica]. Oxford. Berg.

Burguess, R. (1997). *A pesquisa de terreno: uma introdução*. Oeiras: Celta editora.

Butts, L. (2001). "Good to the Last Drop": Understanding Surfers Motivations. [Versão electrónica]. Faculty Department of Land Use and Rural Management. University of Plymouth.

Camy, J., Adamkiewics, E., & Chantelat, P. (1993). Sporting uses of the City: Urban Anthropology Aplied to the Sports Practices in the Aglomeration of Lyon. [Versão electrónica]. *Internacional Review for Sociology of Sports, 28,* 175-185.

Castells, M. (1984). *Problemas de investigação na sociologia urbana*. (3ª ed.). Lisboa: Editorial Presença.

Contador, A., & Ferreira, E. (1997). *Ritmo e Poesia*. Os Caminhos do Rap. 463. Lisboa. Assírio e Alvim.

Contador, A. (2001). *A Música e o Processo de Identificação dos Jovens Negros Portugueses. Sociologia, Problemas e Práticas*, *3*, 109-120.
Contador, A. (2001). A música e o processo de identificação dos jovens negros portugueses. *Sociologia Problemas e Práticas* (36), 109-120.

Crosset, T., & Beal, B. (1997). The use of "subculture" and "subworld" in ethnographic works on sport: a discussion of definitional distinctions. *Sociology of Sport Journal*, 14(1), 73-85.

Dear, M., & Flusty, S. (1999). The postmodern urban condition. In M. Featherstone & S. Lash (Eds.), *Spaces of culture: city-nation-world*. Londres: Sage Publications, pp. 64-85.

Donnely, P., &Young, K. (1998). The constriction and confirmation of identity in sport subcultures. *Sociology of Sport Journal, 5*, 223-240.

Fernandes, A. T. (1999). *Para uma sociologia da cultura*. Porto: Campo das Letras.

Finchman, B. (2007)."Generally Speaking People are an it for the Cycling and the Beer": Bycicle Couriers, Subculture and and Enjoyment. [Versão electrónica]. *The Sociological Review, 55*(2), 189-202

Fischer, C. (1995). The subcultural theory of urbanism: a twentieth-year assessment. *AJS, 101*(3), 543-577.

Fortuna, C. (1999). *Identidades, percursos, paisagens culturais: estudos sociológicos de cultura urbana*. Oeiras: Celta Editora.

Fortuna, C. (2002). Culturas urbanas e espaços públicos: sobre as cidades e a emergência de um novo paradigma sociológico. *Revista Crítica de Ciências Sociais, 63*, 123-148.

Grafmeyer, Y. (1994). *Sociologia urbana*. Mem Martins: Edições Europa-América

Geertz, C. (1996). *La interpretación de las culturas*. Barcelona: Gedisa Editorial

Haupt, A. (1996). Notions of Rupture (or Noise) in Subculture. Documento apresentado em *Procedings of the Fouth Postgraduate Conference,* Bellville.

Guidens, A. (2002). *Sociologia*. 3ª Edição. Lisboa. Fundação Calouste Gulbenkian.

Hollands, R. (1997). As identidades juvenis e a cidade: Newcastle e a cultura Geordie. In C. Fortuna (Ed.), *Cidade, cultura e globalização: ensaios de sociologia.* Oeiras: Celta editora, pp. 207-230.

Hull, S. (1976) *A Sociological Study of the Surfing Subculture in the Santa Cruz Area.* Dissertação de Doutoramento apresentada à Faculty of the Department of Sociology San Jose State University.

Humphreys. D. (1997). Shredheads go mainstream? Snowboarding and alternative youth. *International revue for sociology of sport, 32* (2),147-160.

Hunter, J. (2002) Flying-through-the-air Magic's:skateboarders, fashion and social. [Versão electrónica]. *Shefield Online Pappers in Social Research.*

Jensen, S. (2006). Rethinking Subcultural Capital. [versão electrónica]. *Nordic Journal of Youth Research, 14*(3), 257-276.

Karsten, & L, Pel, E. (2000). Skateboarders Exploring Urban Public Space: Ollies, Obstacles and Conflicts. [Versão electrónica]. *Journal of Housing and Built Environment, 15*, 327-340.

Lawy, R. (2002). Risk stories: youth identities, learning and everyday risk. *Journal of Youth Studies, 5*(4), 407-423.

Lopes, J. (2000). *A Cidade e a Cultura. Um Estudo Sobre Práticas e Culturas Urbanas.* Porto. Edições Afrontamento.

Macdonald, D., McGlone, S., Exton, A., & Perry, S. (2005). A New Skatepark: The impact on the Local Hospital. [Versão electrónica]. *Internacional journal of Care of the Injured, 37,* 238-2432.

Maffesoli, M. (2004). *Société ou communauté. Tribalisme et sentiment d'appartenance*. Consult. 5 de Janeiro de 2007, disponível em http://corpsetculture.revues.org/document520.html.

Merleau-Ponty, M. (1997). *O olho e o espírito*. Lisboa: Veiga

Midol, N. (1993). Cultural Dissidentes an Technical Innovations in the'Whiz'Sports. [Versão electrónica]. *International Review for the Sociology of Sport, 28* (23), 22-32.

Mulder, S. (2002). Injuries Associated with Inline Skating in the European Region. [Versão electrónica]. *Accident Analysis and Prevention, 34*, 65-70.

Nunes, A. (1977). *Questões Preliminares sobre as Ciências Sociais*. 5ª Edição. Editorial Presença. Lisboa.

Nixon, L.(1993). Accepting the risks of pain and injury in sport: mediated cultural influences of playng hurt. *Sociology of Sport Journal*, *10*(2), 183-196.

Nixon, L.(1996). Explaining pain and injury attitudes and experiences in sport in terms of gender, race, and sports status factors. *Journal of Sport and Social Issues*, *20*(1), 33-44.

Nunes, A. (1981). *Sobre o Problema do Conhecimento em Ciências Sociais. Materiais de Uma Experiência Pedagogia*. 5ª Edição. Lisboa. Instituto de ciências sociais. pp. 13-37.

Pais, J. M. (1996). *Culturas juvenis*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda.

Pais, J. M. (1998). Introdução. In J. M. Pais (Ed.), *Gerações e valores da sociedade portuguesa*. Lisboa: Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, pp. 17-58.

Pais, J., Carnins, D. & Pappámikail, L. (200?). Jovens europeus : retrato de diversidade. *Tempo Social, 2* (17), 109-140.

Pais, J. M. (2003). Grupos juvenis: condutas e imagens. In M. Cabral & J. Pais (Eds.), *Condutas de risco, práticas culturais e atitudes perante o corpo.* Oeiras: Celta Editora, pp. 367-412.

Palmer, C. (2002). "Shit Happens": The Selling of Risk in Extreme Sport. [Versão electrónica]. The Australian Journal of Anthropology, 13.

Pereira, A. (2004). *Para uma visão fenomenológica do corpo contemporâneo : contributo a partir do alpinismo e das ginásticas de academia.* Porto. Dissertação de Doutoramento apresentada à Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física da Universidade do Porto

Pires, R. (2007). Parkour – Corpo e Espaço. [Versão electrónica]. *Revista Horizonte, 126*(11), 16-18.

Pike, E. & Maguire, J. (2003). Injury in women's sport: classifying key elements of 'risk encounters'. *Sociology of Sport Journal*, 20, 232-251.

Queirós, P. (2002). *O Corpo na educação física: leitura axiológica à luz de práticas e discursos.* Porto. Dissertação de Doutoramento em Ciências do Desporto apresentada à Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física da Universidade do Porto

Quivy, R.; Campenhoudt, L. (1998). *Manual de investigação em ciências sociais.* 2ªed. Lisboa: Gradiva.

Ralph C. Wilcox, David L. Andrews, Robert Pitter, & Richard L. (2003). Irwin Sporting Dystopias: The Making and Meaning of Urban Sport Cultures. Hardcover.

Reese, R. (1998). From the Fringe: The Hip Hop Culture and Ethnic Relations. Documento apresentado em Far West Popular Culture Conference. [S.l.].

Resende, J., & Vieira, M. (1992). Subculturas juvenis nas sociedades modernas : os hippies e os yuppies. *Revista Crítica de Ciências Sociais* (35), 131-147.

Rinehart, R. (1998).Inside of the outside: Peecking Orders Within Alternative Sport at ESPN's 1995 "The Extreme Games". [Versão electrónica]. *Journal of Sport and Social Issues, 22*, 398-415.

RYU, A. (2005). A Semiotic Study on the Transworld Skateboarding Magazine. [Versão electrónica]. *Semiótica, 157*(1/4) , 305–313.

Sassen, S. (200). New frontiers facing urban sociology at the millennium. *British Journal of Sociology, 51*(1), 143-159.

Silva, A. (1994). *Tempos cruzados: um estudo interpretativo da cultura popular.* Porto: Edições Afrontamento.

Silva, A. (1995). *Politicas culturais municipais e animação do espaço urbano: uma análise de seis cidades portuguesas*. Documento apresentado em *Cultura e Economia*, Lisboa.

Stephens, J. (199?). Anti-disciplinary protest: sixties radicalism and postmodernism. Cambridge university press. Cambridge.

Steyn, D. (2004). The Body in Public Culture: Skateboarder. [Versão electrónica]. *Postamble, 1* (1), 12-18.

Timothy, J., Kent, S. & Rachel, A. (2004). *High Stakes: Bigtime Sports & Downtown Redevelopment (Urban Life & Urban Landscape).* Ohio. The Ohio State University Press.

Vala, J. (1986). A análise de conteúdo. In J. Madureira Pinto (Ed.), *Metodologia das ciências sociais*. Porto: Edições Afrontamento, pp. 101-128.

Vaske, J., Dyar, R. & Timmons N. (2004). Skill level and recreation conflict among skiers and snowboarders. *Leisure Sciences, 26*, 215-225.

Weller, W. (2005). A Presença Feminina nas (Sub)Culturas Juvenis: A Arte de se Tornar Visível. [Versão electrónica]. *Estudos Feministas, 13*(1), 107-126.

Wheaton, B. (2000). "Just Do It": Consumption, Commitment, and Identity in the Windsurf Subculture. *Sociology of Sports Journal, 17,* 254-274.

Wheaton, B., & Beal, B. (2003). Keeping it real: subcultural media and the discourses of authenticity in alternative sport. *Int. Rev. for Soc. of Sport, 38*(2), 155-176.

Williams, T & Donnelly, P. (1985). Subcultural production, reproduction and transforming climbing. *International revue for sociology of sport, 20* (1-2), 3-17.

Wilkinson, A. (2007). No Obstacles. [Versão electrónica]. *New Yorker, 83*(8).

Wilson, B. (2006). Ethnography, the Internet, and Youth Culture: Strategies for Examinig Social Resistance and "Online-Offline" Relationships. [Versão electrónica]. *Canadian Journal of Education, 29*(1), 307-328.

Woolley, H. & Johns, R. (2001). Skateboarding: the city as a playground. *Journal of Urban Design, 6(*2), 222-230.

Yinger, J. M. (1960). Contraculture and subculture. *American Sociological Revue 25* (5), 625-635.

Young, K., Mcteer, W. & White, P. (1994). Body talk: male athletes reflect on sport, injury and pain. *Sociology of Sport Journal*, 11, 175-194.

- Páginas de Internet

Airlight. devoted to alternative sports in Scotland. Consult Abr 2007. Disponível em http://www.bbc.co.uk/scotland/sportscotland/airtight/bmx/interviews

Art of Movement.Consult. Abr 2007. Disponível em brhttp://pagesperso-orange.fr/le.parkour/english/ - le parkour.

Breaking down barriers and educating people through movement. Consult. Jan 2007. Dísponivel em www.urbanfreeflow.com

BMX and the city. Consult Mar 2007. Disponível em http:// www. Manchester eveningnews .co.uk/entertainment/theatre_and_dance/s/211/211776_bmx_and_the_city.html

Bmx FAQ. Consult. Mai 2007. Disponível em www.stmichaelregionalbmx.com/bmx_faq

DavidBelle.com. Consult Abr 2007. Disponível em http://kyzr.free.fr/davidbelle Extreme Sports Terminology The Index for Extreme Sports Terminology and Glossary Listings. Consult. Abr 2007. Disponível em http://extremesportssuite101.com/article.cfm/

Il portale del parkour in Italia. Consult Mar 2007. Disponível em www.parkour.it

On avance toujours. Consult. Mar 2007. Disponível em www.parkour.pt

Parkour.NET forum. Consult Abr 2007. Dísponivel em www.parkour.net

Portal Radical. Consult Mai 2007. Disponível em http://www.portalradical.iol.pt

PUNK! Echoes of a Chiang Mai subculture. Consult Mar 2007. Disponível em http://www.chiangmainews.com/indepth/details.php?id=1889

Parkour south Africa. Consult. Mar 2007. Disponível em www.parkour.co.za

Uk parkour association. Consult. Fev 2007. Disponível em http://parkouruk.proboards24.com/index.cgi -

Site officiel de Sébastien Foucan. Consult Abr 2007. Disponível em http://www.foucan.com/

Spring outdoor adventures. Consult. Mai 2007. Disponível em www.ffwdweekly.com/Issues/1999/0520/in.html

Social identity theory. Consult. Fev 2007. Disponível em www.tcw.utwente.nl/theorieenoverzicht/Theory%20clusters/Interpersonal%20Communication%20and%20Relations/Social_Identity_Theory.doc/

Subculture FAQ. Consult. Fev 2007. Disponível em www.sonlifeafrica.com/model/subcult5

Welcome to the World of Parkour. Consult. Abr 2007. Disponível em www.parkour.us

ANEXOS

ANEXOS

ANEXO I – SISTEMA CATEGORIAL

Análise de conteúdo do Diário de Campo

Ideologia

Dia	Unidade de Contexto
06/04/07	Falámos um pouco do sítio para onde iríamos treinar e dos encontros com outros grupos de Parkour, nomeadamente de Aveiro e do Porto, o que me mostrou o seu interesse por conhecer as várias pessoas praticantes desta actividade, não pela **competição**, mas pelo convívio e oportunidade de aprender novas manobras. Apercebi-me de imediato, entre as conversas, do gosto do grupo por **videojogos**, facto que não se mostrou, pelo menos de uma forma mais imediata, muito relevante, já que este gosto já não se restringe a nenhum grupo específico, podendo ser observado em qualquer grupo de jovens, sendo até a barreira da idade, hoje em dia, quebrada. O Parkour consiste em percorrer um percurso da forma mais rápida e eficaz possível, **sem** que haja grande **preocupação estética** na forma como se ultrapassam os obstáculos. O Free-Running assume uma componente **mais estética** do mesmo objectivo, sendo importante ultrapassar os obstáculos com estilo. Por fim, o Tricking consiste em utilizar as barreiras naturais ou artificiais para a realização de **acrobacias**. O grupo acaba por afirmar que pratica essencialmente Parkour, mas sem que existam restrições quanto ao treino de elementos das outras vertentes. De facto, apesar do pouco tempo de convivência com o grupo, apercebi-me já que parecem não existir muitas das barreiras criadas pelos adolescentes quanto à aparência, estatuto sócio-económico, ou grau de escolaridade. A essa chamada de atenção responderam de uma forma que me surpreendeu, propondo-se a fazer **voluntariado** na preservação do espaço, ganhando assim a confiança das pessoas que frequentam o local. Continuamos aquele que se tornaria um longo caminho de contínua **deambulação** por todo o espaço procurando novos desafios. O novo lugar era bastante mais escondido, sendo essa faceta apreciada pelo grupo, que agora, podia treinar sem que ninguém os incomodasse. **Sem** treinador, sem líder, sem alguém que me dissesse como, lá fui passando os meu obstáculos perseguido o grupo. Apesar de em grupo, o Parkour assume uma forma muito individual, visto que todos os elementos vão (...) aprendendo individualmente a lidar com o risco e a superar os próprios medos. Neste sítio, já pude observar, apesar de "Xavi" afirmar que estas manobras eram de Parkour, alguns elementos com características estéticas mais complexas, e mais aproximadas às utilizadas no Free Running.
14/04/07	Climb afirma ter visto no dia anterior um vídeo "do pessoal de Lisboa", os quais Xavi afirma estarem "uns **vendidos**". A busca pela visibilidade ou pelo lucro relacionado com o Parkour é renunciado por todo grupo. Esta situação revela um conjunto de ideias contraditórias por parte do grupo. Por um lado, concordam com a divulgação

14/04/07	do Parkour, mas por outro temem que uma demasiada exposição venha tirar pureza ao espírito com que se pratica esta actividade nos dias de hoje. Este sentimento é partilhado por grupos de outras subculturas, como a do skate, onde o aumento da popularidade trouxe para a prática um público que em nada se relacionava com a ideologia por detrás do desporto. A ideia de abrir uma loja especializada em material relacionado com o Parkour comprova isso mesmo. A ideia do grupo é de manter o Parkour **dentro** do grupo, pelo menos nos Carvalhos, onde não reconhecem a existência de outros grupos, servindo a loja, o objectivo de ir ao encontro das suas necessidades como praticantes. Pelo caminho encontrámos graffitis realizados por alguns elementos do grupo, facto que revelou a primeira relação de alguns elementos do grupo com outras subculturas, neste caso, com o **Hip Hop**. O clima de entreajuda permite a todos evoluir sem grande pressão, visto que o factor competição assume uma importância **reduzida** ao longo do treino. Lembrei-me de perguntar se Foot estava melhor, o que em pouco tempo levou a uma conversa acerca da relação que o grupo tem com as lesões. Esta é um pouco antagónica, na medida em que, não sendo bem-vindas, as **lesões** são um símbolo de empenho e de atitudes desafiadoras face ao risco.
28/04/07	Jump aproveitou para explicar que Piri, também não estaria presente porque tinha ido ver um concurso de breakdance, facto que, mais uma vez, confirmou a relação com o hip hop por parte de alguns elementos do grupo. Um tópico que se começa a afigurar constante é o dos computadores. Desde jogos a trabalhos realizados pelos membros que estão na área de Artes do ensino secundário, passando pelo hacking, vários são os temas discutidos relacionados com a informática. Como de costume, quando um obstáculo deixa de apresentar um **desafio** passamos para outro, e foi o que fizemos. Aproveitámos para **filmar** algumas sequências realizadas com todos os elementos do grupo até que, finalmente nos demos por vencidos pelo cansaço.
06/07/07	No caso dos presentes, era o exame de geometria descritiva cuja nota tinha saído neste dia e ainda nenhum dos elementos a sabia. Entretanto, talvez para afastar a ansiedade sentida em relação ao exame, veio à conversa o tema já habitual da informática. A conversa foi animada porque ao pensarmos sobre o assunto apercebemo-nos que existem jogos onde os heróis transportam armas enormes em locais impossíveis, servindo este momento para constatar que os elementos do grupo têm um grande **espírito crítico** quanto ao entretenimento virtual e não uma adoração cega. Nesta altura, Xavi descobre uma gap e desafia Jump a ultrapassá-la. Este aceita o desafio e com aparente facilidade ultrapassa o obstáculo proposto por Xavi, que, em

06/07/07	brincadeira, lhe propõe uma competição para ver quem consegue ultrapassar mais rapidamente aquele obstáculo. À **competição** Jump responde com uma **repreensão** em tom de brincadeira: "Aqui não há competições, isto é Parkour!". Apesar de ter sido uma situação de brincadeira, esta serviu para confirmar a relação que os elementos do grupo têm com a competição, negando-a até em momentos onde esta não assume um carácter formal. Assim, a relação de alguns membros do grupo com o hip hop voltou a confirmar-se quando Jonh referiu gostar de SP & Wilson e do seu novo videoclip. Já Xavi, parece seguir um pouco mais o estilo rock, ao referir que tem todos os álbuns de Incubus menos o primeiro. Durante a conversa foi revelada a relação que quase todos os elementos do grupo têm com as **artes marciais**. Este aspecto é interessante, na medida em que isso é algo que já tinha verificado noutros grupos quando fiz uma pesquisa nos fóruns dos sites de parkour. Essa relação com as artes marciais vem do facto de os seus criadores serem ambos praticantes de artes marciais. A influência das artes marciais nos criadores deste desporto nota-se essencialmente na atitude disciplinada com que treinam e encaram a sua actividade. Apesar de ser um desporto de lazer, e sem carácter competitivo, esta atitude é possível observar nos elementos do grupo na forma como abordam cada obstáculo e na relação que tem com a envolvencia, tentando preservar e respeitar um espaço que, mais do que o seu local de treino, é um local de passagem da população local no seu quotidiano. A conversa sobre as artes marciais acabou por ter referências acerca de certos filmes, o que permitiu a vários elementos do grupo revelarem uma relação com a cultura cyberpunk. De facto os conhecimentos que tinham relativamente a estes filmes eram relativamente aprofundados, reforçando a relação que têm com o mundo informático.
14/07/07	Tinham bonés novos que fizeram furor entre os restantes, apesar de, insistentemente, ambos terem referido que tinham sido comprados na **feira** por cinco euros. De facto, este primeiro local de paragem começa a perder interesse à medida que todas as possibilidades de uso vão sendo ultrapassadas. Pelo caminho Piri ia cantando canções dos Dealema, demonstrando o seu interesse pelo hip hop. Mais uma vez, no caminho ouvia-se hip hop cantado por Piri, mas desta vez acompanhado por John. No final, Xavi revelou que estava muito contente com este treino pois, apesar de mais pequeno em duração foi mais intenso e mais contínuo, permitindo treinar a **fluidez** na deslocação. Todos concordamos que os próximos treinos deveriam ser mais semelhantes a este.
24/07/07	A L12 acostumada aos obstáculos do Santuário da Sra da Saúde especializou-se, ao longo do tempo, na vertente menos acrobática deste desporto, já que o local da prática em nada incentiva a prática de acrobacias. Por outro lado, os elementos da Povoa do Varzim, não tendo muitos spots na sua cidade aproveitaram a proximidade da praia para treinar os elementos mais acrobáticos fazendo uma transferência mais segura da areia para o cimento. Desta forma, a L12 sentiu-se, inicialmente intimidada, visto que, como estávamos perto da praia, os restantes elementos aproveitaram um pequeno muro a cerca de um metro de altura da areia para fazerem uma série de saltos acrobáticos para a areia que deixaram todos de boca aberta. Este foi o momento em que gerou alguma tensão, porque, ao verem

24/07/07	semelhantes espectáculo, os elementos da L12 decidiram voltar as suas atenções para o muro que se encontrava mais acima demonstrando aí os elementos com os quais se sentiam mais confortáveis. Desta forma, inicialmente a jam estava dividida, com parte dos elementos junto à areia realizando saltos acrobáticos e a outra parte junto ao muro do lado oposto realizando vários saltos. A frustração da L12 espelhou-se nas palavras de Xavi: "**eles só fazem tricking**". De facto, no parkour, quando alguém se dedica demasiado à componente acrobática é visto como se não entendesse o sentido do parkour, ou seja, ir de "a" a b" da forma mais rápida e fluida possível. No entanto, era bem claro que a afirmação de Xavi espelhou mais frustração por não conseguir realizar aqueles elementos do que propriamente renuncia ao tricking. Mais uma vez, foi uma oportunidade de **trocar** experiências, havia sempre alguém que sabia fazer algo que outros não sabiam e tentava, da melhor maneira, explicar a forma mais eficaz de o conseguir. Foi interessante observar a forma como nos juntávamos todos em redor de algum obstáculo mais difícil discutindo a melhor forma de o ultrapassar.
28/07/07	Enquanto estávamos sentados Piri cantava algo que não reconhecia. Facilmente se percebia que era hip hop, mas como não conhecia a canção decidi perguntar-lhe de que grupo era. Foi desta forma que fiquei a saber que a canção era sua, Piri gostava de escrever letras de canções de hip hop, ficando prometido que me mostraria a sua *demo*. Enquanto falava com Noob disse-me que já tinha praticado vários desportos alternativos e que, actualmente, praticava BTT e Bodyboard. Será interessante observar, caso este elemento continue a comparecer aos treinos, a articulação que pode existir entre o parkour e outros desportos alternativos.
02/08/07	Se estas presenças mais **recentes** nos treinos se vão manter é difícil de prever visto que, inicialmente, todos demonstram um grande entusiasmo. No entanto, um factor comum é a **intenção** de praticar o parkour meramente como uma actividade **lúdica** e nada mais, facto que a longo prazo poderá colidir com os ideais desenvolvidos pelos elementos mais antigos do grupo.

Resistência social

Dia	Unidade de Contexto
14/04/07	Contrariamente ao que eu esperava, não fomos para a Senhora da Saúde como no treino anterior, mas o grupo decidiu fazer uma incursão pelo centro dos Carvalhos. A razão apontada foi a possibilidade de me mostrarem os lugares onde já tinham estado e onde começaram a sua prática do Parkour. Na verdade, a excitação partilhada pelo grupo evidenciava algo mais. Demonstrava, juntamente com os discursos entusiasmados, relativos aos confrontos que tinham tido anteriormente naquele lugar, que a prática num lugar calmo é muito boa, mas a sensação de **desafiar** as regras é algo que ainda não se esqueceram. O desafio criado pelo grupo gera-se pelo simples facto de estarem presentes naquele sítio utilizando uma locomoção diferente dos demais. Não tivemos qualquer tipo de comportamento desafiador, nem era necessário. Bastava estarmos lá para que ninguém ficasse indiferente à nossa presença. Como já me tinha apercebido no primeiro treino, ninguém procura o confronto ou o desafio directo das regras.

14/04/07	Climb afirma ter visto no dia anterior um vídeo "do pessoal de Lisboa", os quais Xavi afirma estarem "uns **vendidos**". A busca pela **visibilidade** ou pelo lucro relacionado com o Parkour é renunciado por todo grupo. Esta situação revela um conjunto de ideias contraditórias por parte do grupo. Por um lado, concordam com a divulgação do Parkour, mas por outro temem que uma demasiada exposição venha tirar pureza ao espírito com que se pratica esta actividade nos dias de hoje
24/07/07	Junto aos edifícios existem escadarias corrimões e vários muros que serviam para dividir diversos espaços, sendo portanto, um espaço com muito potencial para a prática do parkour. Neste primeiro lugar não foram precisos mais de 10 minutos para que um dos porteiros dos apartamentos nos viesse avisar que não podíamos estar naquele local a treinar. A reacção do grupo não foi negativa, mas decidiram não abandonar o local numa tentativa de **testar** a determinação do porteiro. Na realidade, não havendo qualquer sinal proibindo qualquer tipo de actividade naquele local, sentiam-se no direito de o explorar como bem entendiam, até porque não estavam a causar quaisquer danos materiais. No entanto, os danos causados na sensibilidade do porteiro foram suficientes para que voltasse ao lugar, e agora com um tom mais ameaçador, nos mandasse embora daquele local. Enquanto procurávamos um novo local cada grupo ia contando os inúmeros **confrontos** com os vários porteiros avessos ao Parkour, demonstrando que aquela era uma situação em relação à qual estavam acostumados. Acabámos por rodear o prédio e deparámo-nos com um espaço igualmente convidativo e, aparentemente, escondido o suficiente para que não fossemos incomodados. Este local não estava à face da rua e tinha, do outro lado da rua, edifícios abandonados, por isso não havia razão para se pensar que estaríamos a incomodar alguém. Realmente, conseguimos treinar durante mais algum tempo, mas infelizmente, um outro porteiro veio dizer-nos que não podiamos estar naquele local. Nesta altura, a minha capacidade de controlo para não intervir estava a atingir o seu limite, no entanto tentei mantê-la para observar a forma como normalmente resolvem este problemas. O grupo percebeu que naquela zona não iriam poder treinar e decidimos novamente procurar um local. Apesar de acatarem as ordens sem grande resistência acabaram por demonstrá-la no caminho de volta. Quase espontaneamente, sem que ninguém dissesse nada, começaram em corrida lenta a utilizar tudo o que podiam para treinar. Tinham a consciência que não podiam estar num local durante muito tempo, mas em constante movimento, não havia porteiro que os apanhasse e, na altura que desse pela nossa presença já estaríamos a sair da sua "jurisdição". Foi divertido observar a forma como os observavam agora impotentes enquanto explorávamos incansavelmente todo o átrio do prédio. É interessante observar, que em qualquer treino existe sempre alguma ocasião em que a sociedade é **enfrentada**, no entanto, estes são momentos curtos, pois exigem muito fisicamente. É neste confronto que parecem divertir-se mais, que os sorrisos estão continuamente estampados nas suas faces
02/08/07	Quando chegámos ao local apercebemo-nos da grande quantidade de pessoas que ali estavam devido aos festejos que anualmente ocorrem põe esta altura, facto que, como é habitual, deixou alguns elementos pouco à vontade. Mais uma vez, a presença de um grande número de pessoas iria aumentar a intensidade do treino, que não seria possível manter durante muito tempo devido ao calor que parecia ainda mais intenso naquele local. O treino acabou por parecer uma fuga ao que se passava em redor.
18/08/07	Enquanto treinávamos várias pessoas passaram no local, mas sem levantar qualquer problema, apesar do olhar de **estranheza** de algumas. Depois de explorado o mosteiro partimos para a junta de freguesia, onde se notou

18/08/07	uma forte componente de **desafio** à autoridade pois já tinham sido expulsos anteriormente daquele local anteriormente. A excitação estava bem patente na forma como de apressavam para chegar ao local, e pela forma como, mal chegaram, iniciaram de imediato uma série de manobras, como se tentassem aproveitar o local ao máximo antes que alguém reparasse.
04/09/07	De notar ainda um pequeno confronto com uma pessoa que queria insistentemente que saíssemos do local. Pela primeira vez, assisti a uma reacção mais activa do grupo que, ao ser tratado de forma injusta, se insurgiu e fez questão de deixar bem claro que não abandonariam o local, nem mesmo quando a pessoa em questão ameaçou chamar a polícia. Como justificação da sua permanência referiram que não estavam no santuário, mas sim nos jardins, e como não estavam a danificar nada, nem a desrespeitar o cariz religioso do local, não havia razão nenhuma para saírem dali A persistência compensou e a pessoa acabou por ir-se embora. Continuámos a treinar no local, até que, mais tarde a mesma pessoa voltou, agora com um tom menos ameaçador, para nos avisar que no carro que passava à nossa frente seguiam policias "à paisana". Facto em relação ao qual o grupo reagiu com indiferença, já que, se havia alguém a fazer algo de mal era o grupo de amigos, que escondidos fumavam "charros". Mais o vez o homem retirou-se, desta vez para não nos voltar a incomodar.

Dinâmica de grupo e construção da identidade

Dia	Unidade de Contexto
06/04/07	Xavi, como mais tarde se confirmou, foi o elemento que se mostrou mais disponível, talvez por ser também quem ultrapassou mais rapidamente a barreira da comunicação, já que tínhamos falado anteriormente várias vezes através do "messenger". Ao ver a **receptividade** de Xavi, o resto do grupo sentiu-se mais confortável e, na verdade, passados dez minutos, eu já não me sentia um elemento estranho, o que foi bastante mais rápido do que seria de esperar. O tema da escola acaba por fazer lembrar que "Piri", um dos elementos mais novos do grupo, já não estuda, mas trabalha numa oficina automóvel. Este facto é encarado com muita naturalidade por todo o grupo. O grupo parece **coeso**, mas encontra-se frequentemente dividido. É na realidade uma dispersão dentro do grupo que é difícil de descrever, visto que as trocas de informação se fazem paralelamente e os vários temas unem-se e separam-se constantemente, no entanto esta é uma primeira impressão resultante apenas deste treino, sendo necessário observar mais aprofundadamente a relação entre os vários elementos do grupo. Sem treinador, sem líder, sem alguém que me dissesse como, lá fui passando os meus obstáculos **perseguindo** o grupo. Esta é, realmente a prova que quem inicia esta actividade tem que passar. Todos os outros são perfeitamente **autónomos**. Ninguém pergunta como ultrapassar determinado obstáculo. Se não se consegue de uma forma consegue-se doutra. Desta forma um elemento iniciante vai vencendo, obstáculo a obstáculo, as dificuldades iniciais até conseguir acompanhar o grupo nos seus próprios percursos. Quando finalmente parámos, chegou a altura de contar a experiência passada durante o trilho. Agora os rostos enchem-se de entusiasmo ao contar como conseguiram saltar aquela "gap" ou subir aquela parede. É aqui que o grupo assume a sua função. Os intervalos servem para descansar fisicamente e conviver

06/04/07	desenvolvendo os **laços** que os desafios encontraram desenvolveram. Esta primeira paragem serviu também para me perguntarem como é que me estava a sentir e para me garantirem que o próximo no sítio iriam procurar obstáculos onde eu pudesse treinar os elementos mais básicos. "Foot", um dos elementos mais novos e também o elemento para quem o risco apresenta menos desafios, resolveu saltar uma "gap" Depois de aterrar na pedra, perdeu imediatamente o equilíbrio e caiu desamparado no chão torcendo o pé. Passados dois minutos já estava bom e pronto para outra. Com o descanso feito, e o pé de "Foot" recuperado, partimos para o segundo lugar. (importância de saber lidar com as **lesões** e com o **risco**) Mais uma vez, pouca conversa houve enquanto testávamos as nossas capacidades. Quando finalmente decidi experimentar algo mais desafiador deram-me o seguinte conselho: "se ficas a pensar muito na cena depois não consegues fazer". Aquele, ao que pareceu, era o salto que faltava para concluir a minha iniciação. As palavras de **incentivo** vindas de todo o grupo foram, obviamente, bem recebidas fazendo-me sentir bastante mais confiante.
14/04/07	Sou logo surpreendido com um Dvd entregue por Xavi com vários vídeos de Parkour gravado especialmente para mim, o mais recente membro do grupo Por último chega Pir,i completando o grupo de hoje, já que a lesão de Foot no treino passado não tinha sido assim tão leve, impedindo-o de treinar hoje (demonstra a importância que deu à **desvalorização** da lesão – ver a ideia de cultura de risco no desporto). Mesmo para mim foi fácil ultrapassar os obstáculos deste primeiro local, e acabou por ser um factor motivador, já que no treino anterior fiquei várias vezes a olhar pasmado para o que eles faziam. Agora encontrava-me bem mais activo, fluindo com o **grupo** por entre toda aquela floresta de aço e betão (importância de adquirir o **ritmo** de grupo). Estes corrimões estavam a cerca de dois metros de altura permitindo realizar uma volta de 360º após a sua passagem em salto, que apenas Xavi e Stomp se atreveram a realizar. De notar que estas acções permitem consolidar **posições** no grupo. Mal chegámos, deparo-me com uma espécie de varandim a cerca de quatro metros de altura, o qual Climb, sobe com relativa facilidade. O objectivo, mais do que apenas subir é saltar daquela altura. Aqui as coisas complicam-se, pela primeira vez vejo os elementos do grupo realmente hesitantes. Climb está bastante inseguro quanto ao salto e os restantes elementos **aconselham-no** a descer. Qual não é o meu espanto quando Xavi e Climb sobem o muro, saltam para o telhado e preparam-se para saltar e agarrar-se à beira do muro na parte mais alta. O que se seguiu foi uma das coisas mais impressionantes que já vi. Foi algo que não os imaginava a fazer e tornou-se, sem qualquer dúvida, o meu grande objectivo (o mesmo se deve ter passado com os restantes; são atitudes deste tipo que consolidam uma posição no grupo), Piri estava a milímetros de conseguir passar a rocha daquela forma. Os próximos 15 minutos foram passados naquele local com todo o grupo a **incentivar** Piri que estava tão perto de conseguir realizar o Wallspin Consegui um Wallspin numa rocha um pouco menos vertical que a de S. Barto, o que me permitiu treinar o elemento várias vezes até finalmente conseguir. O meu sucesso é sempre muito bem recebido por todo o grupo, aumentando a minha

14/04/07	confiança. Mais à frente havia um local onde Xavi decidiu fazer um wallspin (este foi o treino dos wallspins). Era um sítio no mínimo suspeito, já que só parte da rocha estava a descoberto, estando toda a parte superior (por onde deveriam passar as pernas), coberta de cactos (contínua procura de locais improváveis - consolidação da posição – motivação do grupo).
28/04/07	Enquanto esperávamos pelo elemento que faltava, decidimos aquecer um pouco. O que se tinha passado no treino anterior repetiu-se, ou seja, o treino consistiu numa série de saltos sobre os muros que rodeavam o local onde estávamos. Pessoalmente, aproveitei esta oportunidade para treinar e aperfeiçoar alguns dos saltos que tinha aprendido no último treino (nestas alturas, quando alguém fica **parado** é imediatamente incentivado a **participar**), Enquanto conversávamos, reparei que a t-shirt de Xavi continha, entre vários desenhos, as palavras Parkour e Legião XII. Fiquei a saber então que o grupo onde estava a treinar tinha um nome, Legião XII, devido ao número de membros que existiam na altura em que o grupo foi baptizado. Desde logo foi-me prometida uma t-shirt, na próxima vez que mandassem fazer mais. À chegada relembramos a pouca sorte de Climb que caiu sobre os cactos, e decidimos voltar a **abusar** da sorte sobre aquela rocha, não havendo, desta vez, os mesmos azares que na primeira (necessidade de confrontar continuamente o risco). A distância não preocupava ninguém, mas a altura deixou-nos apreensivos. **Apenas** Xavi e Jump arriscaram saltar, enquanto os restantes engoliam em seco e diziam: "fica para a próxima" Pouco tempo depois, olhei para Jump e este estava com um ar muito concentrado, em cima de um rocha que estava a uma altura pouco superior à da base da mesa, mas muito longe da mesma. Aqui **só** Jump teve sucesso e os restantes nem se atreveram a tentar...era realmente intimidante. Assim, enquanto alguns tentavam ganhar coragem, outros iam explorando os locais em redor, acabando o grupo, por passar bastante tempo neste local. Esta situação foi particularmente esclarecedora relativamente à forma como os elementos do grupo lidam com o risco. Aqueles que conseguem ultrapassar os obstáculos mais complicados têm como principal preocupação ajudar os colegas a conseguir o mesmo. De facto, é muito valorizada a capacidade de todo **o grupo** ser capaz de realizar algo de forma a que se crie um movimento ininterrupto de passagem sobre um determinado obstáculo. Assim, mais do que a construção de "heróis" dentro do grupo, tenta-se construir um grupo capaz de ultrapassar, um conjunto, os obstáculos que surgem.
06/07/07	O último treino em que estive presente tinha sido há mais de um mês, e como tal estava curioso para ver os efeitos resultantes de tanto tempo sem estar com os outros elementos do grupo. Será que as relações entre mim e os restantes membros voltaram ao ponto de partida? A forma como se relacionavam comigo foi até mais positiva, já que pareciam estar contentes por, finalmente, ter voltado aos treinos. Fiquei a saber que este tem sido o elemento que mais tem treinado, já que tem bons locais perto do sítio onde vive e aproveitou para treinar um pouco mais agora que está de férias. Este facto vem de encontro ao que já tinha observado desde o primeiro treino, ou seja, a **motivação** e o **empenho** pode diferir de elemento para elemento. Enquanto uns vão treinar essencialmente pelo convívio com os colegas, outros parecem procurar, também, melhorar efectivamente as suas capacidades de "traceur". Stan, o elemento que conheci hoje, procura unicamente o convívio, já que faz parte do grupo há cerca de um ano e, segundo os restantes elementos do

06/07/07	grupo, nunca treinou realmente (no entanto acaba, inevitavelmente, por ficar um pouco **de parte**). Quando chegámos ao primeiro spot pude constatar que não estou tão mal como pensava, e apesar da lesão no tornozelo consegui fazer uma série de muito boa naquele local (acabo por sentir eu porópria a pressão para desvalorizar a lesão). Mais à frente, encontrámos a mesa de piquenique que tinha intimidado os elementos do grupo no último treino. Os elementos que tinham ultrapassado os obstáculos mais difíceis deste local experimentaram uma ou duas vezes, para confirmar que continuavam a conseguir ultrapassá-los, e os que não conseguiam, continuaram a pensar que era demasiado arriscado, para já, tentar algo que requeria um pouco de mais experiência. O resto do grupo estava a ficar cada vez menos activo devido ao calor, o que levou **Xavi** a **comprar** uma garrafa de água para refrescar o grupo. Assim, toda a gente aproveitou para descansar um pouco. Face à sugestão de começarmos a variar os locais de treino, todos os elementos reagiram bem e demonstraram entusiasmo quanto à possibilidade de treinar noutros locais.
14/07/07	Pelo caminho as diferenças de Boss em relação ao resto do grupo foram-se revelando. A mais notória é, sem dúvida, a sua linguagem. As expressões, a colocação da voz, a forma com gesticulava enquanto falava, distinguiam-no dos restantes. Estas diferenças não eram algo que o distanciavam do grupo, já que todos achavam piada à quantidade de novas expressões que se podiam escutar sempre que Boss falava. Partimos agora, para uma zona de piqueniques envolvida por uma grande quantidade de árvores e rochas de grande dimensão. Aqui todos se divertiram muito enquanto treinavam. Com tantos obstáculos de tantos tamanhos e formas, não havia ninguém que não tivesse a tentar ultrapassar o seu próprio desafio **pessoal**. Já em treinos anteriores Xavi e Jump tinham aproveitado o espaço existente entre duas rochas para o saltar. O desafio surgiu quando Boss decidiu saltar. Nesta altura pensei que, se uma pessoa que não pode utilizar os braços como forma de se equilibrar ou segurar consegue saltar, eu também o deveria conseguir fazer. Assim, subi a rocha e sem pensar muito nisso saltei. Realmente, não era muito diferente de todos os outros saltos que fiz. O ponto de queda é mais pequeno, mas revelou-se mais que suficiente para uma "aterragem " segura. A partir deste momento senti-me mais confiante e tentei mais dois ou três saltos em locais onde anteriormente não tinha tido coragem, com o ponto positivo de todos terem corrido bem.
18/07/07	Mal chego ao ponto de encontro tenho uma surpresa agradável, a presença de dois elementos femininos no grupo. Xavi tratou das apresentações e explicou que apenas Shorty iria treinar, e a amiga estava lá a acompanhá-la Assim, o aquecimento foi invulgarmente agitado, com todos os elementos do grupo mais activos do que é habitual. No entanto, o entusiasmo inicial que cada membro demonstrou em revelar as suas capacidades acalmou ao fim de algum tempo quando a presença dos novos elementos se tornou mais "confortável". Shorty é bem disposta e aberta, não demonstrando quaisquer problemas em relacionar-se com todos os elementos do grupo, já a sua amiga sentia-se desconfortável e fora do seu meio falando quase exclusivamente com a amiga. Pelo caminho fui-me apercebendo da **proximidade** entre Xavi e Shorty, o que, sem dúvida, ajuda a sua **integração** no grupo. Na tentativa de melhorar as suas manobras vários elementos do grupo acabaram por errar em situações onde não tinham errado anteriormente.

18/07/07	Cada vez que Shorty decidia fazer algo todo o grupo parava para ver, e esta situação não foi excepção, deixando todo o grupo impressionado com as capacidades deste novo elemento. Por esta altura, a atenção dispensada à amiga de Shorty tinha diminuído, pois já não interessava a aparência física, mas sim, a **capacidade**. Há medida que íamos avançando e os locais se tornavam menos acessíveis a sua amiga ia também ficando para trás até que, ao ver que Shorty já estava bem integrada no grupo, decidiu abandonar o grupo visto que estava com dificuldades para nos seguir. Apesar de não ser capaz de realizar as mesmas manobras que os restantes, revelava **potencial** para tal, e acima de tudo uma atitude perante os obstáculos semelhante à dos restantes elementos. Nesta exploração encontrei um local onde, aparentemente, era possível fazer uma adaptação do wallspin. Infelizmente ao fim de três ou quatro tentativas apercebi-me que para mim seria impossível e chamei os outros para virem tentar. A próxima meia hora seria passada discutindo a melhor estratégia para ultrapassar este obstáculo e com inúmeras tentativas pelos vários elementos do grupo, já que, nem os mais experientes conseguiram realizar o que eu tinha idealizado, apesar de parecer relativamente fácil de o conseguir. Assim, num único dia, este elemento feminino tinha alcançado o **respeito** de todo o grupo, visto que, não só o tratavam como se fosse mais um rapaz, como também admiravam a sua potencialidade para o parkour. Para além da forma como Shorty abordava naturalmente cada elemento do grupo e das suas capacidades, um factor que terá contribuído para o sucesso da sua integração foi a forma como se apresentou. Na verdade, enquanto a sua amiga esteve presente (e produzida de forma tipicamente feminina), o comportamento dos elementos do grupo foi sempre um pouco artificial, mas com Shorty, que se apresentava da mesma forma que nós, isso não se passou, já que as calças e a t-shirt larga a tornavam mais parecida com os restantes membros.
24/07/07	De salientar, no entanto, que os elementos da L12 tinham as t-shits "oficiais" do grupo, contrariamente aos restantes – o que demonstra uma tentativa de representação do grupo, de união. De volta à praia, o quadro compunha-se de forma diferente. Os grupos já não estavam separados como antes, e todos (cada um como seu desafio pessoal) treinavam as várias acrobacias que o local permitia. Às 15 horas decidimos parar um pouco, visto que o cansaço já não permitia a correcta realização das acrobacias, havendo inclusivamente, alguns elementos já com lesões leves decorrentes do cansaço – persistência como característica importante.
28/07/07	Ao observar parecia difícil, mas quando decidi tentar apercebi-me da dificuldade real do obstáculo. De todas as vezes que tentei tive que apoiar um pé no muro, porque, caso contrário, acabava sentado em cima do muro. São manobras como esta que permitem observar o nível de cada elemento e acima de tudo o **empenhamento** com que encaram o Parkour. Tem sido **habitual** percorrer os locais de treino mais frequentes sempre que um **novo** elemento se junta ao grupo e, já que tínhamos hoje um novo elemento, não iríamos perder essa possibilidade. A presença de tanta gente junto aos locais onde costumamos treinar fez com que parasse-mos pouco tempo em cada local, levando a um aumento na intensidade do

28/07/07	treino – é necessário saber gerir o esforço para acompanhar o grupo. Esta segunda volta foi mais descontraída e permitiu a todos tratar dos "assuntos" que ficaram por resolver durante a anterior. Agora com mais calma, tentámos ultrapassar aqueles obstáculos que nos forçaram a optar por outro caminho, sendo esta uma experiência muito gratificante para todo o grupo.
02/08/07	Confirmando a tendência para o aparecimento de novos membros nesta altura de férias de Verão, deparo-me à chegada, com dois novos membros. Dos membros habituais estavam Xavi, Noob, East e Shorty, não estando presentes Jump, Piri e Climb. Desta forma, neste treino, predominavam os membros mais recentes levando a uma certa sensação de **desconforto** visto que, normalmente, são os elementos mais antigos que vão fazendo a ligação entre os vários elementos mais recentes. Decidimos, então, partir para outro local. Com a chegada constante de novos membros os treinos têm funcionado também como visitas guiadas aos locais onde costumamos treinar, e este treino não foi excepção. Aproveitamos para conhecer melhor os novos membros. Apercebi-me que o que os movia era, essencialmente, a curiosidade de experimentar algo novo, tendo esta, sido aguçada pelos amigos que já tinham começado a treinar. Os novos elementos, que até então tinham passado de forma algo despercebida, começaram a demonstrar, neste novo local, a sua tendência **mais lúdica** em relação ao parkour, através da forma como encaravam cada obstáculo e como brincavam com todas as situações. Por esta altura Xavi e Foot eram os elementos que estavam mais visivelmente incomodados com a atitude dos novos elementos e decidiram parar de treinar, sentando-se num muro enquanto observavam. Quando os elementos que ainda estavam a treinar desafiaram os que estavam sentados, a reposta foi negativa. Foot afirmou "não precisas de mim para treinar pois não? Então treina e cala-te". Depois deste pequeno **confronto** vários outros do género seguiram-se e a certa altura o grupo encontrava-se, pela primeira vez, dividido. Com o ambiente a tornar-se cada vez mais pesado e a vontade de treinar a diminuir a cada minuto que passava decidimos tentar ir para outro local, sob o pretexto de dar a conhecer mais locais aos elementos mais recentes. Assim, decidimos voltar para o local onde estavam para nos despedirmos. Quando nos encontrámos havia no ar um certo sentimento de "enfim sós". Despedimo-nos e combinámos o próximo treino esperando que corra melhor que este.
18/08/07	Quando cheguei apercebi-me que não estava presente grande parte dos elementos que, no último treino, tinham tornado o ambiente pesado. O dia estava bom para treinar e todos os elementos pareciam já estar um pouco mais motivados que no treino passado. No entanto, ainda se notavam os efeitos da situação gerada. O grupo parecia, de alguma forma, estar ainda a tentar ultrapassar o que se passou, visto que por vezes pareciam estar presentes quase por obrigação relativamente aos amigos. De facto, o grupo estava mais preocupado em treinar que em conviver, o fez com que houvesse um bom ritmo durante toda a tarde. O grupo não apresenta a mesma coesão de antes, apesar deste treino ter tido um ambiente melhor que anterior. Quando chegamos ao nosso destino combinamos um treino num local diferente, talvez em Espinho. Esta pareceu-me uma tentativa de **mudar** de ares e tentar recuperar o espírito que sempre caracterizou o grupo.

25/08/07	Este dia foi especialmente importante porque revelou a **falta de ânimo** do grupo. Apesar de já estar tudo combinado, os únicos presentes no átrio do café "conforto" eram Climb, East e eu. Ao fim de algum tempo de espera, Xavi telefonou para avisar que nem ele nem Jump viriam e que não sabia se Piri queria treinar. Face a este cenário nem East nem Climb quiseram treinar, o que demonstrou a importância de Xavi como elemento unificador do grupo. Resta agora saber de que forma irá **o grupo** ultrapassar a crise que está a passar neste momento...
31/08/07	Após a ausência no treino anterior falei, através do Messenger, com Xavi para saber se iria haver treino na semana seguinte. Durante a conversa Xavi demonstrou o seu **desânimo** com o grupo e confessou que achava que os elementos que foram chegando e partindo quebraram a sua estabilidade. Apesar de tudo, demonstrou vontade em continuar, revelando que esperava que o início das aulas afastasse quem não gostava realmente do parkour, deixando quem, de facto, se interessa. Referiu que o grupo perdeu **união**, porque se tornou um ponto de passagem de pessoas que queriam ocupar o tempo das férias, facto que trouxe muita dispersão. Como sabia que eu ainda tinha duas entrevistas para fazer, começou, naquele momento, a comunicar com o resto do grupo para combinar o próximo treino de forma a juntar o grupo e treinar como dantes. Assim, com o início das aulas a aproximar-se e o grupo reduzido ao seu núcleo de cinco ou seis elementos, parece que existe um novo fôlego da parte de Xavi que, sendo o "motor" do grupo, seguramente conseguirá trazer de volta o seu ambiente inicial.
04/09/07	Este treino caracterizou-se pelo regresso à normalidade. Em vésperas de início de aulas, só os elementos do costume compareceram. Assim estavam presentes, Xavi, Piri, Climb, Piri, Jump, Jonh e Shorty.

Simbologia e estética

Dia	Unidade de Contexto
06/04/07	O grupo era, à primeira vista, completamente distinto. "Xavi" era o elemento com mais características visuais de um traceur (nome dado aos praticantes de parkour), sem que estas denotassem um cuidado apurado na construção da imagem. De calças de fato de treino largas, sapatilhas, casaco de fato de treino, da mesma cor (preto), e com os inevitáveis punhos elásticos que têm o propósito de aliviar o impacto dos pulsos nas paredes e muros. Já "Climb" estava com uma roupa perfeitamente casual. De jeans azuis e pólo branco, ninguém adivinharia que estava prestes a treinar o que quer que fosse. "Stomp" e "Piri" estavam com um visual semelhante ao de "Xavi", mas com um pouco menos de cuidado na escolha das cores, notando-se uma menor preocupação com a componente estética. Por último, "Foot", estava com um vestuário, também ele casual, mas um pouco mais confortável que o de "Climb", denotando também que não havia nele, aparentemente, uma preocupação na construção de uma imagem. Na verdade, nenhum membro do grupo demonstrava, de uma forma explícita, essa preocupação. ...fala-se também de Parkour, de videojogos e de música. (linguagem associada

06/04/07	predominante associada a estes tópicos). O grupo formava frequentemente uma fila seguindo um trilho por entre os obstáculos que, era traçado pelo elemento da frente. Em determinados momentos existe a preocupação em fazer as coisas de uma determinada forma, de acordo com certos padrões estéticos relacionados com o parkour. A fila em movimento constante representa a fluidez que, em termos visuais, causa sensação entre os praticantes, tanto quando observam como quando são os próprios em acção. Até que deixei de pensar, dei dois passos atrás e saltei, sentindo de imediato a sensação que, mais tarde me todos conformariam ter, de câmara lenta, como se o momento se prolongasse de forma a permitir-me observar de todos os ângulos o meu corpo e a forma como se movimentava no ar. A chegada ao chão é acompanhada por uma súbita aceleração do tempo, que após a confirmação do sucesso do salto, volta à sua velocidade normal.
28/04/07	A presença da t-shirt personalizada pelo grupo demonstrou que, contrariamente ao que me tinha apercebido nos treinos anteriores, a questão do vestuário tem importância na identidade do grupo, existindo pelo menos uma peça de vestuário que une o grupo, e permite que as pessoas que os observam os identifiquem como tal. Enquanto conversávamos, reparei que a t-shirt de Xavi continha, entre vários desenhos, as palavras Parkour e Legião XII. Fiquei a saber então que o grupo onde estava a treinar tinha um nome, Legião XII, devido ao número de membros que existiam na altura em que o grupo foi baptizado.
06/04/07	Uma diferença notória em todos os elementos do grupo foi a forma como se apresentaram. Estavam todos com uma aparência mais cuidada, ou seja, estavam mais parecidos com o estereótipo do praticante de desportos alternativos. A maioria tinha trazido a sua t-shirt da Legião XII, acompanhada de calções ou calças largas e sapatilhas a condizer. Não sei foi coincidência ou se o aperfeiçoamento visual teve alguma causa especifica.
14/07/07	Ainda outra novidade, e talvez a mais notória foi o "stencil" da L12 na t-shirt de Jump. No treino passado tinha referido essa possibilidade e, pelos vistos, foi bem aceite, porque todos gostaram da ideia de ter uma t-shirt da L12 sem a necessidade de a mandar imprimir. Uma característica peculiar de Boss eram as ligaduras que envolviam ambos os antebraços, resultado de um acidente de mota. À primeira vista, este elemento parecia ter algo diferente dos outros, que se iria revelar ao longo do treino. Para além deste novo elemento notei diferenças em alguns elementos do grupo, que se apresentaram, neste treino, com um visual mais cuidado. Xavi e Jump tinham bonés novos que fizeram furor entre os restantes.
18/07/07	Apesar de ser o seu primeiro treino, Shorty estava vestida a rigor, enquadrando-se perfeitamente na "paisagem" que o grupo constitui. Apesar de Shorty ser o novo elemento do grupo as atenções estavam mais direccionadas para a sua amiga, que não estando vestida para treinar, chamava mais a atenção dos restantes membros do grupo. Este facto não é propriamente típico do parkour, no entanto, foi alvo de referencia devido ao redireccionamento das atenções para Shorty à medida que o treino se foi desenvolvendo.

24/07/07	Numa primeira análise o grupo era bastante homogéneo, predominantemente masculino (com a excepção de Shorty) e da mesma faixa etária, exceptuando o meu caso. Também na aparência se podia notar homogeneidade, notava-se que ninguém se tentava evidenciar através do vestuário. No entanto, o visual típico dos desportos alternativos urbanos estava presente, era roupa confortável, bastante usada, sendo fácil adivinhar os testes que muitas daquelas peças de vestuário passaram através do contacto com o betão, o ferro ou o cimento. Tal como os elementos da L12 (legião 12), os restantes traziam calções largos ou calças de fato de treino, t-shirts, e sapatilhas (de atletismo na maioria). De salientar, no entanto, que os elementos da L12 tinham as t-shits "oficiais" do grupo, contrariamente aos restantes.
28/07/07	Estavam presentes Xavi, a única presença constante em todos os treinos que observei até agora, Jump, Climb, Jonh, Foot, Piri e dois novos elementos, East, que já fazia parte do grupo há algum tempo e Noob que vinha experimentar. Estes dois elementos, apresentavam-se de forma semelhante aos restantes. Noob estava vestido mais de acordo com o que, tipicamente, se observa em praticantes de desportos alternativos, e East estava vestido de uma forma mais casual. De referir ainda, relativamente a este ponto, que a forma que os restantes elementos se apresentam tem-se vindo a refinar de treino para treino, sendo o vestuário característico dos desportos alternativos cada vez mais frequente e consistente.

Relação com o espaço envolvente

Dia	Unidade de Contexto
06/04/07	O sítio foi bem fácil de encontrar apesar de já não se encontrar exactamente no centro dos Carvalhos. De facto, passando o centro, algumas centenas de metros mais adiante encontro o sinal indicativo para o santuário da Senhora da Saúde e do outro lado da estrada, cerca de dez metros abaixo do nível da estrada lá estava o referido café. O grupo foi fácil de identificar à chegada já que, no átrio se encontravam apenas três rapazes que, em movimentos contínuos, saltavam um muro com cerca de um metro de altura, naquilo que presumi ser o aquecimento. Com o grupo completo, no átrio em frente ao café "Conforto", o quadro começava a formar-se. Num lugar já um pouco fora do centro e, portanto, já com bastantes características rurais que persistiam e resistiam ao avanço do betão, estava reunido o grupo para mais um treino. Avançámos em direcção ao santuário da Senhora da Saúde. O caminho afigurava-se difícil, já que a estrada que levava para o santuário era, no mínimo, íngreme, e, para quem começava a subida, sem fim à vista. À medida que subíamos, a natureza tomava conta do local. De facto, metro após metro, e cimento desaparecia dando lugar às encostas íngremes que ladeavam a estrada até ao cimo. Comecei então a entender o porquê da despreocupação com a roupa, pois, seguramente, o Parkour praticado num lugar assim, não deixa o vestuário utilizado em bom estado. Assim, a escolha do sítio vem do facto de quererem um sítio para treinar onde ninguém os incomode. Mal se começaram a ver objectos artificiais o grupo passou à acção de forma quase

06/04/07	automática, sem nenhum aviso prévio e, deixando-me apenas como espectador, todos eles subiram com uma facilidade surpreendente uma construção que servia possivelmente da banca de vendas ou de quiosque, mas que estava naquele momento fechada. A característica mais imponente do espaço era o facto de ser rodeado por pedras realmente grandes com cerca dois metros de altura, entre as quais todos eles saltavam ultrapassando aquele labirinto de pedra como se algo de muito simples se tratasse. Este elemento mudava frequentemente à medida que as dificuldades de cada um se revelavam e levavam o elemento da frente a utilizar um caminho que levava mais tempo, quando o segundo da fila conseguia perfeitamente ultrapassar o obstáculo que se punha. A hora de terminar o treino aproximava-se mas faltava ainda experimentar um sítio bom para treinar "palm spins" – existência de locais específicos para determinadas manobras.
14/04/07	À medida que invadíamos a paisagem urbana a excitação aumentava e todo o grupo parecia imune aos obstáculos que, muitas vezes, dificultam o quotidiano da população local. Sendo um Sábado de tarde, havia muita gente pela rua, que com um olhar de estranheza observava, enquanto um grupo de jovens desafiava escadarias, corrimões, muros, sinais de trânsito, e tudo mais que lhes aparecesse pela frente, como se de algo terrível fugissem. A utilização do espaço urbano surge da necessidade de expressão, e a mensagem, camuflada por um grupo de adolescentes superando todos os obstáculos, não podia ser mais clara. Este grupo não quer destruir nada, nem construir algo completamente antagónico ao que existe, querem apenas o seu espaço, como toda a gente, ainda que o utilizem de forma diferente. Os locais não variavam muito na forma, apenas na sua dimensão. No entanto, rapidamente a minha sensação de sucesso se desvaneceria. Ao chegarmos ao edifício, que será provavelmente o maior da zona, o que vejo (já com olhos de "traceur"), é uma amálgama de percursos impossíveis, que deixaram todos em **alvoroço**. Mal chegámos, deparo-me com uma espécie de varandim a cerca de quatro metros de altura, o qual Climb, sobe com relativa facilidade. O objectivo, mais do que apenas subir é saltar daquela altura. Aqui as coisas complicam-se, pela primeira vez vejo os elementos do grupo realmente hesitantes. Climb está bastante inseguro quanto ao salto e os restantes elementos aconselham-no a descer. O quiosque encontrava-se junto à parte mais alta a cerca 3 metros de distância, sendo a diferença de altura entre este e a beira da parede cerca de 1,50 metros. Olhando para o local nem me passou pela cabeça que alguém quisesse fazer alguma coisa àquela distancia do solo. Qual não é o meu espanto quando Xavi e Climb sobem o muro, saltam para o telhado e preparam-se para saltar e agarrar-se à beira do muro na parte mais alta. Xavi fez uma observação que achei muito interessante. "Vocês já viram, fizemos uma progressão, passamos do meio urbano para o rural". Acho que a escolha da palavra progressão para descrever a passagem do urbano para o rural pode espelhar, o gosto que todos têm pela prática neste local.
28/04/07	Hoje, ninguém estava com vontade de andar pelo centro, assim, partimos directamente para a Sra. da Saúde que, pela variedade de locais diferentes para treinar, parece que será o lugar de eleição para treinar durante algum tempo – vontade de treinar sem incómodos.

28/04/07	A rocha encontra-se num local sem nada em seu redor, o que permite fazer corridas preparatórias de todos os ângulos. Já a rocha em si, tem todas as faces diferentes permitindo realizar vários elementos com vários níveis de dificuldade, o que permite um ataque contínuo por parte de todos os elementos – a dinâmica criada parece representar uma tentativa de superar os elementos que aparecem no percurso, é como uma micro representação de uma run, onde continuamente desafiamos aquele obstáculo até que seja tão impeditivo à locomoção como uma pequena pedra. Passado algum tempo, já todos tínhamos treinado alguns elementos e tentado realizar alguns dos que ainda não conseguíamos, por isso decidimos avançar e procurar outro local – a partir do momento em que deixam de ser um desafio, os locais perdem a sua importância. Sendo este um local bastante extenso, acabámos por permanecer aqui durante cerca de meia hora explorando os corrimões, muros, escadas e restantes obstáculos exploração exaustiva e criativa dos espaços.
06/07/07	Nessa altura o calor começou a fazer-se notar com mais intensidade dificultando o treino, fazendo com o próximo local fosse necessariamente protegido do sol – carácter deambulatório e condicionado por diversos factores. Por fim, decidimos ir ao spot onde Jump fazia o seu famoso wallspin na vertical. Era uma rocha cuja face fazia um ângulo de quase 90º com o solo e que, à primeira vista, parecia impossível para realizar esse elemento – certos locais tornam-se referência pelos elementos que lá podem ser realizados.
14/07/07	Ao final de algumas tentativas de algumas manobras já todos tínhamos experimentado o que queríamos e decidimos partir para outro local. No final do caminho o cansaço estava estampado na cara de todos. Quando paramos um pouco para recuperar o fôlego apercebemo-nos que, o caminho não era assim tão longo e que de tanto treinarmos em locais fixos, tínhamos deixado de lado o treino da resistência – preocupação com a condição física que é o que permite realizar uma boa run. Entre as duas rochas havia uma diferença de cerca de dois metros, sendo que o local de queda era semelhante a um círculo em que o raio não tinha mais de trinta centímetros. Caso falhasse essa zona esperava-me uma queda de cerca de dois metros que terminava num canteiro com cactos e outras plantas menos convidativas – exploração de locais pouco seguros – se tiverem um risco acrescido melhor. Apercebemo-nos também que, cada vez mais, permanecíamos menos tempo em cada local, o que significava que os desafios começavam a tornar-se mais fáceis de ultrapassar. Desta forma, concordámos que seria positivo aproveitar esta altura de férias e treinar em locais diferentes. Jump sugeriu treinarmos junto à praia para pudermos, assim, exercitar alguns elementos mais acrobáticos. A sugestão foi bem aceite por todos, ficando a proposta no ar.
24/07/07	O local escolhido para tal encontro foi o Parque da Cidade do Porto – demonstra que para encontros que dão visibilidade, o cenário escolhido é mais citadino, mais povoado. Às 11:30h decidimos ir explorar o parque. Aqui a L12 já se sentia bem mais confortável, e cada a cada muro que saltavam e parede que escalavam sentiam a sua confiança a voltar – cada grupo procurou os locais onde se sentia mais confortável, procurando que o espaço jogasse a seu favor.

24/07/07	Durante o almoço o tema de conversa foi a exploração da área do pavilhão da água que os elementos da L12 tinham feito na última vez que tinham estado no parque da cidade – os locais onde se treina têm um importante valor nas narrativas, demonstrando uma certa hierarquia dos locais, uns merecem mais atenção que outros ou são mais enfatizados. Junto aos edifícios existem escadarias corrimões e vários muros que servemm para dividir diversos espaços, sendo portanto, um espaço com muito potencial para a prática do parkour. Acabámos por rodear o prédio e deparámo-nos com um espaço igualmente convidativo e, aparentemente, escondido o suficiente para que não fossemos incomodados. Este local não estava à face da rua e tinha, do outro lado da rua, edifícios abandonados, por isso não havia razão para se pensar que estaríamos a incomodar alguém. Quase espontaneamente, sem que ninguém dissesse nada, começaram em corrida lenta a utilizar tudo o que podiam para treinar. Tinham a consciência que não podiam estar num local durante muito tempo, mas em constante movimento, não havia porteiro que os apanhasse e, na altura que desse pela nossa presença já estaríamos a sair da sua "jurisdição". Foi divertido observar a forma como os observavam agora impotentes enquanto explorávamos incansavelmente todo o átrio do prédio. Esta procura por um espaço onde se possa treinar sem interrupções já tinha sido observada na L12. o espaço urbano é muito chamativo, mas os constantes confrontos não permitem o mesmo nível de concentração, o que leva estes praticantes a procurar locais menos urbanos, como a praia, ou no caso da L12, o santuário da Sra da Saúde.
28/07/07	Em vez de nos concentrarmos em dominar um determinado local, fomos correndo por todo o espaço ultrapassando da melhor forma possível os obstáculos que iam aparecendo. Como resultado, chegámos ao local onde costumamos terminar o treino em cerca de vinte minutos. Após cerca de dez minutos de descanso decidimos voltar a realizar o mesmo percurso, mas desta vez, o cansaço já não permitiu a intensidade da primeira vez – pressão sentida no sentido de não ficar muito tempo no mesmo local. Foi precisamente este aumento de afluência ao santuário que condicionou o nosso treino de hoje. À medida que o mês de Agosto se aproxima a rua que leva ao santuário da Sra. da Saúde vai-se enchendo de enfeites característicos das festas populares.
02/08/07	Fizemos, então, o percurso habitual sem parar muito tempo no mesmo local, assemelhando-se este início mais a uma run (percurso para chegar de "a" a "b"). Em cerca de meia hora tínhamos chegado ao final do percurso e já todos os elementos estavam bastante cansados. Foi então que procuramos um local com sombra para poder treinar alguns elementos de forma isolada.
18/08/07	Decidimos partir para um local diferente, já que este era o principal dia da festa da Sra da Saúde e o sítio do costume estava cheio de gente. Fomos, então, para o Mosteiro de Pedroso, que era um local que ainda muitos desconheciam.

18/08/07	Pelo caminho passámos por uma quinta cujo muro, com cerca de três metros se estendia ao longo de toda a rua, tendo aproximadamente cinquenta metros de cumprimento. Xavi e Jump aproveitaram para subir o muro e percorrê-lo tentando não perder o equilíbrio, sendo esta uma actividade muito apreciada pelos praticantes de parkour – novos usos do espaço – desconstrução de barreiras. O Mosteiro é rodeado por um jardim de acesso livre com vários bancos de jardim, que também foram aproveitados para treinar várias manobras. Assim, os elementos mais experientes estavam a treinar junto ao muro e os restantes aproveitavam os bancos de jardim e as escadas do mosteiro. (...) Saltávamos o muro através de várias manobras com um acréscimo de emoção proporcionado pela altura do local de queda. Para além do patamar principal existem escadaria com corrimões que também foram explorados exaustivamente. No caminho de regresso a faceta mais utilitária do parkour foi muito utilizado, visto que decidimos cortar caminho por vários terrenos em construção, ultrapassando muros, vedações e vários outros obstáculos que separavam o terreno do exterior.

Independência face ao fenómeno global

Dia	Unidade de Contexto
Não estão presentes, no diário de campo, elementos referentes a esta categoria	

Análise de Conteúdo das Entrevistas

Ideologia

Suj.	Unidade de contexto
Xavi	O que é para ti o parkour? -Pah...se queres que te diga, primeiro interessou-me como um desporto, ainda não tinha entrado bem na ideia, ainda não tinha como uma filosofia. Com o tempo foi mudando e agora tomo-o como uma espécie de filosofia...é mais que um desporto, é já uma escolha...um modo de vida. Em termos filosóficos o que é que isso representa? Pah...por exemplo, a ideia é não termos nada a conter-nos, então usamos o parkour para nos libertarmos, como um refúgio, como muitas pessoas usam os desportos. Achas que os gostos musicais têm alguma influência na tua vida? -Acho que não porque eu vario muito nos meus gostos. Ouço de tudo, quando treino, treino com tudo. Varia talvez como ajo na altura, nos movimentos e isso, por causa do ritmo da própria música, mas não afecta na maneira de agir. E para lá do parkour? - A música é algo que mexe mesmo muito comigo, eu não vivo sem música, e quando estou em baixo a música consegue pôr-me muito mais em baixo, quando estou em cima consegue pôr-me muito mais em cima. É uma coisa que me afecta muito, provavelmente é que mais me afecta. Até porque, mesmo em relação às letras existe sempre algo que afecta naquilo que dizem.

Xavi	Que estilos musicais preferes? - Gosto de tudo, mas especialmente de músicas que façam subir a adrenalina. Rock, punk, há quem use hip hop, mas isso é para movimentos mais calmos, mais fluidos. De forma geral é rock ou até electrónica...coisas pesadas. Dá-me exemplos de bandas de referência Sliknot, Korn... existe uma banda nova que são os Pronobozo, que fazem mesmo músicas para o parkour, temos...mais quem?... Cold... bandas desse género. Achas que existe uma relação entre a música que ouves o parkour? - Sim, quando comecei a praticar parkour, comecei inclusivamente a ouvir músicas diferentes, como esse tal grupo que te falei, os Prono Bozo, que nunca tinha ouvido. Ouvia algumas sonoridades parecidas, mas nunca tinha ouvido muito a sério. Comecei a ouvir coisas diferentes à custa disso. Então achas que existe um estilo musical mais característico do parkour? - Não, os traceurs não optam por um estilo de música, toda a gente ouve o que quer. Os Pronobozo começaram as fazer essas músicas e o pessoal começou a ouvir porque era uma música muito mexida e que fazia subir a adrenalina...mas mesmo assim não é um género de música de parkour. O que é que pensas em relação à competição nos vários desportos? A competição é saudável porque leva-nos a outros limites. No parkour não digo que não seja saudável porque faz-nos evoluir, mas é uma coisa mais pessoal. Eu não tenho nada contra a competição nos outros desportos, e mesmo no parkour não tenho nada contra, mas o pk é mais individualista, fazes o que tens a fazer, não tens pressas, não tens metas, não há cintos, nem escalões. Acho que se, tal como no skate ou assim, aparecerem competições não vai haver problema se se mantiver o espírito. O problema é se as pessoas começarem a ver isto só mesmo como um desporto e cortarem esta vertente do livre pensamento. Sentes que a prática do parkour se pode assumir como resistência social? É mais acerca do que tu sentes, do que tu queres libertar, tomas esta prática como se fosse tua. É uma libertação de energia, uma libertação de stress, e quando dás por ti estás a fazer umas coisas e começas a pensar noutras e acabas por te libertares. Como é que foi o início do grupo e a integração dos outros elementos? Como só nós fazíamos isto, começámos a ter o nosso próprio vocabulário e a nossa maneira de pensar...começámos a pensar de maneira diferente, Em termos de outras actividades de lazer, o que é que tu fazes? Btt, skimming, pratico outras modalidades (radicais).
Climb	O que é para ti o parkour? - Para mim o parkour... pah, para mim é mais o convívio com os meus colegas. Isso é o mais importante, divertir-me com eles. É onde passo parte dos meus tempos livres. Achas que a música tem alguma influência na tua vida? - Não tem muita. Serve para me divertir, para me deixar mais alegre, mas se não tiver música também não há problema. Não me diz assim muito. Que estilo musical é que gostas mais? - Eu ouço qualquer música... sinceramente, não tenho assim um estilo que goste mais. E que bandas é que gostas mais? - Sei lá... Green day... que mais?... Não conheço muito o nome das bandas, ouço as

Climb	músicas que gosto mas não tenho muita atenção a quem canta. Então não faz sentido dizer que a música que ouves e o Parkour tem alguma influência, já que não dás muita importância à música. - Sim, não preciso de juntar a música ao parkour para gostar de treinar. O que é que achas em relação à competição? - É sempre bom competir, porque ajuda-nos a desenvolver. Gosto de competir nos desportos que pratico. E em relação ao parkour? - Acho que o parkour deve continuar assim, sem competição. Poderia vir a estragar o espírito com que fazemos o parkour.
Shorty	O parkour ainda não significa nada em especial? - Não... eu ando há muito pouco tempo, ainda. Acaba por ser uma forma de lazer. Achas que os teus gostos músicais têm alguma influência na tua vida? - Tem. Eu ligo muito ao que as músicas que eu ouço dizem... mesmo... e às vezes até, situações que acontecem que depois eu ouço uma música e até bate certo. E eu a pensar que isto tinha acontecido a mim, mas afinal para alguém escrever esta música isto acontece várias vezes. Que estilo de música gostas mais? - Eu ouço todo o tipo de música. Em relação a grupos ouço, Linkin Park,Llimp Biskit...é música um bocado forte também por causa das influências. Gosto de tudo um pouco... Red Hot Chili Peppers, mas se for preciso ouvir pimba também ouço. Achas que existe alguma relação entre a música que ouves e o parkour? - Eu acho que o parkour tem tudo a ver com o que fazemos no dia a dia ao fazer tanta coisa que nunca tinha feito antes, está a mudar a minha forma de pensar. A minha maneira de pensar também é influenciada pela música, porque eu ligo muito à música, adoro música (...) tem tudo a ver com o nosso dia a dia, porque alterou muito a minha maneira de ser e o meu dia. Nesse sentido a música relaciona-se com o parkour por que ambos influenciam muito a minha vida, e por sua vez influenciam-se um ao outro, porque a música por vezes tem a mesma perspectiva do parkour. O que é que pensas da competição formal em geral? - Eu só faço desporto pela competição. E em relação ao Parkour como é que vês o facto de não haver competição? - Ainda não há, mas não se sabe... mas eu dou-me bem no parkour precisamente porque não há competição. Porque se houvesse e nós não participássemos era bem diferente. Se calhar o parkour deixava de ser tão importante, deixava de ser tão interessante... eu acho o parkour bem interessante... se houvesse a competição. Para quem está dentro é que sabe o que é. Como é que achas que o parkour é visto pelas outras pessoas? Ou faz e gosta de fazer, ou não faz, e os que fazem podem dizer, o parkour é isto...vão à net e informam-se, falam com os amigos... se calhar de um dia para o outro até formam um grupo, e levam o parkour muito a peito. Como é que foi o teu percurso dentro do grupo? Comecei a aparecer em todos os treinos, começaram-me a mandar saltar muros (risos), e lá comecei a saltar muros e a aprender algumas coisas, e agora... sinceramente posso dizer que a minha vida não era a mesma sem o parkour.

Shorty	O que é que achas que existe em comum entre os vários elementos? Eu acho que todos eles gostam de estar assim, longe de tudo, dos problemas, das namoradas, dos pais, do trabalho, das aulas, e isso tudo, eles acabam por se juntar uns aos outros e dar força uns aos outros, e isso é muito bom.
Piri	O que é para ti o parkour? -Ora o parkour... deixa ver... o parkour é um sentimento, porque...ora bem, como é que hei-de explicar isto... é muito difícil, só quem faz é que percebe o que é o parkour. É uma forma de viver e ver o mundo. O pakour tem muita influência na minha vida. E achas que estes gostos músicais têm alguma influência na tua vida? - Ai não... claro! Dá-me exemplos dessa influência. - O rap por exemplo tem muita, porque o rap é como nós olhamos para a sociedade e tentamos mudá-la e tentamos dar o exemplo... é o que eu faço. Este é o estilo que tem mais influência na minha forma de pensar. Que estilo de música é que gostas? - Rap e Rock n' Roll. Quais são os teus artistas de referência? - Tupac, e portugueses Mind da Gap. Dentro do Rock, Ramstein, Red Hot Chilli Peppers. Gosto de estilos mais pesados, mas também gosto de estilos mais funk. O que é que tu achas da competição? - Gosto de competição mas com fair-play. Não é picarem-se e andarem a porrada. E em relação ao parkour? - Acho que no parkour há competição e deve haver, porque é o que nos leva a dar o melhor. Mas se houvesse uma coisa tipo campeonato mundial talvez viesse a mudar...não sei. Havia era mais praticantes. Não sou propriamente contra a competição, até porque trazia mais pessoal. Achas que existe alguma relação entre a música que ouves e o parkour? - Penso que o hip hop e o parkour têm ambos ritmo. Na forma de pensar transmitida pela música também existe relação. No parkour também há união e entreajuda, no hip hop também.
Jump	O que é para ti o parkour? -É uma forma de movimento...acaba por ser. Como há pessoal que usa bicicletas ou skates para ir a certos locais, eu uso o parkour. Achas que estes gostos musicais têm alguma influência na tua vida? - Normalmente estou com atenção à letra, mas não sinto que interfira muito. Mas por exemplo, acabo por escolher certos sítios onde vou por causa da música, e às vezes utilizo-a para ficar mais alegre...acaba por influenciar o meu estado de espírito Que estilo musical é que gostas mais? -Pah...praticamente tudo. House, hip hop, rock também, agora ando numa onda de chill out. Quais são as tuas bandas de referencia? - Gorillaz, limp biskit... mais... normalmente o que ouço é dentro disso, depois as outras é variado. Achas que existe alguma relação entre a música que ouves e o parkour? -Acho que não, mas já pensei isso. Quando o pessoal diz, vamos fazer um filme, eu ponho-me a pensar que música é que punha, e fico naquela... não sei se ia pôr House, se ía pôr hip hop. Nos filmes que já vi, já ouvi desde trance, hip hop...oh pah...muita coisa...rock...

Jump	O que é que pensas em relação à competição nos vários desportos? -pratico desporto mais pelo convívio...praticamente em todos os desportos. Se há algum que goste de competir ainda não descobri (risos). E em relação ao parkour (se houvesse competição)? -acho que mesmo que aparecesse eu ia ficar naquela...como é que hei-de explicar. Nas competições tem que se dar pontos e isso, e eu acho que nos truques não ia ser fácil fazer isso, porque há mil e uma maneiras de fazer cada truque e cada um varia conforme a pessoa. A mim não me agrada muito a ideia da competição.
John	O que é que é para ti o parkour? Digamos que, para mim, parkour é um género de estilo de vida. Ajuda-me a relaxar Podes desenvolver à vontade, não estou à espera de uma definição curta ou sumária daquilo que pensas. - É que é assim, eu faço parkour por duas razões. Uma é por divertimento, e também por causa dos amigos, e porque gosto de fazer isso. A outra é porque ajuda-me a relaxar, ajuda-me a descontrair a mente, a retirar todo o peso que nós temos nos ombros Ajuda-te, portanto, a conseguir algum estado de espírito? (em relação à influência da música na vida) - É isso mesmo. Em relação aos teus gostos pessoais. Qual é o estilo musical que mais gostas? -isso é um bocado difícil de responder porque eu gosto muito de música. Gosto tanto de rap como consigo gostar de reggae, hip hop, música clássica, às vezes gosto de ouvir rock, metal...é mesmo variado. E achas que existe alguma relação entre o parkour e a música que ouves? -Existe. Na parte da adrenalina. Até tens o exemplo de vários vídeos que se faz de parkour. Têm sempre músicas de adrenalina e eu gosto desse estilo. Apesar de não ouvir música enquanto treino, às vezes ouço esse tipo de música, Guano Apes por exemplo, e lembro-me do parkour. Dá-me exemplos de bandas ou artistas de referência. - Gosto de Michael Boublet, põe exemplo, Eminem, Sistem of a Down, Sean Paul, às vezes também gosto de ouvir...tenho os gostos muito variados, por exemplo, também gosto de música portuguesa, tipo Sam the Kid, apesar de não ser grande apreciador, gosto de ouvir de vez em quando. Mais...Blue, só que já se separaram. Eram um grupo de música calma. Também gosto de Green day, Limp Biskit, Linkin Park. Gosto também de músicas de adrenalina, como Guano Apes. O que é que pensas em relação à competição formal nos vários desportos? Não gosto de me ver em situação de competição pela responsabilidade. Como sou muito nervoso, às vezes perco-me a mim mesmo e é um bocado chato. Quando pratico desporto a competição quase não entra. É mais para o convívio. Por isso ainda bem que o parkour não tem muita competição. Eu tenho um exemplo. Eu antes treinei Tae Kwon Do e fui convidado para saraus e combates e em todas as situações eu sentia-me nervoso, e esses nervos davam cabo do meu desempenho. E achas que estes gostos têm alguma influência na tua vida? -Ás vezes ajuda, quando preciso de inspiração para fazer algo, a música ajuda. É como se ajudasse a desenvolver a mente. E em relação ao parkour? - Eu acho bem que não haja competição, porque assim perde-se o objectivo de relaxar a mente e mudar o estilo de vida. Começava a haver muita rivalidade causava, digamos, guerras entre os vários grupos. E achas que existe alguma relação entre as ideologias de alguns tipos de música e a

John	ideologia do parkour? - Acho porque ambos permitem alcançar os mesmos objectivos, como relaxar a mente...

Resistência social

Suj.	Unidade de contexto
Xavi	Como é que achas que o parkour é visto pelas outras pessoas? - Primeiro estranha-se depois entranha-se. Foi nisso que reparei. As pessoas, ao início ficavam muito chocadas, mas depois de dois, três treinos, depois de começarem a ver na televisão, começa a ser algo habitual. Passado um mês ou dois começámo-nos a habituar às pessoas e deixou de haver problemas. Achas que a atitude das pessoas varia consoante o local? -Sim, por exemplo, nesta zona onde estamos (mosteiro de pedroso), as pessoas não estão tão familiarizadas com os desportos radicais. As pessoas mais idosas estranham um bocado, mas também não causam muitos problemas, só algumas. Já em Matosinhos, que é uma cidade, não há problema nenhum, as pessoas vêm como se fosse outra coisa qualquer. Sentes que a prática do parkour se pode assumir como resistência social? - Não, penso que é mais uma libertação individual. Houve quem se juntasse à equipa mesmo para contrariar, mas esses não duraram muito tempo, deixaram de aparecer. Mas a verdade é que às vezes as pessoas chamam-nos vândalos por causa disso, porque nós não seguimos as regras naturais, não gostamos de seguir regras. Mas apesar disso, nós não queremos fazer isso, o objectivo principal não é quebrar regras mas fazermos aquilo que queremos. Que tipo de atitude é que não seria bem vista pelo grupo?
Xavi	- Eh pah, não sei... talvez a ideia de superioridade, de eu sou o melhor e vim para aqui para ser o melhor, para trabalhar para ser o melhor.
Climb	Como é que achas que o parkour é visto pelas outras pessoas? - Umas são indiferentes, outras criticam, pensam que é vandalismo. E acho que é isso... E achas que a atitude das pessoas varia conforme o local onde se treina? - Nisso nunca reparei muito... só se for, por exemplo, nos espaços mais rurais são capazes de reparar mais que nas cidades. Houve algum sítio que deu mais problemas? - Em Matosinhos, com aqueles porteiros... E onde é que achas que há menos problemas? - Nestes espaços religiosos como o S. Barto ou a Sra da Saúde. Achas que o parkour pode ser uma forma de resistência social ou de qualquer tipo? - Penso que sim, porque fazemos coisas que as outras pessoas não fazem. Usamos os espaços de uma maneira diferente. Por isso, acho que sim.
Shorty	Como é que achas que o parkour é visto pelas outras pessoas? Depois ainda vêm as idades mais avançadas. Os pais dizem: "vocês vão-se magoar, isso não tem jeito nenhum, para quê que vocês vão para lá fazer aquilo, e depois, vais tu e mais nove rapazes (risos). Os adultos em geral não aceitam tanto isso...e os avós também não compreendem.

Shorty	Achas que a atitude das pessoas varia conforme o local onde se pratica? - Sim, acho. E onde é que achas que as pessoas são mais receptivas? - Talvez aqui nesta zona (Carvalhos). As pessoas vêm isto como uma diversão e até apreciam. Até quando fomos para o mosteiro (pedroso), as pessoas olhavam e gostavam e riam-se, não havia problema. Em Matosinhos, por exemplo, já houve aqueles problemas com os porteiros. Achas que existe algum tipo de resistência social no parkour? - Acho que não, pelo menos ainda não consigo ver as coisas dessa forma.
Piri	Dá-me exemplos dessa influência (da música na vida). O rap por exemplo tem muita, porque o rap é como nós olhamos para a sociedade e tentamos mudá-la e tentamos dar o exemplo... Como é que achas que o parkour é visto pelas outras pessoas? - Ora bem... aquelas pessoas mais conservadoras, os velhinhos digamos, pensam que somos tolinhos, que andamos a vandalizar e a fazer asneiras, mas na verdade não estamos só a divertir-nos...e pronto, há outros que até gostam e vão tentando aceitar. Também há quem diga que é uma estupidez (risos)... saltar muros... E pelo contrário, onde é que sentiste mais dificuldades em treinar? - No Fernando Couto, já fomos expulsos de lá tantas vezes...eles não gostam. Continuam a ver-nos sempre da mesma forma, pensam que estamos a vandalizar aquilo. Achas que existe algum tipo de resistência social associada ao parkour? - Exactamente... o parkour mostra que se pode inovar e olhar para os sítios de forma diferente. Acho que acaba por representar que não aceitamos a forma como se constroem as coisas.
Jump	Como é que achas que o parkour é visto pelas outras pessoas? - Pensam que somos malucos... oh pah o pessoal que nos vê expulsa-nos (risos). Vêem-nos a saltar qualquer coisa e dizem: saiam daí que isto não é um parque de diversões! Não é para andarem a estragar isto. Basicamente é assim que as pessoas nos vêem, pelo menos por agora. Achas que o parkour pode representar alguma forma de resistência social? -acho que sim, porque usamos os espaços de maneira diferente e pode representar que também os vemos de maneira diferente. Essa cena de estarmos a fazer coisas que as pessoas não aceitam é logo diferente e pode representar uma resistência da nossa parte. Existe uma diferença entre aquilo que fazemos e aquilo que as pessoas querem que a gente faça. E onde é que sentis-te mais apreensão? -Mais apreensão...ali na junta (de pedroso) já nos puseram de lá para fora, em S. Bartolomeu também nos chamaram a atenção, no edifício Fernando Couto também.
John	Como é que achas que o parkour é visto pelas outras pessoas? -as pessoas vêm isto como sendo muito perigoso e a única coisa que lhes passa pela cabeça é, ou se nós somos malucos e que não temos consciência das coisas. Acham que nos vamos magoar. Para além disso, como começou na França, é pouco conhecido em Portugal. A maioria das pessoas não sabe o que é isto, e nós estamos a ver se conseguimos por este desporto na cultura portuguesa, tal como aconteceu com os outros desportos como o skate. Achas que a atitude das pessoas varia consoante o local onde treinas? - Sim, há. Por exemplo, quando vamos para certos sítios, comos os mais religiosos, corremos risco de sermos expulsos, mas se treinássemos, por exemplo num parque

John	de skate, aí as pessoas já não se incomodavam tanto porque aquela zona foi mesmo feita para isso. Agora em certos locais, ao verem-nos a treinar, as pessoas pensam que estamos a estragar alguma coisa, e nesses casos não gostam de nos ver a fazer isto.ao ver o grupo junto. Então onde sentes mais apreensão por parte de quem observa? - Eu acho que no Fernando Couto foi onde tivemos mais problemas. Só tivemos um problema no S. Bartolomeu, mas o homem quis ouvir-nos e compreendeu-nos. Sentes que o parkour representa alguma forma de resistência? - Nós bem tentamos transmitir a nossa mensagem, mas parece que há aquelas pessoas casmurras que não gostam de ver o que nós fazemos. Tentamos mostrar às pessoas que isto não é perigoso, que isto faz-nos bem a nós e que não há problema nenhum em fazê-lo, só que as pessoas acabam por acreditar sempre na ideia delas e não na nossa, e nesse sentido é difícil mudar a mentalidade. O parkour também pode mudar a forma como as pessoas vêm os sítios em que treinamos, por exemplo, antes as pessoas pensavam mal de nós.

Dinâmica de grupo e construção da identidade

Suj	Unidade de análise
Xavi	Como é que foi o início do grupo e a integração dos outros elementos? - Vai fazer quase dois anos, faz em Outubro dois anos, vi um programa, achei-lhe graça, comecei a fazer uma coisinhas, e de repente, quando olhei, à minha volta havia muito mais gente interessada, como o Climb, como outro rapaz, que infelizmente já não treina connosco, e começámos a treinar, começámos a ver outras coisas, a ver vídeos e isso tudo, (...) foi uma boa integração porque nós, o grupo em si, começou-se a unir (...) no fundo...foi...muito boa a integração. O que é que achas que existe em comum entre os elementos do grupo? - Este individualismo. A ideia do avançar sem obstáculos, todos nós temos esta vertente do individualismo e do gostarmos de fazer isto. Que tipo de atitude é que não seria bem vista pelo grupo? - Eh pah, não sei... talvez a ideia de superioridade, de eu sou o melhor e vim para aqui para ser o melhor, para trabalhar para ser o melhor. Achas que existe alguma marca ou vestuário característico do parkour? Mas não há, em si, um vestuário, não há uma maneira de andar, uma maneira de vestir, uma maneira de falar, temos coisas nossas mas não nos encaramos dessa maneira. Cada um anda como quer, como tu vês, há gente de calças de ganga, de fato de treino...cada um anda como quer.
Climb	Como é que foi a construção do grupo? - Foi a pouco e pouco. Primeiro começámos...depois fomos chamando pessoal para ver, alguns foram ficando e somos bastantes agora. O que é que achas que une os elementos do grupo? - Acho que é mais a amizade e o companheirismo, e o gosto pelo parkour, claro. Qual é que achas que seria uma atitude mal vista pelo grupo? - Sei lá... nunca pensei nisso... para já ainda não houve assim uma atitude que me incomodasse.
Shorty	Achas que existe alguma relação entre a música que ouves e o parkour? Eu explico, é assim, por exemplo, às terças e quintas temos os treinos de parkour, o que é que envolve isso? Envolve os amigos, o convívio, a troca de vídeos, a troca de informação. Uns puxam pelos outros. Por exemplo, a mim, eu não fazia ideia que isto existia, o Xavi chegou à minha beira e disse: "olha, anda ver e se gostares

	experimentas.
Shorty	Eu cheguei e ele não me deixou ver, obrigou-me a experimentar, e eu, pronto, experimentei... Como é que foi o teu percurso dentro do grupo? - Sendo a única rapariga, se fosse eu e mais dois ou três era naquela, mas sou eu e mais oito ou nove... quando entrei, foi mesmo, como eu já disse, foi o Xavi que me chamou e eu fui mais, tipo, não tinha nada para fazer naquela terça feira e não me importei nada de ir porque era perto de casa e tudo. Quando cheguei lá conheci pessoal e vi que era fixe, mas pensava que me ia meter numa alhada, e que não me ia sentir bem, porque era a única rapariga no meio de montes de rapazes. Não por serem só rapazes, porque até me dou muito bem com rapazes, mas por fazerem parkour, porque eu não tinha a mínima ideia do que aquilo era. Eles juntavam-se muitas vezes... e a primeira vez que eu apareci eles estavam vestidos de uma maneira horrorosa (risos), para mim. Agora eles vestem-se assim e eu acho completamente normal. Mas foi assim, eu entrei, pensava que não ia gostar disto, mas na quinta-feira convidaram-me e como tinha gostado na terça, fui... O que é que achas que existe em comum entre os vários elementos? - Há duas coisas, eu acho que é o facto de serem todos rapazes, e querem evoluir uns com os outros, e aqui entra a competitividade entre o grupo. E outra coisa é...eu acho que todos eles gostam de estar assim, longe de tudo, dos problemas, das namoradas, dos pais, do trabalho, das aulas, e isso tudo, eles acabam por se juntar uns aos outros e dar força uns aos outros, e isso é muito bom. Eles gostam de se afastar, eu já senti isso muitas vezes... Que tipo de comportamento é que achas que era inaceitável num elemento? - ... Não sei... eles conseguem resolver bem as coisas. Para mim era alguém sair do grupo por minha causa.
Piri	Como é que foi o teu percurso no grupo? - Espectáculo! Já conhecia alguns...entrei quando o grupo estava a ser formado, era o Xavi, o Boss e o John...e o Climb. Depois entrou o Jump e o John e o Jump lá me convidaram...fui praticando e pronto, gostei. O que é que achas que une os elementos do grupo? - Acho que todos temos aquele espírito de diversão e aventura, e pronto... dedicamo-nos... E achas que existe algum comportamento que não seria tolerado pelo grupo? - Talvez uma pessoa mais conservadora, que não goste de fazer nada... que não tenha o espírito de aventura.
Jump	Como é que foi o teu percurso de integração? -Quando eu entrei andava a dar na Mtv um programa onde falavam de desportos que não eram muito conhecidos e eu vi lá parkour e chamou-me a atenção porque era diferente. A integração foi na boa, na altura quem treinava era o John, o Xavi e o Boss. O Xavi já conhecia da escola...cumprimentávamo-nos... pah entrei e foi mesmo na boa...super acolhedores. Achas que existe alguma característica em comum entre os elementos do grupo? -Claro! A paixão pelo parkour. Pah...alguém diz hoje vamos treinar e o pessoal vai todo, ou então não vai porque não pode mesmo. Há muita dedicação... é importante que alguém se dedique para conseguir estar bem no grupo. Se alguém andar aqui contrariado nota-se logo e, oh pah, o grupo começa a excluir.
John	Como é que foi o teu percurso de integração? -primeiro foi o Xavi que criou o grupo e eu já o conhecia de há uns anos que

John	jogávamos juntos futebol, e então já conhecia o Xavi e o Climb. Aos poucos fomo-nos conhecendo melhor, porque depois andamos juntos no colégio. Depois soube que eles começaram a praticar este desporto, mas não conhecia nada disto. Que características é que existem em comum entre os vários elementos do grupo? -Empenho...acho que uma coisa que toda a gente tem é empenho. Se há algum objectivo a atingir, estamos todos empenhados a tentar consegui-lo, e até agora ninguém se foi abaixo.

Simbologia e estética

Suj.	Unidade de análise
Xavi	Achas que existe alguma marca ou vestuário característico do parkour? - Têm-se andado a formar marcas novas como a Screw Gravity e a Gorilla. São marcas que fazem calças de fato de treino e isso, mas não fazem nada em especial, entendes, dão-lhe é um nome. Quase como se os integrássemos num grupo. Um gajo anda com roupa da Screw Gravity...faz parkour. Mas não há, em si, um vestuário, não há uma maneira de andar, uma maneira de vestir, uma maneira de falar, temos coisas nossas mas não nos encaramos dessa maneira. Cada um anda como quer, como tu vês, há gente de calças de ganga, de fato de treino...cada um anda como quer. Mas em termos gerais, como é que vês as coisas? - Há um padrão. São sempre roupas que te permitem mover, dão-te sensação de conforto e isso tudo e que no fundo te identificam como traceur pelo vestuário que usas. Por exemplo, na nossa primeira jam não conhecíamos ninguém, mas olhamos à volta e identificamos que estava no sítio e era traceur. Quais foram os factores que te permitiram identificar as outras pessoas? - O vestuário, porque tu olhavas à volta e não vias ninguém de fato de treino. Apesar de não haver um uniforme é possível reconhecer, há sempre os elementos do fato de treino, da manga cavada ou curta... Em termos de outras actividades de lazer, o que é que tu fazes? Gosto de música, desenho muito, sou, portanto...gosto de graffiti, gosto de stickers, de pins, de personalizar roupa. Também gosto de Drak Art, o gótico, atrai-me alguma arquitectura. No fundo tudo o que seja expressivo. Com o parkour também me expresso através do movimento, tal como pedia ter seguido a dança ou o teatro, segui isto. Toda a forma de viver a arte se transfere para o parkour.
Climb	Existe algum estilo de roupa que gostes mais? - Não tenho um estilo especifico... nem ligo muito a isso... E achas que há algum tipo de roupa mais característico do parkour? - Neste momento acho que não...para já não há assim uma maneira mais marcada de vestir. A roupa mais típica é mais fato de treino, calções... O que é que costumas fazer mais nos teus tempos livres? - Eu trabalho, por isso não me sobra muito mais tempo livre. Descanso quando não estou a treinar.
Shorty	Que tipo de vestuário é que preferes? - Eu visto-me consoante o meu estado de espírito. Sempre fui assim, nunca largo as minhas calças de ganga e muito raramente visto uma saia. Mas também era

Shorty	complicado porque, ou estou a fazer parkour, ou mesmo no colégio, andar de saia era complicado. A minha forma de vestir vai variando, por exemplo, se sei que vou sair com um grupo que sei que vão arranjadinhos, para aquele sítio especial, então também vou, porque sinto-me bem com qualquer coisa. Também não sou de dizer, que alguém não é fixe porque usa as calças assim, ou no fundo do rabo (risos), não sou de descriminar ninguém nem nada. Cada um anda como quer e como se sente bem. Achas que existe alguma marca ou um tipo característico de vestuário relacionado com o parkour? - Eu acho que, normalmente, para o parkour costuma-se usar calças de fato de treino, com uma roupa com que te sintas bem, até podias vir com meia calça de licra (risos), se fosse assim que estavas confortável. Mas por norma é o fato de treino, a t-shirt ou calças largas. Em termos de actividades de lazer, tens alguma para além desta? - Toco órgão e bateria e desenho muito, sempre que posso. Só não fui para artes porque quero muito ser advogada. Gosto muito de pintar...mandar com balões de tinta a uma tela...é giro.
Piri	Que estilo de vestuário preferes? - É mais hip hop, mais desportivo. E que marcas preferes? - A nike e a ecko. Achas que existe uma marca ou vestuário característico do parkour? - A nike e a adidas são as mais usadas. Usamos sempre calças de fato de treino largas, ou calções. Sapatilhas com caixa-de-ar para amortecer as quedas, uma t-shirt, e sempre isto [punhos elásticos], claro, para proteger os punhos. Que outras actividades de lazer tens para além do parkour? Fazer rimas e graffiti
Jump	Achas que existe um tipo de vestuário característico do parkour? - Havia uma, que foi o Xavi que me disse, que se chama Screw Gravity, mas o vestuário... o pessoal costuma usar t-shirt's sem magas, calças de fato de treino e sapatilhas daquelas tipo Nike Air, ou outras que absorvam bem o impacto. Este acaba por ser o vestuário mais típico do parkour. E há também os traceurs mais experientes que treinam sem camisola, isso é característico. Que tipo de vestuário é que tu preferes? -O mais confortável, basicamente é o mesmo que te disse. Em relação a outras actividades de tempos livres. Tens mais alguma? ... às vezes gosto de fazer músicas no pc, e também gosto de fazer filmes em powerpoint.
John	Que tipo de vestuário preferes? Não gosto de andar a exibir-me muito. No fundo o que visto acabo por transmitir a minha forma de estar, porque também tento estar relaxado. E em relação ao parkour, achas que existe alguma marca ou vestuário mais característico? -A Nike, pelo menos a nível de sapatilhas, por exemplo, ajuda-nos nos impactos, nas quedas, ajuda a não magoar tanto. A nível de roupa eu acho que também a Nike é muito usada por ser um vestuário desportivo e confortável. Que outras actividades tens para além do parkour, nomeadamente lúdicas ou artísticas? Gostava de voltar a treinar tae kwon do. Gosto também de pintura. Às vezes ponho-

	me a fazer montagens em casa. Ouço também muita música nos tempos livres.

Relação com o espaço de prática

Suj.	Unidade de análise
Xavi	Em termos filosóficos o que é que isso representa? O nosso, se calhar, temos uma vertente, talvez até o adaptemos na vida...real, é um desporto útil, é o que nós usamos no meio ambiente...no meio que nos envolve. A ideia é não termos nada a conter-nos, então usamos o parkour para nos libertarmos.
Climb	---
Shorty	Achas que existe alguma relação entre a música que ouves e o parkour? ... isso tem tudo a ver com o nosso dia a dia, porque alterou muito a minha maneira de ser e o meu dia, porque eu agora em vez de ir para um café ou assim, aparece-me um banco à frente e eu fico ali divertida a pular o banco de um lado ao outro. O que é que achas que existe em comum entre os vários elementos? Até porque há muitos que já me falaram em ir fazer parkour porque não queriam estar em casa... é uma forma de se libertarem... e eu também...
Piri	Onde é que sentes mais abertura? - Matosinhos, talvez... no parque da cidade. Como estamos lá a fazer desporto as pessoas até gostam. Achas que existe algum tipo de resistência social associada ao parkour? - Exactamente... o parkour mostra que se pode inovar e olhar para os sítios de forma diferente. Temos que inovar. As pessoas fazem um jardim e pensam que é só para estar lá quietinho, e nós vamos lá e inovamos, e mostramos que dá para mais.
Jump	Onde é que sentiste mais abertura por parte das pessoas? -até agora foi no parque da cidade e à beira do café "conforto". No café quase não passa ninguém. Passam lá ao fundo, vêem, mas nada mais. No parque da cidade anda lá montes de gente, a gente faz, mas nunca ninguém veio ter connosco a mandar-nos embora ou a dizer que não podemos fazer parkour naquele sítio. Achas que o parkour pode representar alguma forma de resistência social? -acho que sim, porque usamos os espaços de maneira diferente...
John	Achas que a atitude das pessoas varia consoante o local onde treinas? quando vamos para certos sítios, como os mais religiosos, corremos o risco de sermos expulsos, mas se treinássemos, por exemplo num parque de skate, aí as pessoas já não se incomodavam tanto porque aquela zona foi mesmo feita para isso. E em sítios mais urbanos como é que tem sido? - Aí não há tantos problemas, pelo menos em Matosinhos, na zona das praias, do parque da cidade, e por lá, nunca tivemos problemas. Sentes que o parkour representa alguma forma de resistência? Nós treinávamos na zona industrial da feiteira, e se as pessoas nos vissem juntos a fazer parkour, pensavam que éramos ladrões por causa das nossas manobras, e agora já não já não se nota tanto isso.

Independência face ao fenómeno global

Suj.	Unidade de análise
Xavi	O que é que pensas em relação à competição nos vários desportos? Já há pessoas que tentam standardizar o parkour e criar elementos e dar nomes às manobras, mas mesmo essas dizem que não querem a competição. A mim não me aquece nem arrefece, quem quiser competir compete, e quem não quiser mantém-se purista. Tanto mais que, ao início, quando havia só o parkour, apareceu também o free run por causa da vertente mais estética. Como é que foi o início do grupo e a integração dos outros elementos? Nunca tivemos um contacto com outras equipas ou com outro pessoal que fizesse, portanto, parece que desenvolvemos uma outra vertente do parkour em si. O pessoal da Póvoa diz que nós somos muito free style, porque nós não seguimos o livro, e nós dizemos que eles seguem o livro... percebes... Achas que existe alguma marca ou vestuário característico do parkour? Não há, em si, um vestuário, não há uma maneira de andar, uma maneira de vestir, uma maneira de falar, temos coisas nossas mas não nos encaramos dessa maneira. Mas em termos gerais, como é que vês as coisas? Há um padrão. São sempre roupas que no fundo te identificam como traceur pelo vestuário que usas.
Climb	----
Shorty	----
Piri	----
Jump	Que tipo de vestuário é que tu preferes? Em relação a marcas não ligo muito. Há sempre algumas Nike ou Adidas que quando se tem sentimo-nos melhor porque são mais confortáveis...mas mesmo assim, não ligo muito.
John	Há alguma marca com que te identifiques? -Põe acaso não...digamos que compro a mais barata (risos). Que tipo de vestuário preferes? -eu não sigo as bandas como toda agente faz (risos). Eu visto-me da maneira como eu acho que estou bem.

Análise de conteúdo de publicações

Ideologia

Rev.	Unidade de contexto
R1	Praticam *parkour* e fazem parte da nova tribo urbana de Portugal: os *traceurs.* "Desde pequeno que gostava de fazer isto, só que agora tem um nome», diz Luís Filipe, de 18 anos. Hilário Freire, 22 anos, traceur desde 2005 e com historial de praticante de artes marciais. Com recurso a câmaras digirais, praticantes de todo o mundo começaram a

R1	partilhar vídeos de manobras e acrobacias através da internet. A esse respeito, pode mesmo dizer-se que o ano de 2003 foi um marco, com a criação do www.urbanfrceflow.com; um *site* britânico que é uma espécie de «bíblia» para os jovens *traceurs.* Em Portugal, a modalidade também começou por aí. Foi José Gama, com outros dois praticantes que conheceu no Urban Freeflow, que criou o www.parkourpt.com, a primeira página portuguesa na internet sobre o tema. *O site,* que começou a funcionar como ponto de troca de mensagens, é hoje uma referência para os traceurs nacionais. Belle defendia uma aproximação do parkour às artes marciais, condenando a inclusão de saltos mortais ou outros elementos acrobáticos na disciplina. Não queria elevar o parkour a uma arte. Foucan é que tenta fazer a ponte entre as dias ideologias. Criou o termo free running tornando-o mais mediático.
R2	Além disso, a própria expressão de desporto para o definir não é bem aceite por alguns, que o vêem como uma filosofia de vida ou como uma forma de arte em movimento. (...)este, não é um desporto exibicionista, nem de competição! Quem faz parkour fá-lo com uma paixão avassaladora. A filosofia deste desporto é facilmente transferida para o quotidiano, seja na forma atenta como olham para o ambiente que o rodeia, seja na coragem para passar os obstáculos, ou ainda pela capacidade de análise que têm de ter de si mesmos.
R3 R3	(...) jovens dinâmicos, com vontade de experimentar novas sensações e ultrapassar qualquer obstáculo. (...) explica Ninja(...) lamenta Samurai(...) – alguns dos nomes escolhidos pelos praticantes denotam a relação com as artes marciais. (...) para ele é um modo de encarar as coisas. O objectivo é ir em frente, independentemente dos obstáculos." "parkour é ter soluções para problemas". É ai que reside a filosofia do parkour. Não existem barreiras, existem desafios. Irresponsabilidade é uma palavra que não aceitam no dicionário, até porque o respeito pela integridade material e física é regra imposta. O futuro, para ninja, é previsível. " haverá competições, vai tornar-se num desporto radical. Dessa forma vai perder a essência. Mas inevitavelmente as competições vão surgir" É importante saber como apresentar a modalidade. Temos tido um certo cuidado para não deixar deturpar o espírito inicial.
R4	(...) é uma actividade que possui uma filosofia e princípios. Compreender a filosofia do parkour é olhar para lá do simples movimento ou da sua performance. É uma lição de vida todos os dias.

Resistência social

Rev.	Unidade de contexto
R1	Um dos principais problemas de que os *traceurs* portugueses se queixam é o preconceito. Tomam-nos por vândalos. «Vêem-nos de modo diferente, como meia dúzia de "macacos" a saltar...», lamenta Sebastião Martins, 18 anos, o último já

R1	passado a praticar parkour e a frequentar os encontros de Telheiras. O adolescente recorda mesmo um episódio mais tenso, em que a polícia foi chamada a um local onde ele e outros estavam a treinar, por causa de alegados distúrbios. Talvez então, como agora, tenha explicado aos agentes da autoridade que esta modalidade «é algo que implica olharmos não só em frente, mas também para cima e para os lados. É ver as coisas de forma diferente».
R2	(...) acaba por não ser bem aceite por muitas pessoas. De facto, treinar saltos em prédios significa estar em propriedade privada, para além de querer dizer que se vai por os pés nas paredes. Estes são alguns dos motivos pelos quais as pessoas olham para o parkour de lado, ainda para mais quando a agilidade em subir prédios pode ser confundida com um treino para actividades marginais e criminosas.
R3	Já muito traceurs foram vítimas de julgamento alheio. " ao principio as pessoas estranharam muito." Geralmente o que nos dizem é que "vocês parecem uns macacos, já têm idade para ter juízo, é um desporto de ladrão. Com a compreensão ou não da sociedade, este jovens continuam a fazer parkour e a lutar por um objectivo comum: praticar uma modalidade saudável, responsável, diferente... sem serem julgados. "No entanto, aqueles que vêm no parkour um atentado à saúde publica já o fizeram no dia em que se esqueceram das chaves do portão na moradia de férias. Um simples movimento como saltar um portão é parkour.
R4	Parkour: desafiar a urbe. (...) requer uma disciplina rigorosa do corpo e da mente. É uma demonstração da clássica necessidade de liberdade dentro do opressivo mundo do subúrbio moderno. O parkour é conhecido por um número muito restrito de pessoas. Como tal cria um efeito de choque por ser diferente. Mas não é na televisão que se vai explicar o parkour. Desporto não considero, porque não há a parte competitiva. Tem mais características de arte que de desporto, uma vez que é mais importante encontrar uma forma fluida de realizar os movimentos.

Dinâmica de grupo e construção de identidade

Rev	Unidade de contexto
R1	Gama teve o primeiro contacto com o desporto no final de 2004. «Fui para a rua e comecei a treinar», explica. Hoje a situação é diferente e já há encontros regulares (jams) de praticantes. A distância ronda os três metros. «Não me parece difícil*, diz, enquanto analisa o local. O grupo discute as possibilidades de executar a manobra. «Se bates ali com a canela...», avisa Hilário, um pouco renitente. Com a decisão no olhar, Gama decide abordar o obstáculo: «Se alguém ficar cá em baixo, tento.»
R2	----
R3	E ser mulher é um limite? "É um exemplo de coragem. Uma mulher num desporto que é claramente para homens...tem que se dar o valor!", responde Hilário, "E são cada vez mais", completa.

R3	Em www.parkourpt.com é possível partilhar opiniões e experiências, tirar duvidas e combinar jams. "Não é para qualquer um", diz Hilário. Uma boa forma física e um treino intensivo são imperativos.
R4	Mas é preciso interiorizar a filosofia - um elemento fundamental de aprender no parkour. "Toda a gente pode participar. Dependendo da condição física de cada pessoa, cada um pratica ao seu nível. No entanto, à partida, com a dedicação necessária, qualquer pessoa pode atingir bons níveis nesta modalidade. (...) esse medo supera-se ultrapassando barreiras com muito treino e um passo de cada vez. Quem estiver interessado vai à procura e aí comunicamos a verdadeira filosofia e objectivos, o que é bem visto dentro do grupo de praticantes, etc., há coisas que só com a convivência com outros praticantes é que se consegue transmitir.

Simbologia e estética

Rev	Unidade de contexto
R1	Ao longe, parecem ser apenas mais um grupo de jovens. Roupas desportivas, estilo descontraído e bonés de lado. Podiam até ser confundidos com um *gang de* rua.
R2	Estamos a falar do parkour, uma modalidade que tem a cidade como palco principal e que se define como a **arte** de passar obstáculos de uma forma rápida e eficiente. (...) só precisa de vestir umas calças e t-shirt largas e calçar uns bons ténis, de preferência com caixa-de-ar (para um melhor amortecimento) e de borracha lisa (para agarrar melhor a parede.
R3	(...) a leveza está-lhes no genes. t-shit, calças largas e ténis são o material necessário, para além do corpo em sintonia com a mente
R4	É também um desporto com uma componente estética (...) A arte do movimento – é a expressão que melhor define esta actividade.

Relação com o espaço de prática

Ver.	Unidade de contexto
R1	No entanto, em segundos, transformam-se em autênticos acrobatas da selva urbana, saltando sobre bancos de jardim, contornando vedações com movimentos ágeis e terminando com cambalhotas pelo cimento que abunda na zona de Telheiras, em Lisboa. (...)a modalidade deixa de lado os acessórios e faz apenas uso do corpo humano para ultrapassar da forma mais rápida e directa os obstáculos que a malha urbana apresenta. Escadas, portões ou muros são pontos de partida para saltos e outros movimentos, muitos deles com elevados níveis de espectacularidade. (...)todas as manobras começam por ser experimentadas numa sala de ginástica do Sporting, onde o grupo se reúne duas vezes por semana. «Às vezes, sem

R1	experimentar num colchão não dá mesmo». (...)descobre uma nova possibilidade de salto em Telheiras, entre o topo de uma garagem e uma parede de protecção de um prédio. Ao fundo, algumas crianças brincam num parque infantil. Na preparação do salto, medem-se distâncias, contam-se as passadas e ensaiam-se movimentos para conseguir maior impulsão. O silêncio. A concentração. A tentativa e... o sucesso. «Faz-se bem!», grita Gama numa explosão de adrenalina enquanto desce da parede. «Vamos filmar?»
R2	Apesar de a maioria defender que se trata de um desporto urbano, também há quem contrarie esta ideia argumentando que este também pode ser praticado no meio da natureza. O intuito é fluir na cidade de forma contínua criando uma simbiose perfeita entre o indivíduo e o ambiente que o rodeia. As técnicas básicas são realizadas ao nível do chão e só depois se passa para as técnicas em altura. O facto do "traceur" se ver confrontado com um obstáculo e querer passá-lo, vai obrigá-lo a analisar o que tem à frente, estudar a forma de o fazer e "olhar para dentro de si" para avaliar se tem ou não capacidade para realizar o movimento. Por ser um desporto arriscado já existem ginásios onde se podem praticar as técnicas de parkour – isto apesar deste ser um desporto de rua.
R3	Conhecem o meio que desafiam e movem-se com subtileza. Fundem-se na perfeição, com a cidade. Contornar obstáculos para chegar a um certo local é coisa do passado. Muros, varandas, corrimões, bancos... tudo pode ser ultrapassado. No entanto, o parkour não é uma actividade exclusivamente urbana. "só que no campo não há nada!", lamenta Samurai. "Estragar é ficar sem obstáculo, sem treino".
R4	"the way is the path of the silence. Cut across town quietly at your own speed. Concentrate on footwork, Your Touch, Your own sensibility. Look for cat-like silence and you will find the path... This is the way" Sebastien Foucan. Quem observa pode ser surpreendido com uma série de acrobacias que redefinem o conceito de obstáculos urbanos.

Independência face ao fenómeno global

Ver.	Unidade de contexto
R1	----
R2	Os elementos acabam por ser muito variáveis, uma vez que cada "traceur" combina diferentes técnicas de uma forma muito pessoal. Não vale a pena querer imitar alguém a fazer um movimento se não se sentirem preparados, até porque, este, não é um desporto exibicionista(...)
R3	----
R4	----

R1- Notícias Magazine
R2- Sport Life
R3- Fórum Estudante
R4- Umbigo
Análise de conteúdo de *sites*, *blogs* e fóruns

Título: Official Blog Parkour – David Belle

-Menu

-Itens:

- Actualidade – notícias acerca da do parkour pelo mundo

- O que é o parkour – definição presente na wikipédia acerca do parkour.

- Raymond Belle (pai) – História do pai de David Belle como iniciador do que mais tarde viria a ser o parkour.

- Georges Hebert (autor do livro que influenciou).

- Equipa de Ginástica: coordenação e agilidade – Informação sobre a equipa de ginástica onde Belle treinou durante a infância e adolescência.

- Os percursos (parcours) do treino. – Um pouco sobre os princípios enunciados no livro de Hebert.

- O desporto utilitário e o desporto espectáculo – sobre a utilidade do parkour e sobre o percurso dos yamakasi, grupo formado para a primeira demonstração e que posteriormente entrou em filmes (Yamakasi, Luc Besson)

- O parkour by David Belle – descrição da sua perspectiva sobre o parkour; video da demonstração que deu visibilidade ao parkour (1998).

- O parkour em formação – As viagens de Belle pela Europa divulgando o parkour.

- Como se tornar um membro

- Contacto

Título: Parkour.net – o portal feito por traceurs para traceurs, apoiado pelo David Belle e pela PAWA (Associação mundial de parkour).
(Site em manutenção, sendo apenas possível aceder aos menus)

-Menu

-Itens:

-Noticias

-Artigos – sobre várias áreas de interesse para o parkour

-Fotos

-Videos

Título: www.parkour.pt

-Menu

-Itens:

-Entrevistas – scans de artigos presentes em revistas.

-Fórum:

-GERAL

- Refere-se a informações gerais que vão desde reportagens nos media, a artigos sobre a filosofia ou técnica dp parkour, contando com várias outras informações de carácter geral. -guerra ao parkour comercial declarada

-EQUIPAMENTO

- Sobre vários tipos de equipamento, desde vestuário a análises a vários modelos de sapatilhas, passando também por equipamentos de treino da força.

-NEWBIES

- Com apresentações feitas pelos membros mais recentes.

-MUSICA

-Bandas referidas:

-Moonspell – Heavy Metal

-Tool – Nu Metal

-Valete – Hip Hop

-Sam the kid – Hip Hop

-Lupe Fiasco - Punk

-Pharell - Punk

-Rise against - Punk

-The raconteurs - Punk

-MCR – Punk

-Artic Monkeys- Indie rock

-Red hot chilli peppers Funk/rock

-SUPLEMENTOS

- Discussão acerca dos melhores suplementos para ganhar massa muscular .

-TÉCNICA

- Sobre a forma de realizar os vários elementos.

Título: Urban FreeFlow

-Menu

-FÓRUM – itens:

-General Discussion

-The Otherground

-Whatever your level, everyone should be united under one

banner. A forum to share stories and make a connection with like minded people.

-The Underground

-A place to shit talk and discuss stuff that's non pk related.

-Girls Locker Room

-A forum specifically for female practitioners to talk.

-Urban Graffiti

For posting Parkour related videos, pictures, and website links.

-Jam Dept

A place for Jams to be set in motion. This forum caters for the international scene as a whole.

-Techniques

A place to talk about all the movements that make up the discipline.

-PK Fitness

A place to discuss training tips, diets and supplements.

-Hotspots

Compiling the best Parkour locations from around the world. Post your submissions to be added to the UF Hotspots directory.

-Urban Freeflow Parkour Academy

Discussion area for Academy students and those interested in our classes. Please keep posts relevant.

-INTERNACIONAL – itens:

-PKUSA

Forum dedicated to USA traceurs.

-PKCA

Forum dedicated to Canadian traceurs.

-PK OZ/NZ

Forum dedicated to Australian and New Zealand traceurs

-PKEAST

Forum dedicated to Far East traceurs.

-Local Action UK

Find Traceurs in your area and have localised dicussions here.

-Local Action USA

Check your State for local-specific discussions

-Local Action Canada

Find Traceurs in your area and have localised dicussions here.

-Local Action OZ/NZ

Find Traceurs in your area and have localised dicussions here.

-Local Action Asia Pacific

Find Traceurs in your area and have localised dicussions here.

-Local Action - Everywhere Else

A forum for discussions for anyone in Europe, Africa, and South America

-MEDIA – Itens:

-Lista de empresas com as quais a equipa já trabalhou.

- Hp
-Sony
- Walt Disney
- Adidas
- etc...

-STREETWARE – itens:

-Catalogo de vestuário oficial da equipa, para venda através da Internet.

-URBAN GRAFFITI – itens:

- Colecção de fotos de parkour

- COMPETITION – itens:

- Artigo acerca da competição no parkour[1].

[1] **-Competition and Freestyle Parkour: Guilty Until Proven Innocent?**

-FUNDAMENTALS – itens:

-Descrição dos elementos básicos

-UFTEAM – itens:

- Lista dos membros

It is fair to say that 'competition' has almost become a four-letter word in parkour circles. An unmentionable, a taboo, a name-thou-shall-not-utter. Most freerunners seem to identify the birth of organised competition with the death of the art.

But are we being unfair to Old Competition? Are we damning it without trial, righteously declaring 'guilty!' beyond any proof of innocence?

Take a simple foot-race. The common understanding is that the athlete competes against the opponents in an effort to prove he or she is the fastest. A more complete understanding is that the athlete competes *with* the opponent, and they compete together *against failure*. The essence of competition is to create the most challenging environment possible

It is no secret that competition in physical endeavour has driven the physical development and achievements of our race. We feed off our rivals, we improve because of the challenge our opponents present: this is the key behind the ancient and perennial warrior maxim that one should 'be thankful for strong enemies'.

Though it may not be a popular idea in the current sport industry that promotes a fixation upon winning at all costs above the lifestyle and ideals of physical culture, a true competitor holds winning and losing as secondary to creating the most challenging environment possible so that all participants may have the opportunity to grow, improve and develop.

Competition already exists on many levels within the freerunning community: friends challenge each other to improve upon their most recent efforts; training partners push each other during sessions, even involuntarily; members of the same crew feed off each other's energy and achievements as they seek new boundaries to break. This *is* competition, even though it happens within a loose and perfectly amicable framework. And it benefits all.

So it is with Parkour. Even were there to be regular global competitions, drawing thousands of freerunners and massive commercial sponsorship, there would still be those who had no interest in competing and maintained their practice as a personal, transformative discipline. There will be those who see it as a way of life, and those who view it as a means to earn fame and money, and there will also be people who combine the two and cover every shade of grey in-between. And this diversity, this variety of practitioner, can only increase the overall health and vigour of the art-form and the community.

Of course, victory is the goal of competition – but most are competing against the wrong opponent. The meaningful victory is not gained over each other; there will always be someone faster, more fluid, 'better' than yourself, and who wins on any given day is the result of countless factors, many of them completely beyond the control of the competitors. No, the real victory is to be gained over failure and personal stagnation. The real victory is to be found in *growth*.

Organised competitive freerunning will come about: it is a matter of when, not if. How the existing community receives it will have a huge impact on how beneficial this development will be. We *could* greet it as the inevitable and valuable appeal of our dynamic and vibrant discipline, and use it to the advantage of all freerunners. We *could* see it as the merging of training, practice and competition that will bring about increased sophistication and incremental progression, creating a new understanding about the role of Parkour in personal development. We could even choose to utilise this potential tool to gain a deeper appreciation for the lifestyle of physical culture and human kinetics.

Or we could simply judge the notion of competition before ever giving it a chance, and gain nothing at all. The choice, as always, is ours.